

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DO PLANO DE FORMAÇÃO da Forestis (2004-2006)



Ficha Técnica

Título da publicação:

“RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DO PLANO DE FORMAÇÃO da Forestis (2004-2006)”



Edição: Forestis  forestis
associação forestal de portugal

Coordenação da publicação: Rui Pena/  bee consulting

Equipa Técnica: Zulmira Campelo, José Gabriel Pereira, Paulo Guedes, Nuno Ferreira, Ana Paula Gonçalves, Rosário Alves.

Execução Gráfica: Opal Publicidade, S. A.

Ano: 2007

ISBN: 978-972-96003-4-0

Depósito legal:

Tiragem

500 exemplares

INTRODUÇÃO

pág.4

1

Plano de Formação da
FORESTIS (2004-2006)

pág.7

1.1

Entidade financiadora pág.8

1.2

Entidade organizadora pág.8

1.3

Breve descrição do projecto formativo pág.12

1.4

Breve descrição das Acções de Formação pág.17

2

Metodologia de avaliação
utilizada

pág.23

2.1

Considerações sobre o desenho da metodologia e
a validade do estudo pág.24

2.2

Fases da implementação do estudo pág.26

2.3

Equipa de avaliação pág.30

3

Caracterização da amostra de participantes no Plano de Formação
da FORESTIS (2004-2006)

pág.31

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)
pág.37

4.1

Grau de eficácia do Plano de Formação – Nível 3 do “modelo de Kirkpatrick” pág.38

4.1.1 Análise global da formação para proprietários florestais pág.45

4.1.2 Análise global da formação para técnicos florestais pág.47

4.1.3 Análise global da formação para dirigentes florestais pág.48

4.1.4 Análise global da formação para sapadores pág.49

4.1.5 Análise global da formação para administrativos pág.50

4.2

Impacto do Plano de Formação – Nível 4 do “modelo de Kirkpatrick” pág.51

5

Pontos Fortes e Pontos Fracos do projecto formativo
pág.63

6

Aspectos a melhorar/sugestões
pág.69

7

Considerações Finais
pág.75

ANEXOS
pág.79

Introdução

O presente documento diz respeito a um resumo executivo de um estudo de avaliação do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006), que tem como principal objectivo facilitar o acesso à informação mais relevante sobre o referido.

O estudo surge na sequência da valorização estratégica da formação profissional, no contexto da actividade da FORESTIS no sectorial florestal. Foi desenvolvido por uma equipa de projecto, por sua vez composta por duas sub-equipas: uma primeira, aqui designada por “equipa coordenadora” (especialista em avaliação de projectos e investigação em ciências sociais) responsável por garantir independência e imparcialidade do estudo, assim como a sua qualidade, e uma segunda equipa, aqui designada por “equipa técnica” (especialista na área florestal) que teve como principal papel garantir a interpretação das competências e dos pressupostos técnicos subjacentes a cada uma das Acções de Formação, assim como a adequada interpretação e enquadramento de todas as análises e ilações para o contexto do sector florestal de Portugal. A equipa coordenadora foi constituída por elementos de uma entidade especializada neste tipo de estudos, a Bee Consulting¹, e a equipa técnica por colaboradores da FORESTIS – Associação Florestal de Portugal. Vamos, no

ponto 2 deste documento, resumidamente descrever a metodologia utilizada, sendo dessa forma possível apresentar as variáveis consideradas no estudo e o papel que cada uma destas sub-equipas teve na sua realização. Este documento deve ser entendido como um resumo, onde não consta a globalidade das análises e interpretações realizadas, devendo ser utilizada a versão completa para esclarecimento de dúvidas que este documento possa gerar.

Antes disso, começaremos por descrever de forma breve o Plano de Formação alvo do estudo, nomeadamente o seu âmbito, dimensão e breve caracterização das Acções de Formação realizadas e dos seus participantes. Dada a dimensão do projecto foi utilizada uma amostra da população-alvo, sendo também aqui descrita a sua composição e a forma como foi estabelecida.

No que diz respeito ao processo de “Avaliação da Formação” importa referir que foram utilizados os referenciais preconizados pelo IQF – Instituto para a Qualidade na Formação – no domínio do “Acompanhamento e Avaliação da Formação”. O IQF apresenta como referencial para este domínio um modelo de níveis, sistémico e evolutivo, desenvolvido por Donald Kirkpatrick², que foi, por essa razão, utilizado no presente estudo.

QUADRO 1

Níveis de Resultados da Formação³ (segundo Donald Kirkpatrick)

Nível 1 – Reacção (enfoque: satisfação, percepção, opinião, ...).

Nível 2 – Aprendizagem (enfoque: saberes, saberes-fazer técnicos, sociais e relacionais adquiridos).

Nível 3 – Comportamentos (enfoque: transferência de aprendizagens para os contextos de trabalho, ou seja, aplicação dos saberes adquiridos).

Nível 4 – Resultados (enfoque: impacto no desempenho das equipas e no desempenho organizacional).

Tendo este modelo como referência, o estudo focaliza-se na recolha, análise e interpretação de dados de Nível 3 – Comportamentos (enfoque: transferência de aprendizagens para os contextos de trabalho, ou seja, aplicação dos saberes adquiridos) e de Nível 4 – Resultados (enfoque: impacto no desempenho

das equipas e no desempenho organizacional).

Salientamos ainda que este tipo de estudo visa, por um lado, fornecer feedback à entidade (FORESTIS) sobre a eficácia da formação desenvolvida e, por outro lado, apresentar sugestões de melhoria para projectos futuros.

1) Entidade acreditada pelo IQF pelo processo nº 3600 para a execução de serviços no domínio de “Acompanhamento e Avaliação da Formação”.

2) Cardoso, Z. (Coord.) (2003). Kurse, K., (2006). Winfrey, E. C. (1999).

3) IQF (2007).

1

**Plano de Formação da
Forestis (2004-2006)**



1

Plano de Formação da
FORESTIS (2004-2006)

1.1

Entidade Financiadora

O projecto formativo da FORESTIS (2004-2006) foi financiado pelo Fundo Social Europeu, com o co-financiamento do Estado Português, pelo orçamento do Ministério da Agricultura do Desenvolvimento Rural e das Pescas, através do Programa AGRO, Medida 7 – Formação Profissional.

1.2

Entidade organizadora

A entidade promotora do projecto formativo foi a FORESTIS – Associação Florestal de Portugal, instituição sem fins lucrativos e de utilidade pública (estatuto reconhecido em 1998), fundada em 1992 e que agrega Organizações de Proprietários Florestais (OPF) de âmbito sub-regional.

Desde a sua fundação, a FORESTIS tem como principal objectivo estimular o associativismo no sector florestal apoiando a criação e desenvolvimento de OPF's de âmbito sub-regional, assim como fornecer apoio técnico às mesmas.

O Movimento Forestis, representa cerca de 9000 proprietários associados das 28 organizações florestais filiadas que englobam uma estrutura com cerca de 356 recursos humanos, dos quais 250 sapadores, 29 administrativos e 77 técnicos, mobilizando mais de duas centenas de dirigentes activos e voluntários. Este movimento tem como objecto o apoio aos proprietários florestais (informação, assessoria técnica,

elaboração e acompanhamento de projectos de investimento florestal, vigilância e protecção contra incêndios). Neste compromisso de apoio aos proprietários florestais e às OPF *O Movimento Forestis* enquadra a formação profissional como serviço estruturante para o desenvolvimento das competências das pessoas e das organizações, dos quais faz parte o Plano alvo do estudo.

A FORESTIS tem actualmente os seguintes objectivos:

1. Promover a criação de Organizações Florestais Sub-Regionais de proprietários florestais, assim como fornecer-lhes serviços de apoio técnico;
2. Contribuir para um ordenamento florestal sustentável;
3. Representar os proprietários florestais junto dos agentes da fileira florestal e da Administração Pública.

QUADRO 2

Organizações de Proprietários Florestais de *o Movimento Forestis*

	OPF	Sede
1	APFVM – Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho	Monção
2	AFL – Associação Florestal do Lima	Ponte de Lima
3	AFC – Associação Florestal do Cavado	Braga
4	PORTUCALEA – Associação Florestal do Grande Porto	Gondomar
5	ASVA – Associação dos Silvicultores do Vale do Ave	Guimarães
6	AFVS – Associação Florestal Vale do Sousa	Paredes
7	AFEDV – Associação Florestal de Entre Douro e Vouga	Arouca
8	AFEDT – Associação Florestal de Entre Douro e Tâmega	Marco de Canaveses
9	AFLODOUNORTE – Associação Florestal do Vale do Douro Norte	Murça
10	CELFLORE – Associação de Produtores Florestais	Celorico da Beira
11	CEDRUS – Associação de Produtores Florestais de Viseu	Viseu
12	CAPOLIB – Cooperativa Agrícola de Boticas	Boticas
13	VERDE LAFÕES – Associação dos Produtores Florestais	Vouzela
14	AGRIARBOL – Associação Produtores Agro-Florestas da Terra Quente	Macedo de Cavaleiros
15	URZE – Associação Florestal da Encosta da Serra da Estrela	Gouveia
16	AFBV – Associação Florestal do Baixo Vouga	Albergaria-a-velha
17	Cooperativa Agro-Silvo-Pecuária de Vila Nova de Ceira	Vila Nova de Ceira
18	RIBAFLORE – Associação Florestal das Terras de Ribadouro	Lamego
19	APFCAN – Associação de Produtores Florestais do Concelho de Alcobaça e Nazaré	Pataias/Alcobaça
20	AFACC – Associação Florestal e Ambiental do Concelho de Chaves	Chaves
21	AFCG – Associação Florestal do Concelho de Góis	Góis
22	APFLOR – Associação dos Produtores e Proprietários Florestais de Pedrógão Grande	Pedrógão Grande
23	AFLOSUL – Associação Florestal do Sudeste Algarvio	Lagos
24	ASFLOBAR – Associação Florestal do Barroso	Montalegre
25	APFAM – Associação de Produtores Florestais de Avélos e Muradal	Oleiros
26	AGUIARFLORESTA – Associação de Produtores Florestais de Vila Pouca de Aguiar	Vila Pouca de Aguiar
27	AFLOPINHAL – Associação Florestal do Pinhal	Lousã
28	AFRP – Associação Florestal de Ribeira de Pena	Ribeira de Pena
29	ARBOREA – Associação Florestal da Terra Fria Transmontana	Vinhais

1

Plano de Formação da
FORESTIS (2004-2006)

Relativamente à formação profissional, a FORESTIS assume a responsabilidade de desenvolvimento de um conjunto de actividades, algumas delas em co-ordenação com as diversas OPF's, para que seja garantida a máxima qualidade e controlo de custos no ciclo formativo. Visa assim o adequado diagnóstico de necessidades de formação, concepção, organização e desenvolvimento da formação (incluindo a concepção técnica dos programas, a garantia de condições na execução da formação, contratação de formadores e selecção de formandos) concluindo com a avaliação dos projectos formativos, como é o

caso do presente estudo.

A FORESTIS é uma entidade acreditada pelo Instituto para a Qualidade na Formação (IQF), pelo processo nº 1091, nos domínios de Diagnóstico, Planeamento, Concepção, Organização e Desenvolvimento de Formação.

Executa formação desde 1996, considerando-a estratégica para o desenvolvimento no sector florestal. Tem como populações-alvo: proprietários florestais, técnicos florestais, dirigentes associativos, administrativos e sapadores florestais.

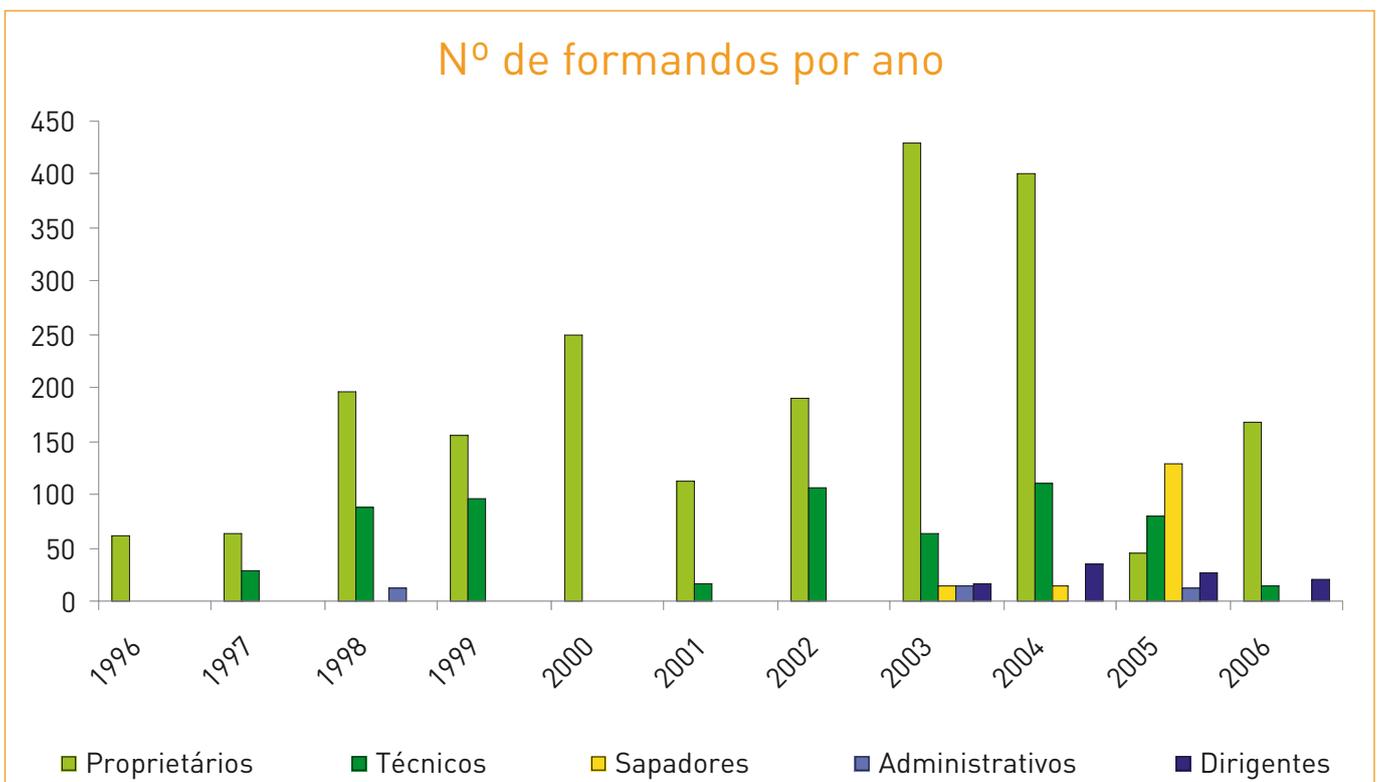


Figura 1 – Formandos que frequentaram formação executada pela FORESTIS desde 1996.

Plano de Formação da
FORESTIS (2004-2006)

Nas **Figuras 1 e 2** destaca-se o investimento na população de proprietários florestais, sendo que nos últimos anos foram introduzidas acções para dirigentes associativos, administrativos e sapadores.

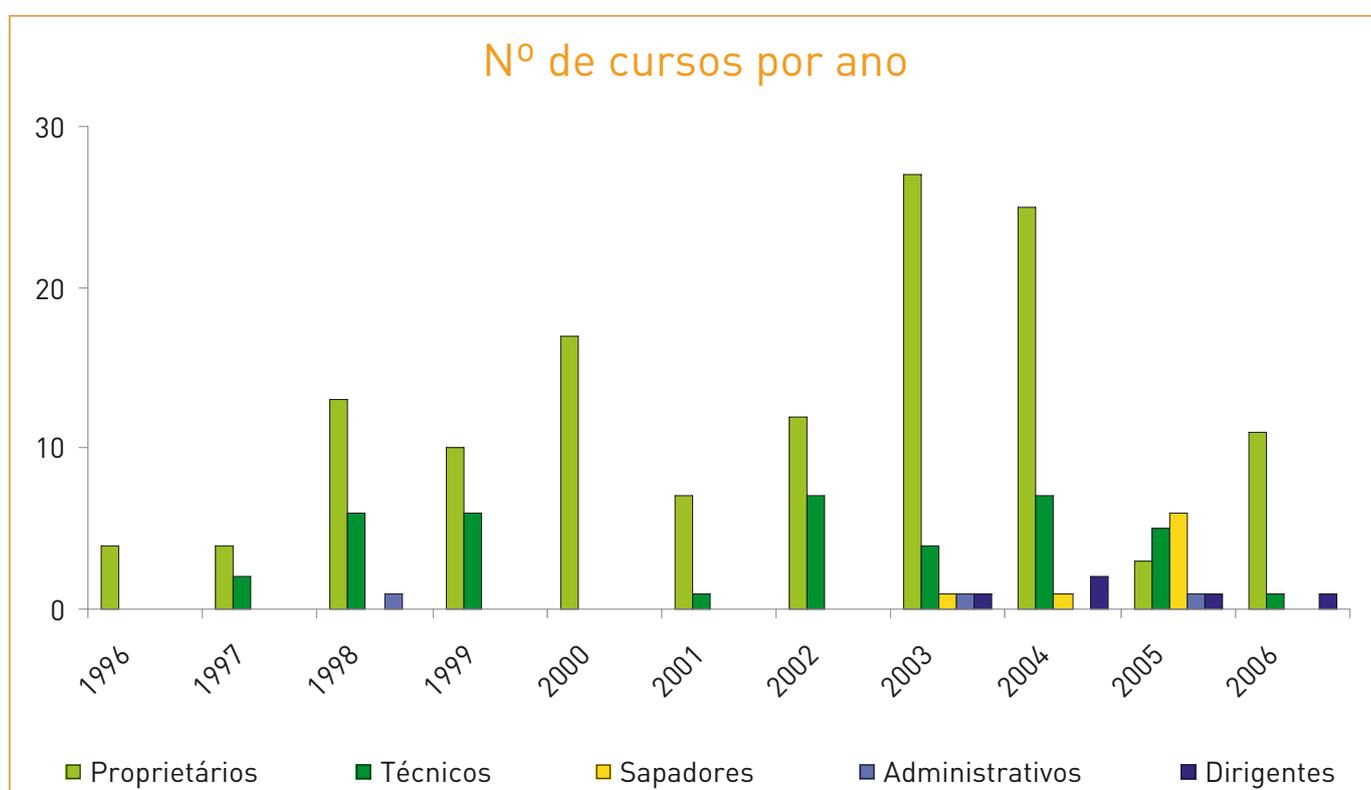


Figura 2 – Cursos desenvolvidos pela FORESTIS desde 1996.

Se no caso dos sapadores a justificação está relacionada em grande parte com factores externos, decisões governamentais de financiamento e incentivo à constituição de equipas de sapadores florestais de âmbito local, no caso dos administrativos

e, principalmente, dos dirigentes, essas acções foram tomadas com o objectivo de incrementar a profissionalização da gestão das OPF's, por via da formação dos dirigentes eleitos.

1

Plano de Formação da
FORESTIS (2004-2006)

Distribuição dos destinatários da formação

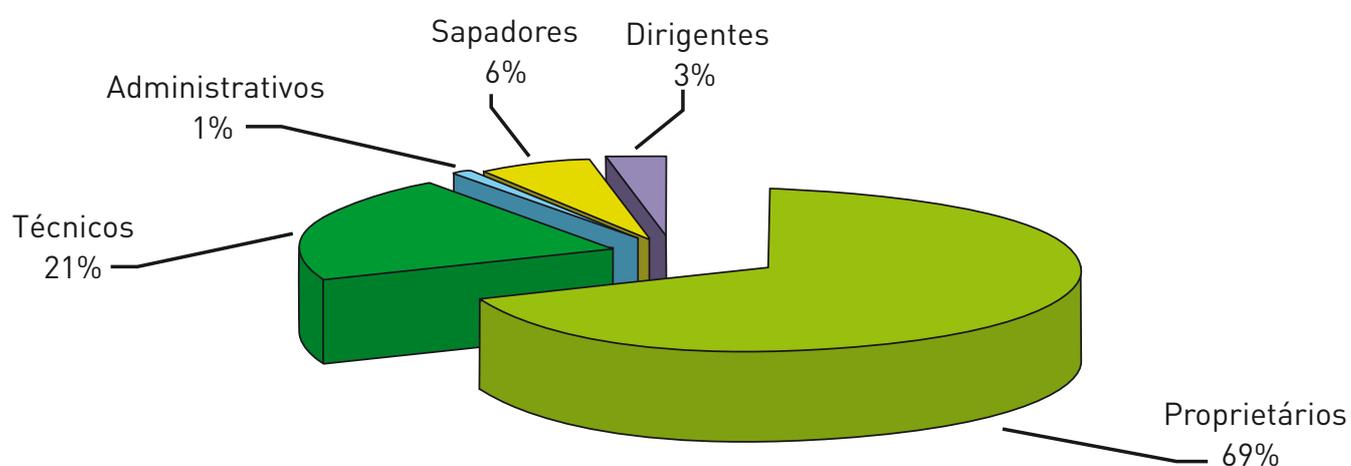


Figura 3 – Destinatários da formação desenvolvida pela FORESTIS desde 1996.

1.3

Breve descrição do projecto formativo

O projecto formativo FORESTIS (2004-2006)⁴ tem na sua base um diagnóstico⁵ realizado em 2003, no qual foram estabelecidas prioridades em termos de execução de formação, convergentes com os objectivos da FORESTIS. Essas prioridades estratégicas foram definidas em função das populações-alvo: proprietários florestais, técnicos florestais das OPF's, administrativos das OPF's e equipas de sapadores das OPF's.

Passamos a enunciar as prioridades estratégicas definidas no Diagnóstico de Necessidades de Formação, ponto de partida do estudo realizado.

Objectivos para população de proprietários florestais:

- Promover a gestão empresarial dos recursos florestais, mesmo num contexto de minifúndio, com o objectivo de aumentar a produtividade e a qualidade do material lenhoso ou dos produtos a ele associado;
- Promover a utilização do uso múltiplo como forma de aumentar as mais valias da produção

⁴) Apesar do plano respeitar aos anos 2004-2006, a sua execução prolongou-se até ao ano de 2007.

⁵) Campelo, Z. (Coord., 2003).

Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

florestal, em particular nos períodos em que a floresta está em crescimento activo e portanto não é rentável;

- Sensibilizar e capacitar os produtores para as necessidades de protecção da floresta contra o fenómeno recorrente dos fogos florestais, bem como da necessidade de recuperar áreas que tenham sido afectadas;
- Sensibilizar e capacitar os proprietários florestais para as medidas de financiamento colocadas à sua disposição para o incentivo à actividade florestal, apresentando casos práticos com viabilidade económica e demonstrativos de boas práticas;
- Sensibilizar os proprietários florestais para as novas evoluções a que o sector florestal está sujeito na economia mundial e formar no sentido da transferência de conhecimentos e competências necessárias à implementação dos novos processos e métodos de produção, gestão e comercialização.

Objectivos para a população de técnicos florestais:

- Dotar os técnicos de conhecimentos e competências em áreas técnicas para as quais se identificou uma maior lacuna de formação ao nível dos *curricula académicos* (“Infra-estruturas Florestais”; “Fogos Controlados” e “Gestão Cinegética”);
- Dotar os técnicos de conhecimentos e competências em áreas técnicas relacionadas com as novas tecnologias aplicadas à elaboração de projectos (“Utilização dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) nos Investimentos

Florestais”) e aos novos processos (“Gestão de resíduos florestais”);

- Dotar os técnicos de conhecimentos e competências em áreas técnicas que têm vindo a ganhar importância no sector florestal, em particular nas actividades de silvicultura preventiva: “Fogos Controlados”; “Instalação e Condução de Folhosas”; “Infra-estruturas florestais”; “Resíduos florestais”;
- Dotar os técnicos de conhecimentos e competências em áreas onde se registaram evoluções técnicas e normativas: “Gestão Florestal Sustentável e Certificação”; “Mercado e Comercialização de Madeiras”; “Inventariação e comercialização de material lenhoso”;
- Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de os ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: “Gestão Cinegética”; “Exploração de cogumelos silvestres”; “Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais”;

Objectivos para a população de dirigentes de OPF’s:

- Aumentar a competitividade e sustentabilidade das OPF’s, dotando os dirigentes associativos de conhecimentos e competências, em particular nos domínios que estejam directamente ligados às seguintes tarefas desenvolvidas pelos dirigentes: Marketing e Lobbying das associações; Gestão de Recursos Humanos; Gestão Financeira, proporcionando-lhes as bases ne-

1

Plano de Formação da
FORESTIS (2004-2006)

- cessárias para a adaptação das OPF's às exigências da actual organização do trabalho;
- Reforçar o movimento associativo e a sua capacidade de intervenção no sector florestal, através da promoção de dinâmicas que permitam a reflexão em grupo sobre temas como: sustentabilidade financeira das OPF's; profissionalização das OPF's; criação de uma estratégia de Lobbying conjunta.

Em relação às populações de sapedores e administrativos, não tendo sido mencionadas no referido diagnóstico, as directrizes estratégicas específicas enquadravam-se na melhoria do desempenho das OPF's, convergentes com as directrizes estratégicas estabelecidas para a população de dirigentes das OPF's.

Para execução do Plano de Formação foram apresentadas candidaturas ao financiamento pela "Medida 7 – Formação Profissional do Programa Agro", ao longo do período de execução, tendo por base as prioridades e objectivos estabelecidas no diagnóstico. Foram pormenorizadamente desenvolvidos os referenciais de formação, com os respectivos objectivos pedagógicos e conteúdos programáticos. Na análise realizada ao Diagnóstico de Necessidades de Formação e aos referenciais de formação (formulários de candidatura ao Programa Agro) a FORESTIS demonstra dar muita importância, entre outros aspectos, à adequabilidade dos conteúdos e objectivos pedagógicos, calendarização, duração e horário das Acções de Formação e selecção de formadores. Outro aspecto da execução do plano analisado diz

respeito à forma como foram organizadas as Acções de Formação. Dada a circunstância de se tratar de um "movimento" de proprietários florestais e, sendo a FORESTIS o representante de topo, assume a responsabilidade por todas as actividades de coordenação e relacionamento com as entidades financiadoras de formação profissional para o sector, executando posteriormente a formação em parceria com as OPF's. Destas, nem todas optam por recorrer aos serviços da FORESTIS, uma vez que lhes é dada a possibilidade de se relacionarem directamente com as entidades financiadoras dos projectos formativos e optam por essa alternativa. No âmbito do projecto formativo estudado, todas as Acções de Formação foram realizadas em co-organização com OPF's de âmbito sub-regional (no Quadro 3 apresentamos as OPF's envolvidas no Plano de Formação (2004-2006). As actividades de co-organização que as OPF's assumem estão relacionadas com a divulgação das acções, selecção de formandos e criação de condições para o desenvolvimento da formação (salas de formação, equipamentos e materiais, assim como outras necessidades diversas).

QUADRO 3

Organizações de Proprietários Florestais que co-organizaram Acções de Formação em parceria com a FORESTIS

	OPF	Nº de Acções
1	APFVM – Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho	1
2	AFL – Associação Florestal do Lima	2
3	AFC – Associação Florestal do Cavado	2
4	PORTUCALEA – Associação Florestal do Grande Porto	2
5	ASVA – Associação dos Silvicultores do Vale do Ave	0
6	AFVS – Associação Florestal Vale do Sousa	3
7	AFEDV – Associação Florestal de Entre Douro e Vouga	0
8	AFEDT – Associação Florestal de Entre Douro e Tâmega	1
9	AFLODOUNORTE – Associação Florestal do Vale do Douro Norte	1
10	CELFLOR – Associação de Produtores Florestais	0
11	CEDRUS – Associação de Produtores Florestais de Viseu	0
12	CAPOLIB – Cooperativa Agrícola de Boticas	1
13	VERDE LAFÕES – Associação dos Produtores Florestais	2
14	AGRIARBOL – Associação Produtores Agro-Florestas da Terra Quente	0
15	URZE – Associação Florestal da Encosta da Serra da Estrela	4
16	AFBV – Associação Florestal do Baixo Vouga	2
17	Cooperativa Agro-Silvo-Pecuária de Vila Nova de Ceira	0
18	RIBAFLOR – Associação Florestal das Terras de Ribadouro	3
19	APFCAN – Associação de Produtores Florestais do Concelho de Alcobaça e Nazaré	0
20	AFACC – Associação Florestal e Ambiental do Concelho de Chaves	1
21	AFCG – Associação Florestal do Concelho de Góis	3
22	APFLOR – Associação dos Produtores e Proprietários Florestais de Pedrogão Grande	1
23	AFLOSUL – Associação Florestal do Sudeste Algarvio	0
24	ASFLOBAR – Associação Florestal do Barroso	0
25	APFAM – Associação de Produtores Florestais de Avélos e Muradal	2
26	AGUIARFLORESTA – Associação de Produtores Florestais de Vila Pouca de Aguiar	2
27	AFLOPINHAL – Associação Florestal do Pinhal	1
28	AFRP – Associação Florestal de Ribeira de Pena	0
29	ARBOREA – Associação Florestal da Terra Fria Transmontana	3

1

Plano de Formação da
FORESTIS (2004-2006)

Para além da participação das OPF's, no Plano de Formação, a FORESTIS relacionou-se com um conjunto de entidades e técnicos especializados que garantiram a concepção e desenvolvimento das Acções de Formação.

Entidades dos Ministérios da Agricultura, Ambiente e Administração Interna:

- Direcção Geral dos Recursos Florestais;
- Parque Nacional da Peneda-Gerês;
- Parque Natural da Serra da Estrela;
- Parque Natural de Montesinho;
- Serviço Nacional de Bombeiros e Protecção Civil;
- Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho (DRAEDM);
- Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes (DRATM);
- Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral (DRABL);
- Direcção Regional de Agricultura da Beira Interior (DRABI).

Entidades ligadas à investigação/experimentação:

- Escola Superior Agrária de Bragança (ESAB);
- Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD):
 - > Departamento Florestal;
 - > Departamento de Edafologia;
 - > Departamento Industrias Alimentares;
 - > Departamento de Protecção de plantas;
- Faculdade de Ciências da Universidade do Porto;
- Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
- Universidade Católica;
- Escola Superior Agrária de Coimbra (ESA);

- Instituto Superior de Agronomia;
- Estação Florestal Nacional.

Outras entidades de âmbito associativo, socioprofissional ou empresarial que colaboraram ao nível do desenvolvimento do projecto formativo (na sua componente prática, ou relacionada com visitas de estudo):

- Associação Florestal da Galiza;
- Associação Florestal de Navarra – Foresna Zurgaia;
- Associação Florestal de Guipuzcoa;
- Associação Florestal de Soria;
- Fafcycle – Federação de Associações Florestais de Castilha/León;
- Madeiras Villapol;
- CESEFOR – Centro de Serviços e Promoção Florestal e sua Indústria de Castilha-León;
- Associação para a Valorização da Floresta do Pinho (Centro Pinus);
- CELBI;
- Conselho da Fileira Florestal Portuguesa;
- AFOCELCA;
- GRAF – Bombeiros Profissionais da Catalunha;
- Associação Tradição e Qualidade;
- IDARC – Instituto para o Desenvolvimento Agrário da Região Centro;
- IDARN – Instituto para o Desenvolvimento Agrário da Região Norte;
- Viveiros Centrais de Ribadouro;
- Grupo Portucel/Soporcel;
- Centro de Biomassa para a Energia;
- Sobioen, Soluções de Bioenergia, S.A.

Plano de Formação da
FORESTIS (2004-2006)

1.4

Breve descrição das Acções de Formação

A formação que a FORESTIS desenvolve abrange dimensões técnicas relacionadas com o planeamento e gestão florestal. Os programas de formação são concebidos, por um lado, em função de aspectos técnicos genéricos como a certificação, a comercialização, a defesa da floresta contra incêndios, protecção e multifuncionalidade da floresta, entre outros e, por outro lado, em função das características regionais/locais das populações-alvo, nomeadamente a distribuição

das espécies florestais pelo país (eucalipto, pinheiro, castanheiro). Para além das áreas directamente relacionadas com a floresta, desenvolve ainda programas específicos (dirigidos a profissionais do sector) de dimensões mais ou menos transversais: gestão, marketing, administração, finanças, gestão de recursos humanos, entre outros. Estas temáticas têm como destinatários as populações que utilizam competências com elas relacionadas: administrativos, dirigentes e técnicos florestais.

As Acções de Formação foram agrupadas em Áreas Temáticas:

QUADRO 4:

Acções de formação realizadas no âmbito do projecto formativo

ÁREA TEMÁTICA	Cursos	Nº de cursos	Nº de participantes	Com visitas de estudo/aplicações práticas de campo?
PRODUTORES FLORESTAIS				
040301	Podas e Desramações em Povoamentos Florestais	3	46	SIM
	Gestão e Protecção da Floresta	1	14	SIM
	Instalação e Condução de Povoamentos Florestais	1	16	SIM
	Gestão da Floresta	1	16	SIM
020501	Apicultura	1	16	SIM
030102	O Souto, o Castanho e a Castanha	8	120	SIM
	Instalação e Condução de Pinheiro Bravo	5	80	SIM
	Silvicultura do Eucalipto	4	64	SIM
040306	Defesa da Floresta contra Incêndios	7	98	SIM
080108	Recuperação de Áreas Ardidas	1	14	SIM
80109	Recolha e Comercialização Cogumelos Silvestres	1	16	SIM
030503	Uso Múltiplo da Floresta	1	16	SIM
060303	Avaliação, Cubicagem e Comercialização de Material Lenhoso	2	28	SIM
040114	Pragas e Doenças	1	15	SIM
030101	Gestão Florestal Sustentável e a Certificação	1	12	SIM
TOTALIS:		38	571	

(Continua)

1

Plano de Formação da
FORESTIS (2004-2006)

(Continuação)

ÁREA TEMÁTICA	Cursos	Nº de cursos	Nº de participantes	Com visitas de estudo/aplicações práticas de campo?
TÉCNICOS FLORESTAIS				
030101	Introdução à Gestão Florestal Sustentável e Certificação	1	12	SIM
	Ordenamento e Gestão Florestal	1	16	SIM
	Gestão Sustentável dos Resíduos Florestais	1	12	SIM
	Gestão Florestal Sustentável e Certificação no Minifúndio	2	29	SIM
030102	Silvicultura do Pinheiro Bravo	1	16	SIM
030108	Preparações de Terreno	1	16	SIM
060303	Inventariação de Material Lenhoso	1	15	SIM
040306	Formação para Formadores em Fogo Controlado	1	17	SIM
	Fogo Controlado	1	16	SIM
	Defesa da Floresta contra Incêndios	2	30	SIM
110104	Introdução ao SIG e ArcGIS 9	1	14	NÃO
TOTALS:		13	193	
DIRIGENTES ASSOCIATIVOS				
110101	Gestão e Marketing das Organizações Florestais	2	28	SIM
	Políticas e Desenvolvimento Sustentável do Sector Florestal	3	47	SIM
TOTALS:		5	75	
ADMINISTRATIVOS				
140105	Administração, Gestão e Organização	1	10	NÃO
TOTALS:		1	10	
SAPADORES FLORESTAIS				
-	Aperfeiçoamento para sapadores florestais	1	16	SIM
TOTALS:		1	16	

Salientamos a forte componente prática do Plano de Formação (praticamente todos os cursos têm componentes práticas de campo) com destaque para deslocações a contextos que representam boas práticas de gestão florestal proporcionando assim o contacto com situações de referência muitas vezes demonstrativas da aplicação de conceitos abordados no processo formativo.

No Plano de Formação (2004-2006) realizaram-se 58 acções de formação, tendo sido concluídas por

571 proprietários, 75 dirigentes, 193 técnicos florestais, 10 administrativos e 16 sapadores.

O processo de decisão de desenvolvimento das Acções de Formação foi sempre mediado pela entidade gestora (Programa Agro), a quem era apresentada e fundamentada cada um dos cursos a desenvolver.

No momento da candidatura era apresentado o programa de formação concebido e só depois de aprovado o financiamento da formação se despoletava o processo de organização da formação (selecção de

Plano de Formação da
FORESTIS (2004-2006)

formandos, logística e desenvolvimento da formação).

Neste processo, algumas Acções de Formação foram aprovadas e não foram executadas:

QUADRO 5:
Acções de formação aprovadas e não executadas⁶

Cursos		Nº de cursos
PRODUTORES FLORESTAIS		
2004	Pragas e Doenças Florestais	2
	"Protecção Contra Incêndios Florestais"	1
	Gestão Florestal Sustentável	1
	Instalação e Condução de Folhosas	1
	Avaliação, Cubicagem e Comercialização da Madeira	1
	Incentivos às Actividades Florestais	1
	A Gestão Florestal Sustentável e a Certificação	1
2005	Instalação e Condução do Pinheiro Bravo	3
	Pragas e Doenças Florestais	4
	Defesa da Floresta Contra Incêndios	2
	Avaliação, Cubicagem e Comercialização da Madeira	1
	Gestão Florestal Sustentável e a Certificação	1
	Podas e Desramações em Povoamentos Florestais	4
	Plantas Aromáticas e Medicinais	2
	Instalação e Condução de Folhosas	4
O Souto, o castanho e a castanha	1	
TÉCNICOS FLORESTAIS		
2004	Infra-estruturas florestais	1
	Prescrição e avaliação de material lenhoso	1
2005	Introdução e Gestão Florestal Sustentável e Certificação	1
	Aperfeiçoamento Técnico Florestal	1
	Plantas Aromáticas e Medicinais	1
	Instalação e Condução de Folhosas	1
	Cogumelos Silvestres – Gestão Sustentável do Espaço Florestal	1

⁶) Foram desenvolvidos cursos que tinham sido aprovados em condições diferentes (ano de realização e conteúdos). Este processo ocorreu sempre em coordenação com a entidade financiadora.

1

Plano de Formação da
FORESTIS (2004-2006)

As razões da não execução de Acções de Formação aprovadas, situação mais significativa no ano de 2005, foram a ocorrência de incêndios florestais que afectaram o contexto dos proprietários, a consequente alteração do tipo de necessidades de formação e, por outro lado, por dificuldades em seleccionar formandos com o perfil adequado aos

cursos concebidos, aprovados e propostos às diferentes OPF's. Outro factor relevante para a decisão de diminuir o volume de formação foi a incapacidade da Forestis em fazer face aos elevados atrasos (nos pagamentos) do sistema de financiamento da Medida 7 do Programa Agro.

QUADRO 6:

Número de cursos/ano aprovadas e não executadas

Destinatários	2004		2005		2006 ⁷		Total		Taxa de execução
	Aprovado	Executado	Aprovado	Executado	Aprovado	Executado	Aprovado	Executado	
Produtores florestais	33	25	23	2	11	11	67	38	57%
Dirigentes associativos	2	2	2	2	1	1	5	5	100%
Técnicos florestais	9	7	9	4	1	1	18	12	67%
Administrativos	-	-	1	1	-	-	1	1	100%
Sapadores florestais	1	1	-	-	-	-	1	1	100%

LEGENDA: - = Sem dados.

O sector florestal, tal como outros sectores da economia portuguesa, tem, também, como obstáculo ao desenvolvimento de projectos formativos a falta de disponibilidade dos seus agentes e actores. Esta situação pode ter origem na falta de predisposição dos agentes para a formação (que, pelo que constatámos, poderá ser mais significativa nos proprietários florestais), mas, também, pelo hiato temporal que existe entre a concepção de um programa e a sua execução, podendo não se manterem, no momento da execução, as condições existentes no momento do seu planeamento.

A – Selecção de participantes:

A Gestão da Formação da FORESTIS segue critérios que advêm das exigências específicas das normas do FSE e das características da população-alvo:

PROPRIETÁRIOS FLORESTAIS:

Cabe à OPF, beneficiária da formação, a divulgação e recrutamento dos formandos mediante directrizes estipuladas pela FORESTIS, relacionadas com a motivação, interesse e disponibilidade do formando para a formação;

TÉCNICOS FLORESTAIS:

Para esta população são utilizados critérios relacionados com a formação académica, experiência profissional, situação laboral (neste caso dando-se

⁷⁾ Os cursos realizados em 2006 foram aprovados no ano 2005 (o mesmo acontece com cursos que estão a ser executados no ano de 2007 e que aqui não considerámos).

Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

prioridade aos técnicos ligados aO Movimento Forestis) e a averiguação da atitude face à formação.

DIRIGENTES ASSOCIATIVOS, ADMINISTRATIVOS e SAPADORES FLORESTAIS:

A selecção é feita através de candidaturas voluntárias das OPF's, sendo estabelecidas prioridades de execução da formação. Neste processo, a selecção resume-se a averiguação da atitude face à formação e aos critérios estabelecidos pelas normas do FSE.

B – Selecção de formadores:

A FORESTIS atribui muita importância à selecção dos formadores, tendo estabelecido os seguintes critérios, que funcionam como requisitos cumulativos:

- Experiência profissional comprovada pelo *Curriculum Vitae*, especializada na área temática que vai leccionar;
- Formação académica adequada aos conteúdos a abordar;
- Certificado de Aptidão Profissional (CAP) válido;
- Averiguação da capacidade pedagógica do formador.

Em muitos casos, devido à especificidade das temáticas abordadas na formação, a FORESTIS vê-se obrigada a recorrer a especialistas. Nessas circunstâncias “o recrutamento é feito mediante um convite dirigido a um técnico, professor do ensino superior ou investigador, de reconhecido valor técnico-científico, preferencialmente com experiência de formador e com o CAP válido”.

Para além desta situação, a FORESTIS, no caso da formação para proprietários, privilegia os técnicos

das OPF's no desenvolvimento da formação. Esta situação “faz parte da estratégia de envolvimento de técnicos florestais das respectivas OPF's, quer como forma de racionalizar e rentabilizar o investimento realizado na sua formação, quer como forma de aproximar os técnicos aos seus associados além de que melhor do que ninguém são estes que conhecem as necessidades e a melhor forma de abordagem dos seus associados”.

Em qualquer destes casos, a Gestão da Formação da FORESTIS procura “sensibilizar os formadores para a preparação das sessões e utilização de materiais pedagógicos” adequados à população destinatária.

C – Materiais e equipamentos pedagógicos

A FORESTIS tem os meios pedagógicos, equipamentos e materiais didácticos, utilizados na execução da formação (projectores multimédia, projector de slides, retroprojector, *flip-chart*, etc.). Tem em funcionamento um centro de recursos de conhecimentos com manuais, relatórios de projectos, documentos estratégicos, artigos científicos, boletins informativos, vídeos, baterias de slides, entre outros.

Para Acções de Formação específicas a FORESTIS tem outros materiais que assegura disponibilizar aos formandos (por exemplo, nos cursos de Fogo Controlado ou Podas e Desramações: material de protecção individual e ferramentas específicas para execução de acções técnicas).

2

Metodologia de avaliação utilizada



2

Metodologia de avaliação utilizada

Vamos aqui apresentar um resumo da metodologia utilizada, devendo ser consultada a versão integral deste relatório para que se aceda ao seu conteúdo aprofundado. Como foi referido no início deste documento, o “modelo de Kirkpatrick” é a referência metodológica que está na base do sistema concebido para avaliar o Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006). O enfoque da metodologia desenvolvida está no Nível 3, que representa o “ganho de competências do formando manifesto no seu contexto de actuação” e no Nível 4 – “impacto no contexto de trabalho, relacionado com as novas competências”. Foram também recolhidos dados junto da equipa de Gestão da Formação da FORESTIS sobre resultados no Nível 1 – “reações à formação” e Nível 2 – “aprendizagens”. Ambos foram utilizados como fonte de indicadores de qualidade no desenvolvimento da formação em estudo.

A metodologia utilizada teve dois pressupostos base:

- 1º A “Avaliação da Formação” é um mecanismo de auto-alimentação do processo formativo, tendo em vista a sua melhoria;
- 2º A “Avaliação da Formação” é um mecanismo que permite aferir a qualidade de um determinado processo formativo.

Estes pressupostos, nomeadamente o primeiro, foi desde o início estabelecido como princípio, procurando-se o “trabalho em equipa” com os responsáveis da FORESTIS (o estudo foi desenvolvido pelas referidas sub-equipas da Bee Consulting e da FORESTIS) visando a tomada de consciência, por parte da Gestão da Formação, de todas as dimensões analisadas. A participação da sub-equipa da FORESTIS foi particularmente importante no que respeita à adequação do

projecto à realidade específica do sector florestal, nomeadamente na:

- 1 – (Re)definição de objectivos do projecto;
- 2 – Validação dos instrumentos de recolha de dados;
- 3 – Monitorização da execução das actividades de recolha de dados;
- 4 – Análise e interpretação dos dados.

A metodologia desenvolvida parte de um outro pressuposto: a investigação em ciências sociais pode oscilar entre um mecanismo científico de aferição de resultados da formação, de cariz positivista e, um outro, de investigação-acção, comprometido com a influência sobre a realidade em estudo, isto é, neste caso, empenhado em fornecer inputs ao processo formativo tendo em vista a sua melhoria.

Resumidamente, na investigação-acção podemos entender a existência de duas dimensões:

1. A investigação, porque visa recolher e produzir dados que analisam um determinado “objecto” de estudo (neste caso o projecto formativo);
2. A acção sobre o “objecto” alvo de investigação, porque visa exercer influência pedagógica tendo em vista a sua melhoria.

2.1

Considerações sobre o desenho da metodologia e a validade do estudo

Registamos as precauções que foram tomadas para procurar garantir a “**validade**” do estudo (**validade externa**: refere-se à inferência estatística, ou seja, à generalização dos resultados para toda a população

total e **validade interna**: refere-se à validação dos resultados, apenas, para a amostra considerada, ou seja, é a validade das inferências para os indivíduos que participaram no estudo).

A amostra utilizada no estudo (25% da população) permitiu elevada confiança quanto à representatividade do estudo realizado. A amostra de 25% da população foi considerada porque a proposta de candidatura do estudo ao Programa Agro tinha esse valor estabelecido. Registamos ainda que a forma como foi seleccionada a amostra seguiu critérios que visavam abranger as diferentes populações-alvo, as diferentes áreas temáticas e OPF's envolvidas, e a sua aleatoriedade, tendo sido possível recolher dados significativamente abrangentes sobre a execução da formação no Plano em análise.

No caso da validade interna, foi tomado um conjunto de medidas das quais salientamos:

- Estabelecimento, retrospectivamente, dos perfis de competências esperados para cada Acção de Formação, visando a coerência entre o levantamento de informação a efectuar e as Acções de Formação realizadas;
- Participação da FORESTIS no processo de avalia-

ção da formação, podendo ser introduzidos ajustes e adequações técnicas (específicas do sector silvícola) nos instrumentos de recolha de dados e análises a efectuadas;

- Opção por instrumentos de recolha de dados que proporcionassem análises de conteúdo e não apenas a mera recolha de respostas a questões fechadas e tratamento estatístico. Foram realizadas entrevistas a todos os participantes das Acções de Formação constituintes da amostra, sendo que os entrevistadores participaram, também, no processo de análise dos resultados acrescentando valor à mera análise estatística da informação recolhida;
- Recolha de dados junto de uma segunda fonte (técnico, coordenador técnico ou colega de trabalho) visando a análise da coerência da informação recolhida junto do ex-formando.

Uma vez que o estudo foi realizado após a execução do Plano de Formação, este teve um design pré-experimental sem grupo de controlo, estando assim adaptado às condições do próprio projecto formativo.



Figura 4 – Design pré-experimental sem grupo de controlo.

2

Metodologia de avaliação utilizada

2.2

Fases da implementação do estudo

Os objectivos do estudo foram estabelecidos no momento da constituição da equipa de avaliação:

1. Verificar indicadores comportamentais que indiquem o desenvolvimento de competências da população-alvo (Avaliação da Formação de Nível 3), tendo por referência os objectivos pedagógicos previstos nos diferentes “programas de formação”;
2. Verificar o desenvolvimento/evolução dos “problemas” identificados no Diagnóstico de Necessidades de Formação das Organizações de Produtores Florestais *do Movimento Forestis*, que fundamentou o

Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006) (Avaliação da Formação de Nível 4);

3. Analisar o grau de alcance dos objectivos previstos pelo projecto formativo da FORESTIS (2004-2006) (Avaliação da Formação de Nível 4);

4. Comparar resultados da formação dos Níveis 3 e 4, com os resultados obtidos nos Níveis 1 e 2 (recolhidos e analisados no decorrer da execução do Plano de Formação).

Para alcançar estes objectivos foi implementada uma metodologia cujos princípios foram já enunciados. A metodologia de avaliação foi sistematizada num conjunto de momentos/fases que passamos resumidamente a descrever:

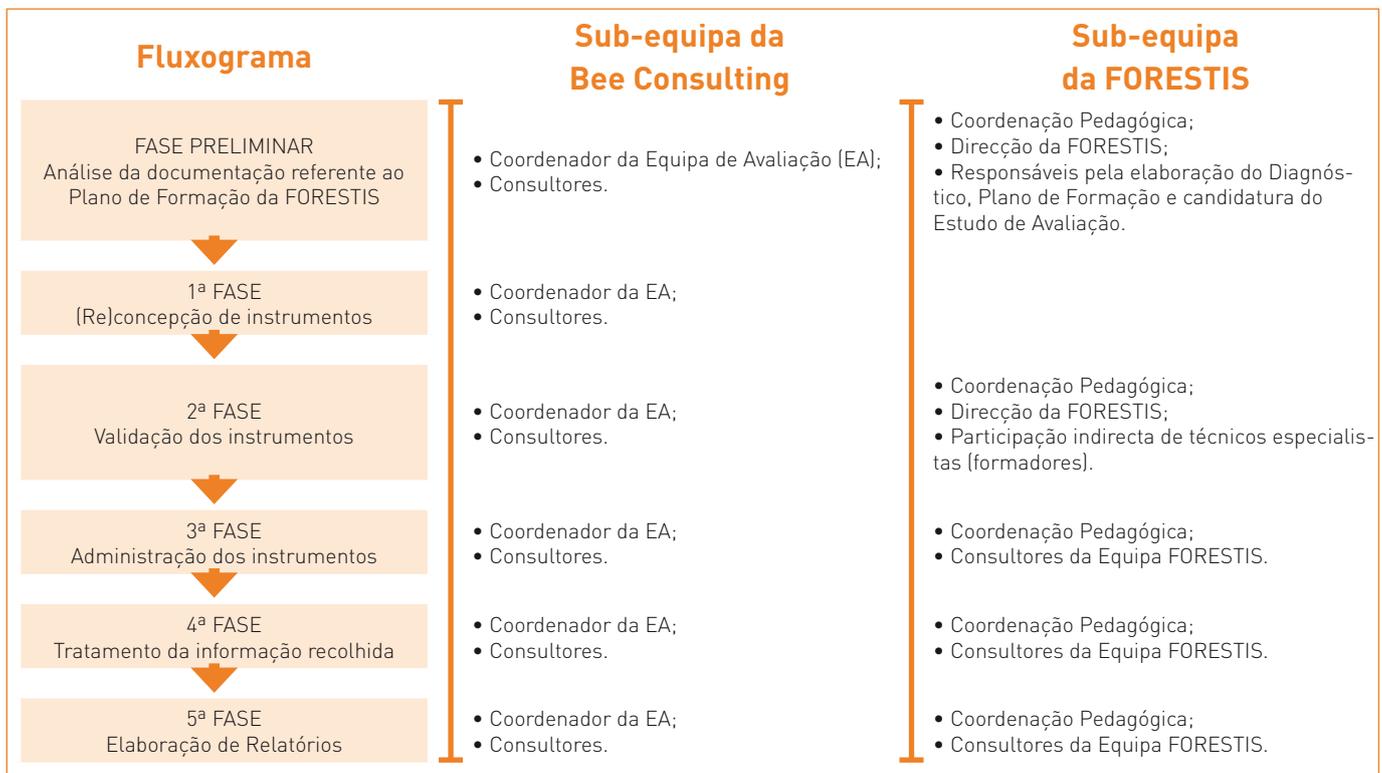


Figura 5 – Fluxograma da metodologia de avaliação do Plano de Formação.

FASE PRELIMINAR:

Análise da documentação referente ao Plano de Formação da FORESTIS.

Corresponde ao momento de contacto da equipa externa com o projecto formativo. Foi analisada a seguinte documentação:

- Diagnóstico de Necessidades de Formação das Organizações de Produtores Florestais *d'O Movimento Forestis* – neste documento constavam os objectivos e metas para o Plano de Formação FORESTIS (2004-2006);
- Candidaturas do Plano de Formação FORESTIS (2004-2006);
- › Objectivos específicos das Acções de Formação;

› Conteúdos Programáticos;

› Estrutura dos cursos;

› Metodologias de Avaliação e de Formação.

- Candidatura ao projecto de Estudo de Avaliação do Impacto da Formação;

Nesta fase, as actividades desenvolvidas visavam a adaptação da metodologia às especificidades do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006).

Foi determinada a amostra a utilizar no estudo, tendo sido seguidos os seguintes passos:

1º PASSO – Utilização do princípio estabelecido em candidatura – amostra mínima para o estudo correspondente a **25% das populações-alvo**.

QUADRO 7:

Determinação da amostra do estudo

		EXECUTADO		AMOSTRA		%	
		CURSOS	PARTICIPANTES	CURSOS	PARTICIPANTES	CURSOS	PARTICIPANTES
POPULAÇÃO-ALVO	PROPRIETÁRIOS	38	571	14	145	37%	25%
	TÉCNICOS FLORESTAIS	13	193	5	55	38%	29%
	DIRIGENTES ASSOCIATIVOS	5	75	2	19	40%	25%
	SAPADORES FLORESTAIS	1	16	1	13	100%	81%
	ADMINISTRATIVOS	1	10	1	7	100%	70%

2

Metodologia de avaliação utilizada

2º PASSO – Selecção dos cursos constituintes da amostra, de acordo com os seguintes critérios:

1. Diversificação dos cursos seleccionados para a amostra;
2. Diversificação das OPF's abrangidas pela amostra (uma vez que co-organizaram os cursos);
3. Aleatoriedade na selecção dos cursos e OPF's;
4. Selecção de cursos executados nos anos de 2004 e 2005 – sendo assim mais provável levantar dados sobre eventuais impactos nos contextos de actuação dos antigos formandos (Nível 4 do modelo de Kirkpatrick).

Na FASE PRELIMINAR foram elaborados dois quadros de referência (no seu conjunto representam a Matriz de Indicadores do Projecto) para o estudo realizado:

- “Quadro de Indicadores” (ANEXO 1) – com metas e objectivos espectáveis com a execução do projecto formativo. Foram também elaborados “Perfis de Competências de Saída” (ANEXO 2⁸⁾ referentes a cada uma das Acções de Formação da amostra;
- “Matriz de relação entre cursos e objectivos previstos no Plano de Formação” (ANEXO 3) – uma vez que foram considerados diferentes objectivos e metas para o Plano de Formação, foi estabelecida uma relação entre os cursos e os objectivos previstos.

Estes documentos foram as balizas na concepção dos instrumentos utilizados no estudo e na análise dos dados e resultados obtidos.

1ª FASE

Concepção dos instrumentos para levantamento de dados (Nível 3 e 4).

Foram concebidos os seguintes instrumentos de recolha de dados, por curso:

- Grelhas de entrevista aos participantes na formação (ANEXO 4⁹);
- Questionários – segundas fontes (ANEXO 5¹⁰);
- Questionários de recolha de dados nas OPF's (ANEXO 6).

A opção por este tipo de instrumentos está relacionada com a quantidade e qualidade da informação que a equipa pretendia recolher.

2ª FASE

Validação dos instrumentos de levantamento de dados pela Equipa FORESTIS.

Nesta fase, para além da participação da equipa da FORESTIS, houve a participação de formadores que executaram as Acções de Formação. Estes foram contactados por correio electrónico e telefonicamente, tendo-lhes sido pedido um *feedback* sobre o instrumento concebido, que foi posteriormente considerado nas reformulações que ocorreram nesta fase.

⁸⁾ No anexo referido é apresentado um exemplar, devendo ser consultada a versão integral deste estudo, no qual constam todos os “Perfis de Competências” dos cursos constituintes da amostra.

⁹⁾ No anexo referido é apresentado um exemplar, devendo ser consultada a versão integral deste estudo, no qual constam todas as “Grelhas de entrevista” utilizadas no estudo.

¹⁰⁾ No anexo referido é apresentado um exemplar, devendo ser consultada a versão integral deste estudo, no qual constam todos os “Questionários” utilizados no estudo.

3ª FASE

Administração dos instrumentos de levantamento de dados.

Tal como estava previsto na candidatura do projecto de avaliação do Plano de Formação, apresentada e aprovada pelo Programa Agro, os momentos de recolha de dados foram realizados através de sessões em formato de “Encontros de ex-formandos”.

As entrevistas aos ex-formandos tinham a duração aproximada de 1 hora, tendo sido necessário, frequentemente, realizar 4 entrevistas em simultâneo (estava inicialmente estabelecido como modelo de recolha de dados a realização de entrevistas por uma equipa de entrevistadores – um elemento da Bee Consulting e um elemento da Forestis, situação que nem sempre foi possível de implementar).

4ª FASE

Tratamento estatístico e análise dos dados recolhidos.

A análise dos dados e o tratamento estatístico efectuado teve o envolvimento de toda a equipa de consultores/entrevistadores. Traduziu-se na realização de sessões de debate das primeiras versões dos relatórios desenvolvidos.

Foram utilizadas ferramentas de estatística descritiva para análise de frequências de respostas nos diversos instrumentos utilizados.

Sendo os resultados dos questionários sujeitos a enviesamentos e erros, foram efectuados testes estatísticos¹¹ que visavam confirmar a congruência entre as fontes.

Como privilegiámos a “entrevista”, como instrumento de recolha de dados, foi possível efectuar uma análise do conteúdo dessas entrevistas, tendo por base “observações” registadas pelos entrevistadores no seu desenrolar, que depois foram discutidos e analisados pela equipa.

5ª FASE

Elaboração do Relatório de Avaliação da Formação.

Foram elaborados dois relatórios (um preliminar e um final). Os resultados constantes no relatório preliminar foram apresentados e discutidos com os elementos da equipa da avaliação e da FORESTIS. Esta sessão desencadeou rectificações e aprofundamento de análises que foram acrescentadas à sua versão final.

Para além deste documento, foram elaborados dois documentos que visavam fornecer à FORESTIS o conteúdo do estudo num modelo de fácil leitura e acesso:

- Apresentação multimédia, com todos os resultados em formato resumido;
- Resumo executivo (o presente documento), com um resumo da versão integral do estudo elaborado, visando, também, a publicação e divulgação dos seus resultados.

¹¹) Foram utilizados o *p-Value* e Teste de Médias para verificar a congruência estatística entre fontes.

2

Metodologia de avaliação utilizada

2.3

Equipa de avaliação

A constituição da equipa que executou as actividades relacionadas com o desenvolvimento do estudo privilegiou a sua interdisciplinaridade, necessidade

subjacente à metodologia utilizada no estudo. A Bee Consulting teve a coordenação técnica de Rui Pedro Pena e a participação de Paulo André Guedes e Nuno Pina Ferreira. Da FORESTIS participaram neste estudo: Rosário Alves, Zulmira Campelo, Gabriel Pereira e Ana Paula Gonçalves.

3

Caracterização da amostra de participantes no Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)



3

Caracterização da amostra de participantes no Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Tal como foi anteriormente referido, procedeu-se à selecção da amostra segundo critérios que privilegiavam a incorporação no estudo de uma amostra representativa da diversidade de cursos e das OPF's nele envolvidos e, também, a sua aleatoriedade¹².

QUADRO 8:

Amostra utilizada no estudo (cursos para proprietários florestais e OPF's)

OPF	Nº de cursos executados	Nº de cursos na amostra	CRITÉRIOS utilizados na selecção	CURSOS SELECIONADOS
APFVM – Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho	1	1	Seleção aleatória.	Curso nº 13 (2004) – “Instalação e Condução do Pinheiro Bravo”
AFL – Associação Florestal do Lima	2	1	Seleção aleatória.	Curso nº 32 (2004) – “Avaliação, Cubicagem e Comercialização da Madeira”
AFC – Associação Florestal do Cávado	2	1	Seleção pela especificidade do curso.	Curso nº 3 (2004) – “Apicultura”
PORTUCALEA – Associação Florestal do Grande Porto	2	1	Seleção aleatória.	Curso nº 15 (2004) – “Defesa da Floresta contra Incêndios” (SUPLENTE)
AFVS – Associação Florestal Vale do Sousa	3	1	Seleção pelo grau de envolvimento da OPF e pela especificidade do curso.	Curso nº 22 (2006) – “Pragas e Doenças Florestais”
AFEDT – Associação Florestal de Entre Douro e Tâmega	1	0	-	-
AFLODOUNORTE – Associação Florestal do Vale do Douro Norte	1	0	-	-
CAPOLIB – Cooperativa Agrícola de Boticas	1	1	Seleção aleatória.	Curso nº 33 (2004) – “Defesa da Floresta Contra Incêndios”
FLORISVOUGA – Associação Florestal de Lafões	2	0	-	-
URZE – Associação Florestal da Encosta da Serra da Estrela	4	2	Seleção pelo grau de envolvimento da OPF e pela especificidade do curso.	Curso nº 16 (2004) – “Podas e Desramações em Povoamentos Florestais” Curso nº 36 (2006) – “Uso Múltiplo”
AFBV – Associação Florestal do Baixo Vouga	2	1	Seleção aleatória.	Curso nº 24 (2004) – “Silvicultura do Eucalipto”
RIBAFLO – Associação Florestal das Terras de Ribadouro	3	1	Seleção pelo grau de envolvimento da OPF.	Curso nº 6 (2004) – “Gestão e Protecção da Floresta”
AFACC – Associação Florestal e Ambiental do Concelho de Chaves	1	1	Seleção pela especificidade do curso.	Curso nº 31 (2004) – “Recolha e Comercialização de Cogumelos”
AFCCG – Associação Florestal do Concelho de Góis	3	1	Seleção pelo grau de envolvimento da OPF.	Curso nº 25 (2004) – “Silvicultura do Eucalipto”
APFLOR – Associação dos Produtores e Proprietários Florestais de Pedrogão Grande	1	1	Seleção pela especificidade do curso.	Curso nº 35 (2006) – “A Gestão Florestal Sustentável e a Certificação”
APFAM – Associação de Produtores Florestais de Avélos e Muradal	2	1	Seleção aleatória.	Curso nº 18 (2004) – “Recuperação de Áreas Ardidas”
AGUIARFLORESTA – Associação de Produtores Florestais de Vila Pouca de Aguiar	2	0	-	-
AFLOPINHAL – Associação Florestal do Pinhal	1	0	-	-
ARBOREA – Associação Florestal da Terra Fria Transmontana	3	1	Seleção pelo grau de envolvimento da OPF.	Curso nº 5 (2004) – “O Souto, o Castanho e a Castanha”

LEGENDA: - = Sem dados.

¹²⁾ A amostra é considerada como sendo semi-estruturada, por serem utilizados critérios que a condicionavam aos objectivos previstos para o estudo, tendo havido também uma componente aleatória.

Caracterização da amostra de participantes no Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Da amostra constituída (cursos para proprietários), salientamos que dela fazem parte dois cursos executados pela URZE – Associação Florestal da Encosta da Serra da Estrela. Esta situação está relacionada com o facto de ter sido a única a executar um curso de “Uso Múltiplo”.

Na restante amostra verifica-se que os cursos que se repetem são o de “Defesa da Floresta Contra Incêndios” (CAPOLIB e PORTUCALEA) e “Silvicultura do Eucalipto” (AFVB e AFCG), que foram assim seleccionados por razões de aleatoriedade na selecção das OPF’s.

A amostra respeitante aos proprietários florestais que se delineou inicialmente permitiu um estudo aprofundado do Plano de Formação, uma vez que foi

possível levantar e analisar dados de um vasto leque de situações e contextos de execução de Acções de Formação, cumprindo-se o plano estabelecido na candidatura do projecto de avaliação da formação.

O mesmo aconteceu com as restantes populações, uma vez que os seus participantes eram provenientes de diferentes organismos e OPF’s espalhados pelo Centro e Norte de Portugal. A única excepção foi a população de sapadores florestais que, mais uma vez, fazia parte da equipa de colaboradores da URZE – Associação Florestal da Encosta da Serra da Estrela (tratou-se do único curso realizado com esta população).

QUADRO 9:

Amostra utilizada no estudo (cursos para técnicos florestais, dirigentes associativos, sapadores florestais e administrativos)

POPULAÇÃO	CRITÉRIOS utilizados na selecção	CURSOS SELECIONADOS
TÉCNICOS FLORESTAIS	Seleccção aleatória.	Curso nº 6 (2004) – “Preparações de Terreno”
	Seleccção aleatória.	Curso nº 7 (2004) – “Inventariação e Comercialização de Material Lenhoso”
	Seleccção aleatória.	Curso nº 8 (2004) – “O Uso da Técnica de Fogo Controlado”
	Seleccção aleatória.	Curso nº 4 (2005) – “Gestão sustentável de resíduos florestais”
	Seleccção aleatória.	Curso nº 6 (2005) – “Introdução aos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e ao ArcGis”
DIRIGENTES ASSOCIATIVOS	Seleccção aleatória.	Curso nº 8 (2005) – “Políticas de Desenvolvimento Sustentável do Sector Florestal”
	Seleccção aleatória.	Curso nº 17 (2005) – “Gestão e Marketing das OPF’s”
SAPADORES FLORESTAIS	Único curso realizado.	Curso de Aperfeiçoamento de Sapadores Florestais (URZE) – 2004
ADMINISTRATIVOS	Único curso realizado.	Curso – “Administração, Gestão e Organização” – 2005

3

Caracterização da amostra de participantes no Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Genericamente, as populações auscultadas têm características diversas:

QUADRO 10:
Caracterização da amostra do Plano de Formação (2004-2006)

Caracterização dos participantes nas acções de formação:			Género		Idade							Escolaridade			
			H	M	< 19	20-24	25-34	35-44	45-49	50-54	55-64	> 64	< 6º ano	7º ao 12º	FS
CURSOS PARA PROPRIETÁRIOS	ANO 2004	Curso nº 3 – “Apicultura” – Cávado (PL)	15	1	0	0	5	7	0	2	1	1	3	9	4
		Curso nº 5 – “O Souto, o Castanho e a Castanha” – ARBOREA	15	0	0	1	0	1	1	2	5	5	12	1	2
		Curso nº 6 – “Gestão e Protecção da Floresta” – RIBAFLO	12	4	0	3	0	3	0	2	5	3	15	1	
		Curso nº 13 – “Instalação e Condução do Pinheiro Bravo” – Minho	13	3	0	1	0	2	2	2	7	2	13	3	0
		Curso nº 15 – “Defesa da Floresta contra Incêndios” – PORTUGALEA	14	1	0	1	3	1	1	1	2	6	10	1	4
		Curso nº 16 – “Podas e Desramações em Povoamentos Florestais” – URZE (PL)	11	5	0	1	2	4	1	2	3	3	6	4	6
		Curso nº 18 – “Recuperação de Áreas Ardidas” – APFAM (PL)	13	3	0	0	1	2	1	0	8	4	14	2	0
		Curso nº 24 – “Silvicultura do Eucalipto” – Baixo Vouga (PL)	13	3	0	0	1	1	3	3	7	1	10	1	5
		Curso nº 25 – “Silvicultura do Eucalipto” – Góis (PL)	9	7	0	1	5	4	1	0	5	0	6	9	1
		Curso nº 31 – “Recolha e Comercialização de Cogumelos” – AFACC	1	15	1	1	6	1	1	1	5	0	14	2	0
	Curso nº 32 – “Avaliação, Cubicagem e Comercialização da Madeira” – AFL	7	9	0	0	1	5	3	3	4	0	16	0	0	
	Curso nº 33 – “Defesa da Floresta Contra Incêndios” – CA-POLIB	9	7	0	5	4	2	2	1	2	0	12	4	0	
	ANO 2006	Curso nº 22 – “Pragas e Doenças Florestais” – AFVS (PL)	9	7	0	5	4	2	2	1	2	0	12	4	0
Curso nº 35 – “A Gestão Florestal Sustentável e a Certificação” – APFLOR (PL)		12	4	0	0	3	3	1	0	7	2	4	3	9	
Curso nº 36 – “Uso Múltiplo” – URZE (PL)		11	2	0	0	0	1	1	0	5	6	8	3	2	
TOTAL (PROPRIETÁRIOS por %):			70%	30%	0%	6%	14%	18%	8%	9%	30%	14%	62%	20%	18%
Cursos Dirigentes	ANO 2005	Curso nº 8 – “Políticas de Desenvolvimento Sustentável do Sector Florestal” (PL)	13	5	0	0	1	5	2	1	5	2	0	9	7
		Curso nº 17 – “Gestão e Marketing das OPF’s” (PL)	14	1	0	0	2	2	5	1	4	1	2	5	8
	TOTAL (DIRIGENTES):			82%	18%	0%	0%	9%	21%	21%	6%	27%	9%	6%	42%
CURSOS PARA TÉCNICOS	ANO 2004	Curso nº 6 – “Preparações de Terreno”	6	10	0	0	14	0	1	0	1	0	0	0	16
		Curso nº 7 – “Inventariação e Comercialização de Material Lenhoso”	12	4	0	1	12	2	1	0	0	0	0	0	16
		Curso nº 8 – “O Uso da Técnica de Fogo Controlado”	7	9	0	2	11	3	0	0	0	0	0	0	16
	ANO 2005	Curso nº 4 – “Gestão sustentável de resíduos florestais”	7	9	0	0	13	2	0	1	0	0	0	0	16
		Curso nº 6 – “Introdução aos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e ao ArcGis	7	9	0	2	14	0	0	0	0	0	0	0	16
TOTAL (TÉCNICOS):			49%	51%	0%	6%	80%	9%	3%	1%	1%	0%	0%	100%	
Sapadores	Curso de “Aperfeiçoamento de Sapadores Florestais” – 2004		16	0	1	2	8	3	2	0	0	0	11	5	0
Administrativos	Curso: “Administração, Gestão e Organização” – 2005		0	16	0	1	8	2	1	0	0	0	11	1	
TOTAL (AMOSTRA por %):			65%	35%	1%	6%	31%	16%	8%	7%	21%	10%	42%	20%	37%

LEGENDA:
 PL – Acção de Formação desenvolvida em horário pós-laboral.
 H – Homem.
 M – Mulher.
 FS – Formação Superior.

Caracterização da amostra de participantes no Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Foi possível estabelecer o formando-tipo das Acções de Formação, quanto a características biográficas:

- Proprietários florestais – sexo masculino, de idade avançada (mais de 50 anos) e com baixa escolaridade;
- Técnicos florestais – equilíbrio de género, jovens adultos (25 a 34 anos) e com formação superior (Engenharia Florestal);
- Dirigentes associativos – sexo masculino, com mais de 35 anos e formação média/superior;

- Sapadores florestais – sexo masculino, jovens adultos (25 a 34 anos) e com baixa escolaridade;
- Administrativos – sexo feminino, jovens adultas (25 a 34 anos) e com escolaridade intermédia.

Mesmo não fazendo parte das Grelhas de Entrevistas, na introdução e enquadramento das entrevistas foram recolhidas outras informações sobre cada um dos participantes no estudo e que foi

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)



4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Sendo o “modelo de Kirkpatrick” a referência metodológica que está na base do sistema concebido para avaliar o Plano de Formação da FORESTIS e o enfoque principal estar no Nível 3, “ganho de competências do formando manifesto no seu contexto de actuação” e Nível 4, “impacto no contexto de trabalho, relacionado com as novas competências”, ambos foram alvo de análises e reflexões no estudo.

Em relação ao Nível 3 do “modelo de Kirkpatrick” o “objecto de estudo” foram os “comportamentos observados” nos ex-formandos em contexto de trabalho (pelo próprio e por uma “2ª fonte” – Ver ANEXO 4: Grelha de entrevista e ANEXO 5: Questionário). A “2ª fonte”, de recolha de dados, foi um agente com proximidade profissional com o ex-formando: técnico, dirigente, chefia, ou outro actor do contexto de trabalho do ex-formando e permitiu, essencialmente, obter dados que reforçassem as percepções dos ex-formandos.

Na operacionalização do Nível 4 foram considerados os objectivos estabelecidos no Plano de Formação¹³. Considerámos que o Nível 4 enquanto preditor da eficácia da formação é menos valioso que o Nível 3 – Transferências/Comportamentos. Esta situação justifica-se porque conceptualmente os resultados registados no contexto de actuação têm uma grande probabilidade de ocorrer por influência de outros factores que não só as Acções de Formação. No caso específico do presente plano foi uma evidência incontornável.

Procurámos ainda discriminar indícios explicativos dos dados observados, principalmente, tendo por

base a análise de conteúdo das entrevistas realizadas. Consideramos que foram realizadas análises úteis para a constatação do valor do projecto formativo da FORESTIS, assim como evidenciam os aspectos chave a melhorar.

Tratando-se este documento de um resumo dos resultados observados, não vamos aqui apresentar a análise curso a curso, devendo ser consultada a sua versão integral caso se pretenda aceder a esses dados.

Como informação relevante para o objectivo deste documento, vamos passar a apresentar um conjunto de informação/indicadores sobre o valor global do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006).

4.1

Grau de eficácia do Plano de Formação – Nível 3 do “modelo de Kirkpatrick”

Os dados mais representativos da eficácia da formação desenvolvida são os referentes ao Nível 3 do “modelo de Kirkpatrick” e que vamos de seguida resumir. A valorização deste nível de resultados, em detrimento dos de Nível 4, está relacionada com o facto dos segundos estarem sujeitos à influência de mais variáveis/factores (as alterações ocorridas nos contextos de trabalho, não relacionadas com o processo formativo, poderão estar na base dos resultados de Nível 4, não sendo possível, por essa razão, atribuir-se, com confiança, ao processo formativo um determinado resultado de Nível 4). Estando os

¹³ Na realidade esta informação constava no Diagnóstico de Necessidades de Formação – Campelo (Coord. 2003).

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

resultados de Nível 3, também, sujeitos à influência de outros factores, são-no em menor grau, porque estão directamente relacionados com os objectivos pedagógicos das Acções de Formação (operacionalizados como comportamentos no contexto de trabalho).

Para sintetizar as análises apresentadas no estudo de avaliação do Plano de Formação da FORESTIS foi estabelecido um “indicador de eficácia”. No entanto, não se pretende que este substitua a análise qualitativa que foi feita na versão integral do estudo, sendo, tão-somente, uma forma de aceder à síntese do estudo, que neste caso tem uma representação quantificada¹⁴.

Vamos de seguida representar de forma quantificada os resultados de Nível 3 de Kirkpatrick. Para isso foram utilizados vários critérios:

- **Eficácia¹⁵ da formação** – diz respeito à transferência de competências da Acção de Formação frequentada para a prática profissional dos ex-formandos;
- **Congruência entre fontes** – diz respeito à consistência entre as respostas dos participantes (na entrevista realizada no âmbito do estudo) e das “2^{as} fontes” (nos questionários administrados no âmbito do estudo);

- **Consistência dos resultados** – diz respeito à consistência do valor do indicador, estabelecida através da análise de conteúdo das entrevistas e dos “encontros de ex-formandos”.

O “indicador de eficácia” integra um conjunto de informação obtida no levantamento e tratamento estatístico dos dados:

1. Grau de contribuição das Acções de Formação frequentadas para o desenvolvimento de competências (percebido pelo ex-formando retrospectivamente e expresso na entrevista realizada no âmbito do estudo) – **foram consideradas as percentagens de respostas de Grau 3 e Grau 4 (numa escala de 0 a 4 valores), relativas à “influência do curso”** na presença de todas as competências “percebidas como detidas” pelos ex-formandos;
2. Congruência entre fontes – confirmação estatística (Ver versão integral do estudo) do contributo das Acções de Formação frequentadas para o desenvolvimento de competências do formando (percebido pela “2^a fonte” e expresso no questionário realizada no âmbito do estudo);
3. Consistência dos resultados – validação do indicador, pela equipa de avaliação, através da análise de conteúdo realizada no decorrer das entrevistas/encontros.

¹⁴ Reforçamos a ideia de que na versão integral do estudo são efectuadas análises de pormenor curso a curso, essas sim mais próximas da realidade constatada, nomeadamente, porque tem por base uma análise qualitativa da informação recolhida.

¹⁵ O termo “eficácia” é aqui utilizado por se considerar que os resultados de Nível 3, segundo o modelo de Kirkpatrick, são os que melhor traduzem o valor acrescentado da formação para a actividade profissional das populações-alvo da formação. A utilização deste termo é, também, característico dos Sistemas de Gestão da Qualidade, visando representar o mesmo constructo deste estudo.

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

É utilizada uma escala de 100 pontos, que representa a totalidade das percepções dos ex-formandos relativas à contribuição do curso frequentado para o

desenvolvimento do conjunto das competências do “Perfil de Saída” de cada uma das Acções de Formação.

QUADRO 11:
Indicador de eficácia da formação

Grau de Eficácia									
0-25		26-49			50-59	60-79		80-100	
Eficácia Muito Baixa		Eficácia Baixa			Eficácia Média	Eficácia Elevada		Eficácia Muito Elevada	
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100

Depois de efectuado o cálculo do indicador, foi analisada a congruência estatística¹⁶, tendo em vista acrescentar valor, ou não, ao indicador já estabelecido. Resumidamente, tratou-se de verificar se a “2ª fonte” do estudo tem uma tendência estatisticamente significativa para se assemelhar às observações efectuadas pela auscultação dos ex-formandos. Pode assim haver 3 tipos de respostas:

- “SIM” (quando os testes de médias demonstram coerência da “2ª fonte”);
- “NÃO” (quando os testes de médias demonstram incoerência da “2ª fonte”);
- “NEUTRO” (quando não é possível demonstrar a coerência estatística, devido a inexistência de dados relativos à “2ª fonte” ou por impossibilidade de realização dos testes estatísticos por baixo número de respostas).

Por fim, a equipa de avaliação, resultante da análise de conteúdo das entrevistas e da informação recolhida no decorrer dos “encontros de ex-formandos”, emite um juízo sobre o indicador:

- “MANTÉM” (quando a análise de conteúdo confirma o indicador calculado);
- “REDUZ” (quando a análise de conteúdo é mais negativa que o indicador calculado);
- “AUMENTA” (quando a análise de conteúdo é mais positiva que o indicador calculado).

Desta forma procurámos mostrar um indicador quantificado, sem que se deixe de valorizar a riqueza de informação recolhida no decorrer do estudo. Passamos a apresentar (QUADRO 12) os graus de eficácia dos diferentes cursos realizados no âmbito do Plano de Formação da FORESTIS.

¹⁶ Ver versão integral do estudo.

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

QUADRO 12:

Grau de eficácia da formação (por curso e global) = somatório das respostas de Grau 3 e Grau 4 para a “influência do curso”

CURSOS/POPULAÇÕES-ALVO		Eficácia da formação										Con-gruência entre fontes	Con-sistência dos re-sultados	
		10	20	30	40	50	60	70	80	90	100			
CURSOS PARA PROPRIETÁRIOS	ANO 2004	Curso nº 3 – “Apicultura” – AFC	61										NÃO	MANTÉM
		Curso nº 5 – “O Souto, o Castanho e a Castanha” – ARBOREA	60										SIM	MANTÉM
		Curso nº 6 – “Gestão e Protecção da Floresta” – RIBAFLO	57										NÃO	MANTÉM
		Curso nº 13 – “Instalação e Condução do Pinheiro Bravo” – APFVM	60										NEUTRO	MANTÉM
		Curso nº 15 – “Defesa da Floresta contra Incêndios” – PORTUCALEA	33										NEUTRO	AUMENTA
		Curso nº 16 – “Podas e Desramações em Povoamentos Florestais” – URZE	80										NEUTRO	MANTÉM
		Curso nº 18 – “Recuperação de Áreas Ardidas” – APFAM	68										NEUTRO	MANTÉM
		Curso nº 24 – “Silvicultura do Eucalipto” – AFBV	64										NÃO	REDUZ
		Curso nº 25 – “Silvicultura do Eucalipto” – AFCCG	39										SIM	MANTÉM
		Curso nº 31 – “Recolha e Comercialização de Cogumelos” – AFACC	45										NÃO	REDUZ
		Curso nº 32 – “Avaliação, Cubicagem e Comercialização da Madeira” – AFL	54										NÃO	MANTÉM
		Curso nº 33 – “Defesa da Floresta Contra Incêndios” – CAPOLIB	57										SIM	MANTÉM
CURSOS PARA PROPRIETÁRIOS	ANO 2006	Curso nº 22 – “Pragas e Doenças Florestais” – AFVS	59										NEUTRO	MANTÉM
		Curso nº 35 – “A Gestão Florestal Sustentável e a Certificação” – APFLOR	72										NÃO	MANTÉM
		Curso nº 36 – “Uso Múltiplo” – URZE	56										NÃO	MANTÉM
Média PROPRIETÁRIOS		58										-	AUMENTA	
Cursos Dirigentes	ANO 2005	Curso nº 8 – “Políticas de Desenvolvimento Sustentável do Sector Florestal”	26										SIM	MANTÉM
		Curso nº 17 – “Gestão e Marketing das OPF’s”	27										SIM	MANTÉM
		Média DIRIGENTES	27										-	MANTÉM
CURSOS PARA TÉCNICOS	ANO 2004	Curso nº 6 – “Preparações de Terreno”	61										NÃO	MANTÉM
		Curso nº 7 – “Inventariação e Comercialização de Material Lenhoso”	38										NEUTRO	MANTÉM
		Curso nº 8 – “O Uso da Técnica de Fogo Controlado”	76										NEUTRO	MANTÉM
	ANO 2005	Curso nº 4 – “Gestão sustentável de resíduos florestais”	52										SIM	REDUZ
		Curso nº 6 – “Introdução aos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e ao ArcGis”	73										NÃO	MANTÉM
Média TÉCNICOS		60										-	MANTÉM	
Sapadores	Curso de “Aperfeiçoamento de Sapadores Florestais” – 2004	55										NÃO	MANTÉM	
Administrativos	Curso: “Administração, Gestão e Organização” – 2005	32										SIM	MANTÉM	
Média do PLANO DE FORMAÇÃO		54										-	AUMENTA	

Analisemos os dados mais relevantes relativos à eficácia dos cursos, tendo por base o “indicador de eficácia”:

1. O Plano de Formação está no nível de “Eficácia Média”;
2. Não há nenhum curso ao nível da “Eficácia Muito Baixa”;

OBSERVAÇÕES:

Em termos globais pode ser considerado que o Plano de Formação da FORESTIS teve “eficácia média”. Esta classificação deve ser vista, no entanto, como muito positiva, por um conjunto de razões: (1) o contexto vasto em que actua (Norte e Centro do país); (2) a necessidade de co-organizar Acções de

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Formação com as suas associadas; (3) uma equipa de reduzidas dimensões; (4) a profundidade deste estudo, por oposição a uma análise intuitiva ou baseada em indicadores de execução, normalmente distantes do real valor da formação. Consideramos que esta eficácia, que também foi possível constatar no contacto directo que tivemos com as populações abrangidas, foi alcançada porque a FORESTIS considera a formação como estratégica para o sector e porque a Gestão da Formação teve consciência dos factores decisivos para se alcançarem resultados, esforçando-se permanente para que estes estejam garantidos.

3. Doze (12) dos quinze (15) cursos destinados a proprietários têm níveis de eficácia positivos;
4. Sete (7) dos quinze (15) cursos destinados a proprietários têm um nível “Eficácia Elevada”;
5. Há cursos destinados a proprietários florestais que segundo a escala em utilização têm um nível de “Eficácia Baixa”:
 - i. **Curso nº 15 – “Defesa da Floresta contra Incêndios” – PORTUCALEA;**
 - ii. **Curso nº 25 – “Silvicultura do Eucalipto” – AFCG;**
 - iii. **Curso nº 31 – “Recolha e Comercialização de Cogumelos” – AFACC.**

OBSERVAÇÕES:

Nos cursos destinados a proprietários florestais, população a quem foi dirigida a parte mais significa-

tiva do Plano de Formação, encontramos exemplos opostos. Por um lado, há um conjunto de Acções de Formação com um nível de “Eficácia Elevada” e, por outro, há Acções de Formação com um nível de “Eficácia Baixa”. Da análise elaborada¹⁷ não se recolheram indícios de desadequação pedagógica ou técnica nas abordagens formativas, havendo sim dados que demonstram valorização do processo de escolha da equipa de formadores e da forma como desenvolvem as suas abordagens. Quando a eficácia é reduzida parece depender directamente do interesse dos participantes e/ou possibilidade de utilização das competências relacionadas com os conteúdos abordados na formação. Ao longo do estudo¹⁸ identificámos casos pontuais em que a selecção desadequada dos formandos parecia impedir resultados mais positivos. Nos cursos em que se constata níveis de “Eficácia Baixa”, essa situação é evidente: no **Curso nº 25 – “Silvicultura do Eucalipto” – AFCG**, pela presença de elementos que não eram proprietários florestais¹⁹ e no **Curso nº 31 – “Recolha e Comercialização de Cogumelos” – AFACC**, de elementos que não tinham expectativas de vir a ter uma actividade relacionada com o conteúdo da Acção de Formação²⁰. Sendo a selecção dos formandos uma tarefa conjunta da FORESTIS e das OPF’s, estas últimas têm um papel decisivo na eficácia que a formação possa ter. Delas depende se o curso vai contribuir para melhorar a situação do sector florestal no contexto local ou não, podendo a formação ser um indício da forma como valorizam

¹⁷⁾ Ver versão integral do estudo.

¹⁸⁾ Ver versão integral do estudo.

¹⁹⁾ Ver versão integral do estudo.

²⁰⁾ Ver versão integral do estudo.

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

a sua missão. Os resultados deste estudo acabam por diferenciar as OPF's e a forma como realizam a co-organização das Acções de Formação, no entanto, não pode ser visto como uma forma de avaliar a qualidade do trabalho desenvolvido pelas OPF's, uma vez que na grande maioria dos casos foi analisado, apenas, um curso por OPF, não sendo essa informação significativa e podendo incorrer-se em erros e enviesamentos. A excepção poderá ser a URZE, relativamente à qual foram analisados 2 cursos para proprietários e 1 para sapadores.

6. O curso com maior eficácia é o **Curso nº 16 – “Podas e Desramações em Povoamentos Florestais” – URZE**, sendo o único que se encontra no nível de “Eficácia muito elevada”, que não tendo a confirmação da “2ª fonte, tem a sua validação através da análise de conteúdo;
7. O **Curso de “Aperfeiçoamento de Sapadores Florestais** encontra-se num nível de “Eficácia Média”;

OBSERVAÇÕES:

Dos 5 cursos do Plano de Formação co-organizados pela URZE, 3 foram alvo de análise no estudo realizado. Em todos eles encontrámos indícios de eficácia elevada, sendo um dos casos, aquele que melhor classificação obteve ao nível do “indicador de eficácia”: “Eficácia Muito Elevada”. Não se pretende desvalorizar as outras OPF's, nem tão pouco atribuir um valor especial à URZE, mas sim referir os aspectos que poderão estar na base destes resultados alcançados e que poderão ser um exemplo para este e outros sectores da economia portugue-

sa: (1) não se registaram indícios, nas 3 Acções de Formação, de um único formando seleccionado que se revelasse desajustado ao perfil previsto para os cursos, (2) todos os formandos (proprietários) eram associados da OPF e (3) mostraram uma rápida e grande capacidade de mobilização dos formandos para este estudo, demonstrativo da proximidade que têm com os associados e antigos formandos.

8. A formação executada para a população de técnicos florestais tem um nível da “Eficácia Elevada”;
9. Três (3) dos cinco (5) cursos destinados a técnicos florestais têm um nível “Eficácia Elevada”:
 - i. **Curso nº 6 – “Preparações de Terreno”;**
 - ii. **Curso nº 8 – “O Uso da Técnica de Fogo Controlado”;**
 - iii. **Curso nº 6 “Introdução aos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e ao ArcGis.**
10. O **Curso nº 7 – “Inventariação e Comercialização de Material Lenhoso”**, destinado a técnicos florestais, encontra-se num nível de “Eficácia Baixa”;

OBSERVAÇÕES:

Os cursos destinados a técnicos tiveram elevados níveis de eficácia. A fórmula para este sucesso parece simples: (1) preocupação na adequação dos conteúdos às reais necessidades da população-alvo, (2) selecção de formadores que possam gerar confiança à FORESTIS e aos técnicos que frequentam a formação e (3) selecção adequada dos formandos. Relativamente a este último aspecto, em todos os cursos foram seleccionados formandos que não ti-

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

nam ligações às OPF's, mas sim a outras instituições públicas. Esta situação está prevista no Plano de Formação e nas regras de funcionamento, quer da FORESTIS, quer do FSE. No entanto, as Acções de Formação para técnicos foram concebidas e desenhadas para responder a necessidades específicas dos técnicos das OPF's, nomeadamente, através do Diagnóstico de Necessidades de Formação onde foi valorizada essa contextualização. Foram recolhidos indícios de menor grau de eficácia com os formandos que não são originários das OPF's. No caso do **Curso nº 7 – “Inventariação e Comercialização de Material Lenhoso”** verificou-se que a maioria dos ex-formandos já não estão ligados a OPF's (existe uma elevada rotatividade dos colaboradores das OPF's), estando actualmente a executar actividades profissionais nas quais não utilizam as competências desenvolvidas no curso, tendo esse facto um impacto ao nível da eficácia da formação²¹.

Por fim, mencionamos outro factor que, provavelmente, está na base da eficácia da formação com esta população. Trata-se das características da própria população: jovens adultos; com formação superior; de uma licenciatura com crescente visibilidade, de intervenção no sector, na última década. Embora nem sempre com disponibilidade para a formação, quando isso acontece procuram aproveitar as competências para se valorizarem e melhorarem o seu desempenho.

11. Os cursos com o grau de eficácia mais baixo são os dirigidos às populações de DIRIGENTES e ADMINISTRATIVOS:

- i. **Curso nº 8 – “Políticas de Desenvolvimento Sustentável do Sector Florestal”;**
- ii. **Curso nº 17 – “Gestão e Marketing das OPF's”;**
- iii. **Curso: “Administração, Gestão e Organização”.**

OBSERVAÇÕES:

A formação executada com estas populações é, aparentemente, o aspecto mais negativo do Plano de Formação. Existem dados que poderão explicar esta situação:

- A) As temáticas das Acções de Formação em causa não são o *know-how* central da FORESTIS ou das OPF's a ela ligadas. Nestes cursos foram abordadas temáticas das áreas do Marketing, Financeira, Gestão de Recursos Humanos, Contabilidade, Organização de Eventos, Direito e outras – a transferência destas temáticas para a prática de actuação das OPF's não tem um suporte técnico por parte de chefias e colegas, por não serem detidas estas competências no seio das OPF's, ao contrário do que acontece com as áreas específicas/técnicas abordadas com as restantes populações (com colegas e chefias com capacidade técnica para supervisionar ou apoiar a aplicação das novas competências);
- B) A população de dirigentes associativos não é profissionalizada, diferenciando-se na dedicação e empenho com que cada um assume

²¹ Ver versão integral do estudo.

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

as responsabilidades de dirigente (em função das condições de vida pessoal e profissional). Estes elementos nem sempre têm a possibilidade de investir na sua actividade associativa o que parece ser requerido, dadas as necessidades e ambições do sector.

Estes dados poderão justificar, em parte, a eficácia reduzida que estes cursos registaram. No entanto, salientamos que no caso dos dirigentes, se trata de uma população cuja participação em Acções de Formação é pouco frequente²² noutros sectores da actividade económica. Consideramos ser de valorizar a disponibilidade demonstrada pelos dirigentes, sendo este um sinal muito positivo, assim como o grau de eficácia alcançado com estas Acções de Formação (“Eficácia Baixa”) porque se trata de um processo de transformação que pode ter de ser lento, mas no qual o papel dos dirigentes será, ao certo, decisivo.

4.1.1 Análise global da formação para proprietários florestais

Ao longo do estudo realizado foram recolhidos múltiplos indícios de sucesso da formação destinada à população de proprietários florestais. A qualidade da formação desenvolvida está patente em todos os Níveis de resultados analisados²³ (Nível 1, Nível 2 e Nível 3 do modelos de Kirkpatrick). Verificámos que as “reacções à formação” (Nível 1) e a “avalia-

ção das aprendizagens” (Nível 2) são muito positivas, embora se registem algumas diferenças curso a curso (pouco significativas).

Os dados recolhidos de Nível 1 e Nível 2 são demonstrativos de um dos principais factores para o sucesso do projecto formativo: a forma como a formação é organizada e desenvolvida. Incluímos aqui os seguintes aspectos:

- A valorização que a FORESTIS faz da formação, enquanto mecanismo de intervenção no sector;
- Qualidade da selecção dos formadores, com elevada capacidade técnica e pedagógica;
- Apoio e acompanhamento da Coordenação Pedagógica, quer do trabalho desenvolvido pelos formadores, aos quais é fornecida informação sobre modos de actuação pedagógica, quer ao próprio desenvolvimento do processo formativo, havendo a preocupação em acompanhar as Acções de Formação com elevada disponibilidade.

Na análise do Nível 3 (principal enfoque deste estudo), verificamos também o sucesso do Plano de Formação, sendo possível registar diferenças na execução das diferentes Acções de Formação. Esta análise reforça os dados do Nível 1 e Nível 2, demonstrando-se transferência de competências para o contexto de trabalho dos formandos. A análise efectuada evidenciou outros factores de sucesso do projecto:

- A abordagem pedagógica comportava “visitas de estudo” e “práticas de campo”, o que se

²²) Não detemos dados que confirmem esta afirmação, baseando-se apenas no conhecimento informal de outros sectores da economia portuguesa, resultante da nossa actividade profissional ligada à formação profissional.

²³) Ver versão integral do estudo.

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

revelou fortemente eficaz nas reformulações cognitivas dos formandos e na apropriação das competências;

- A selecção de formandos que, sendo adequada, proporcionou aos participantes a possibilidade de apropriação de competências transferidas para o contexto de trabalho. Verificou-se assim a elevada consistência dos referidos factores de sucesso da formação (selecção de formadores, organização da formação e componentes práticas da formação).

No entanto, na análise de Nível 3, constatamos diferenças nos resultados da formação. **O Curso nº 15 – “Defesa da Floresta contra Incêndios” – PORTUCALEA, Curso nº 25 – “Silvicultura do Eucalipto” – AFCCG e Curso nº 31 – “Recolha e Comercialização de Cogumelos” – AFACC**, são os que têm um grau de eficácia mais baixo. Embora o resultado do primeiro possa ser justificado pelo facto de ter uma dimensão de sensibilização, nos restantes verificamos que os factores que permitiram que o investimento em formação tivesse sucesso (selecção de formandos, selecção de formadores, organização da formação e componentes práticas da formação), não permitiu que tal se verificasse nestes cursos. Salientamos este facto por se tratar de um factor chave para a eficácia da formação, no entanto, referimos, também, que estes cursos são excepções, podendo encontrar-se, quando muito, alguns casos pontuais de formandos (normalmente um ou dois elementos) noutros cursos, cuja selecção não foi adequada. Sempre que esta situação se verificou, teve uma influência directa na eficácia registada pela Acção de Formação.

Foram registados ainda alguns casos de falhas na assiduidade dos formandos, também elas perturbadoras da eficácia das acções.

Estes aspectos devem ser alvo de reflexão interna, nomeadamente, as causas e formas de colmatar estas situações em projectos futuros. Para a equipa de projecto, estas falhas estão relacionadas com a motivação dos proprietários para a frequência de formação, ou disponibilidade para investir num sector que está associado a uma situação de risco elevado por via dos incêndios florestais. No entanto, o que pode ser feito com a população de proprietários florestais deve passar por uma mudança de perspectiva sobre a floresta e sobre o papel de cada um, não só na sua defesa, mas sim, para a realização pessoal e colectiva por via da floresta portuguesa. Em síntese, verificamos que a FORESTIS, para a população de proprietários florestais, conseguiu reunir um conjunto de condições decisivas para o sucesso do Plano de Formação:

1. Qualidade de acompanhamento pedagógico das Acções de Formação (Coordenação Pedagógica);
2. Qualidade da execução da formação (formadores);
3. Selecção de formandos adequada (neste caso com correcções pontuais a efectuar).

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

4.1.2 Análise global da formação para técnicos florestais

Relativamente à população de técnicos florestais verificámos²⁴ que as “reacções à formação” (Nível 1) e a “avaliação das aprendizagens” (Nível 2) são, também, muito positivas. Mais uma vez demonstram que (1) a FORESTIS valoriza a formação, enquanto mecanismo de intervenção no sector; (2) qualidade da selecção dos formadores e (3) qualidade do apoio e acompanhamento por parte da Coordenação Pedagógica. Também estes dados são corroborados pela elevada eficácia da formação (Nível 3).

No caso desta população há factores que influenciaram os resultados obtidos, relacionados com a selecção de formandos, que convém enfatizar. Está previsto, pela entidade gestora, a selecção de formandos (técnicos florestais) que não fazem parte dos quadros das OPF's *dO Movimento Forestis*. No entanto, foram recolhidos indícios de ineficácia da formação porque estes elementos não utilizam as competências desenvolvidas nas Acções de Formação nos respectivos quotidianos profissionais. Este facto resulta, essencialmente, dos pressupostos do desenho dos cursos, que têm como perfil-alvo os técnicos que exercem actividade em OPF's, constata-se que são desajustados aos técnicos que desenvolvem actividade profissional em autarquias ou outros serviços públicos (como foi o caso de alguns formandos que frequentaram estas acções). Verificámos que o tipo de necessidades de formação de técnicos que exercem as suas actividades em au-

tarquias ou serviços públicos não são coincidentes com as necessidades de formação dos técnicos que exercem a sua actividade em OPF's. Deve este dado ser alvo de reflexão por parte da FORESTIS, podendo optar por desenhar/conceber Acções de Formação em função das características específicas dos diferentes perfis de técnicos florestais.

Reforçamos que estes aspectos têm um impacto nos resultados observados no estudo, impedindo o Plano de ser ainda mais bem sucedido. No entanto, os resultados registados são fortemente reveladores de transferência de competências para os contextos profissionais dos ex-formandos. A excepção, com resultado menos positivo foi o anteriormente referido **Curso nº 7 – “Inventariação e Comercialização de Material Lenhoso”** em que se constatou a existência de um problema que, esse sim, acabou por influenciar significativamente a eficácia da formação – uma parte significativa dos formandos que frequentaram este curso, deixaram de estar ligados à OPF onde exerciam a sua actividade profissional, tendo-se verificado a integração de funções em autarquias e serviços públicos. A “rotatividade do pessoal” das OPF's deve, também, ser alvo de reflexão por parte da FORESTIS, nomeadamente, podendo ter implicações ao nível dos critérios de selecção de formandos, através da valorização da opinião da Direcção da OPF quanto à pertinência (a médio/longo prazo) da frequência do curso por parte do respectivo técnico. Para concluir esta análise da eficácia da formação para técnicos florestais, enfatizamos ainda que há indícios de se tratar de uma população com forte

²⁴ Ver versão integral do estudo.

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

potencial técnico e motivacional. De facto, os técnicos deste sector são jovens adultos (a grande maioria licenciados em Engenharia Florestal), com redes estabelecidas entre eles, que proporcionam elevadas trocas comunicacionais e influências mútuas ao nível técnico e das práticas adoptadas.

Pelas razões apresentadas, sugerimos à FORESTIS a reflexão sobre o seu papel na criação de condições para maximizar estas trocas comunicacionais, assim como do aproveitamento deste potencial. Como sugestão, apresentamos a hipótese de utilização de mecanismos ligados à Internet e à formação à distância, como facilitadores do desenvolvimento de competências desta população (esta sugestão deve ser alvo de análise e estudo aprofundado por parte da FORETIS).

4.1.3 Análise global da formação para dirigentes florestais

Na análise efectuada no estudo de avaliação do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006), a formação desenvolvida para esta população regista níveis de eficácia reduzida. De facto, apesar de no Nível 1 – “reações à formação” – se registarem resultados positivos, demonstradores da satisfação dos formandos com o desenrolar dos cursos (encontramos reações de grau inferior ao registado noutros cursos no **Curso nº 17 – “Gestão e Marketing das OPF’s**, mas ainda de nível positivo)²⁵, constatámos que os resultados de Nível 2 – Aprendizagens (re-

sultados de tendência média²⁶) já apresentam indícios de menor apropriação das competências. Este dado reforça os resultados verificados no estudo ao nível desta população: “Eficácia baixa”.

No estudo realizado verificámos que o sucesso da formação com as populações de proprietários e técnicos não se regista com os dirigentes. Não havendo indícios fortes de menor qualidade do processo pedagógico e registando-se aspectos positivos transversais a todo o plano (valorização estratégica da formação por parte da FORESTIS e qualidade do apoio e acompanhamento da formação), a hipótese explicativa desta baixa eficácia está relacionada com as características específicas da população-alvo.

Trata-se de uma população que, genericamente, exerce a actividade de Dirigente Associativo paralelamente a outra actividade. Por essa razão, nem sempre tem a disponibilidade que as actividades de gestão da associação exigem. Ocupam, assim, cargos nas direcções que lhes permitem conciliar as actividades de dirigente associativo com a actividade profissional (central na vida destes elementos), acabando por não introduzir alterações significativas às suas práticas enquanto dirigentes, como consequência da frequência das Acções de Formação. Enfatizamos aqui que há, de facto, casos em que assim não acontece, sendo excelentes exemplos de dedicação à actividade associativa para este e outros sectores da realidade portuguesa.

Paralelamente a este dado, registamos que esta população tem formação académica ou experiências profissionais ligadas à gestão e ao associativismo,

²⁵) Ver versão integral do estudo.

²⁶) Ver versão integral do estudo.

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

não considerando, na sua globalidade, ter sido a frequência dos cursos a acrescentar valor às suas competências.

Sendo estes dados, mais do que factos, hipóteses explicativas da baixa eficácia da formação executada com esta população, realçamos que é de valorizar a disponibilidade registada para a frequência destas Acções de Formação (apesar de algumas falhas de assiduidade registadas), assim como indícios de eficácia ao nível da motivação para dedicação ao sector e aos novos modelos de gestão da floresta (principalmente por via do **Curso nº 8 – “Políticas de Desenvolvimento Sustentável do Sector Florestal”**²⁷).

Assim, consideramos que a FORESTIS deve reflectir sobre o processo de envolvimento dos dirigentes na formação profissional e, principalmente, sobre a forma de organização da formação. Apresentamos como hipótese a analisar a utilização do modelo de Formação-Acção, sendo intervencionada a Associação e por essa via desenvolvidas as competências dos seus dirigentes, de forma personalizada e ajustada à realidade de cada OPF.

Poderá ainda ser ponderado um modelo de formação de temáticas de cariz técnico (gestão financeira, marketing, políticas para o sector florestal, entre outros) que proporcione o contacto com realidades bem sucedidas (visitas de estudo a contextos de gestão florestal de sucesso) e simultaneamente a mediação/accompanhamento de um técnico especialis-

ta²⁸. Estas sugestões poderão permitir à FORESTIS proporcionar às OPF's competências técnicas que não são o seu *know-how* específico, sendo que, na eventualidade de vir a implementar estas sugestões, será decisiva a qualidade do recrutamento e selecção dos especialistas.

4.1.4 Análise global da formação para sapadores florestais

No que diz respeito ao desenvolvimento de competências na população de sapadores florestais, poderemos afirmar que o único curso realizado teve um grau de transferência das competências para o contexto de trabalho de nível razoável. Existem, no entanto, algumas reservas: por um lado, o facto dos formandos deste curso terem também frequentado a “Formação Inicial” para sapadores e terem revelado dificuldades em discriminar o valor de cada um dos cursos – o certo é que, principalmente nas competências técnicas, demonstram ter confiança e segurança na utilização de diversas técnicas e na sua aplicação no quotidiano profissional; por outro lado, a “2ª fonte” foi mais pessimista relativamente à “presença de algumas competências” e “influência do curso” nesses factos²⁹.

Pese embora estas ilações, registamos que o grau de eficácia desta Acção de Formação se encontra em níveis médios, assim como os resultados relativos ao Nível 4 – Resultados do “modelo de Kirkpatrick”,

27) Ver versão integral do estudo.

28) Esta sugestão pode traduzir-se na realização de “encontros de dirigentes” (com a duração de 2 a 3 dias) com (1) “mesas de discussão”/workshops mediados por especialistas, com apresentação e edição dos resultados finais dos debates e (2) com uma componente de visita de estudo.

29) Ver versão integral do estudo.

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

indicam impactos nas propriedades intervencionadas pelos sapadores, cuja qualidade do trabalho foi influenciada pelo(s) curso(s) que frequentaram.

4.1.5 Análise global da formação para administrativos

No que diz respeito ao desenvolvimento de competências na população de administrativos, também aqui, temos como referência um único curso realizado. A eficácia baixa, registada no QUADRO 12, não é totalmente reveladora da análise qualitativa que efectuámos sobre este curso³⁰. De facto, há competências em que a transferência para o contexto profissional dos formandos parece não ter ocorrido, mas, noutras, há sinais positivos de eficácia da formação. Podemos assim considerar que este curso teve uma eficácia média, em função das diferentes competências que faziam parte do Perfil de Saída deste curso. Salientamos que estes indícios positivos resultam de: (1) o desenho desta Acção de Formação foi estruturado em função de necessidades e expectativas relativamente ao desempenho futuro destes profissionais; (2) o desenvolvimento da formação, apesar de algumas dúvidas levantadas, foi realizado em função dos objectivos definidos, com profissionais capazes de o realizar adequadamente; (3) o desenvolvimento da formação estava centrado em métodos activos, na prática e experimentação, apesar de existirem alguns ajustes a fazer.

Há alguns factores que poderão ser ponderados pela FORESTIS para melhorar a qualidade do processo

formativo. Os conselhos que poderemos dar relativamente a Acções de Formação com esta população estão em parte relacionados com as falhas detetadas, que consideramos terem sido excepções, e que é naturalmente necessário aperfeiçoar constantemente: por um lado, clarificar com a equipa de formadores os objectivos pedagógicos em causa e, por outro lado, maximizar a adequação das condições de execução da formação às condições de execução da actividade profissional dos formandos (por exemplo, utilizando e experimentando, no processo formativo, o preenchimento de documentação legal nas mesmas condições em que serão executadas no contexto de trabalho³¹).

Como foi já referido, o desenho da Acção de Formação foi muito ponderado e até em diálogo com as OPF's de onde eram provenientes os formandos. Apesar disso, apresentamos algumas sugestões ou ideias a desenvolver (pela equipa de Gestão da Formação da FORESTIS), cuja operacionalização e adequabilidade à realidade das OPF's deve ser alvo de estudo:

- Estruturar pequenos cursos sobre diferentes temáticas, abordados em diferentes momentos, podendo dessa forma ser mais facilmente ajustadas estratégias com os formadores e com as chefias dos formandos, tendo em vista maximizar a transferência de competências para o contexto de trabalho (aspecto que sabemos que preocupa a FORESTIS);
- A realizar-se um curso de abordagem mais vasta, procurar fornecer aos seus formandos uma

³⁰) Ver versão integral do estudo.

³¹) Ver versão integral do estudo.

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

certificação profissional (o Instituto de Emprego e Formação Profissional realiza a homologação de cursos de Técnicos Administrativos).

4.2

Impacto do Plano de Formação no sector florestal – Nível 4 do “modelo de Kirkpatrick”

Tal como fizemos com os resultados de Nível 3 do modelo de Kirkpatrick, estabelecemos também para o Nível 4 um indicador que sintetizasse a análise qualitativa realizada.

Reforçamos a ideia anteriormente expressa, de que a quantificação que aqui é efectuada não deve ser entendida como objectiva e exacta. É sim, uma forma de traduzir em dados quantificados as análises complexas que procurámos fazer de forma qualitativa³². O objectivo desta quantificação é facilitar a leitura da informação que é apresentada neste relatório.

Também foi referido anteriormente que os resultados de Nível 4, no caso do Plano de Formação em análise, não poderão ser directamente relacionados com a execução da formação. Estes resultam de múltiplos factores que ultrapassam o mero desenvolvimento de uma Acção de Formação, como, por exemplo, condições personalísticas dos actores (proprietários, técnicos, dirigentes, etc.) e, principalmente, condições contextuais (incêndios, pragas, questões meteorológicas, modelos de gestão de propriedades contíguas,

dinamismo da OPF, entre outras).

Por estas razões e porque qualquer estudo deste género está sujeito a enviesamentos, devem estes indicadores ser entendidos como indícios recolhidos no tratamento dos dados do estudo.

Vamos, também aqui, sempre que for pertinente, utilizar a informação recolhida junto das OPF através do “Questionário de recolha de dados nas OPF’s” (ANEXO 6). Esta será utilizada para reforçar, ou não, as percepções ou análises relacionadas com os impactos registados no estudo.

Pretende-se representar de forma quantificada os resultados de Nível 4 de Kirkpatrick. Para isso foram utilizados os seguintes critérios:

- **Percepção da influência do curso no impacto** – diz respeito à percepção dos ex-formandos relativamente à influência que o curso terá tido nos impactos (também percebidos) nos respectivos contextos de actuação (1 – respectivas propriedades, no caso da população de proprietários florestais e 2 – funcionamento da OPF e actividades executadas pela OPF no contexto local, para as populações de técnicos, dirigentes, sapadores e administrativos);
- **Percepção de potencial de impacto** – diz respeito à percepção dos ex-formandos relativa ao potencial de influência que o curso poderá ter no futuro (apesar de na maioria dos cursos ter já decorrido mais que dois anos desde que a formação foi executada, como se trata do sector florestal, muitos impactos poderão registar-se a muito longo prazo, 20-30 anos);

³²⁾ Ver versão integral do estudo.

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

- **Consistência dos resultados** – diz respeito à consistência do valor do indicador, estabelecida através da análise de conteúdo das entrevistas e dos “encontros de ex-formandos” e que foi estabelecida com a participação de toda a equipa de avaliação.

Foi estabelecido o “indicador de percepção e potencial de impacto”, no qual foram considerados os seguintes factores:

1. Grau de contribuição das Acções de Formação frequentadas para os impactos percebidos pelos formandos no contexto (percebido pelo formando retrospectivamente e expresso na entrevista realizada no âmbito do estudo)³³;
2. Ajustes de dados, resultante da análise de conteúdo realizada pela equipa de avaliação no decorrer das entrevistas realizadas no estudo.

É utilizada uma escala de 0 a 100, que representa o somatório das percentagens de respostas de Grau 3 e Grau 4, do conjunto das percepções dos ex-formandos relativas à “influência do curso” nos impactos “percebidos”.

Chamamos-lhe “indicador de percepção e potencial de impacto” pelas seguintes razões:

1. Porque diz respeito a “percepções” sobre a influência do curso nos impactos, também eles percebidos;

2. Porque representa um “valor potencial” para os ex-formandos, mesmo em circunstâncias em que os impactos nos contextos são percebidos como sendo de grau reduzido³⁴.

A partir deste “indicador de percepção e potencial de impacto” estruturámos a informação segundo dois factores:

1. “Indicador de percepção e potencial de impacto por curso” – diferenciação dos cursos em função do somatório das percentagens de respostas de Grau 3 e Grau 4, relativas à “influência do curso” nos impactos “percebidos” nos contextos – traduz-se no cálculo das médias de cada curso;
2. “Indicador de percepção e potencial de impacto por objectivos” (PROPRIETÁRIOS; TÉCNICOS, DIRIGENTES, SAPADORES e ADMINISTRATIVOS) – diferenciação dos objectivos estabelecidos para as diferentes populações, segundo as metas previstas no Plano de Formação (2004-2006) e integrados no estudo através da “Matriz da relação entre cursos e objectivos previstos no Plano de Formação” (ANEXO 3³⁵) – traduz-se no cálculo das médias de cada objectivo, tendo em consideração o contributo dos diferentes cursos em que era espectável que houvesse influência desse objectivo em análise.

³³) Os impactos percebidos dizem respeito aos contextos de actuação das populações destinatárias, nomeadamente: (1) para os proprietários – impactos percebidos nas suas propriedades; (2) para dirigentes, técnicos e administrativos – impactos percebidos nas propriedades/actividades dos associados da OPF e no funcionamento da própria OPF; (3) para os sapadores – impactos percebidos nas propriedades onde executam serviços.

³⁴) A consideração deste “valor potencial” é sensível para um sector com estas características pelo facto de ter um ciclo produtivo muito longo, podendo, como referimos anteriormente, os resultados ser alcançados 20 e 30 anos depois das intervenções realizadas.

³⁵) No ANEXO 7 são apresentados os resultados obtidos por cada curso/objectivo previsto no plano.

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Impactos (percepcionados e em potência) por curso

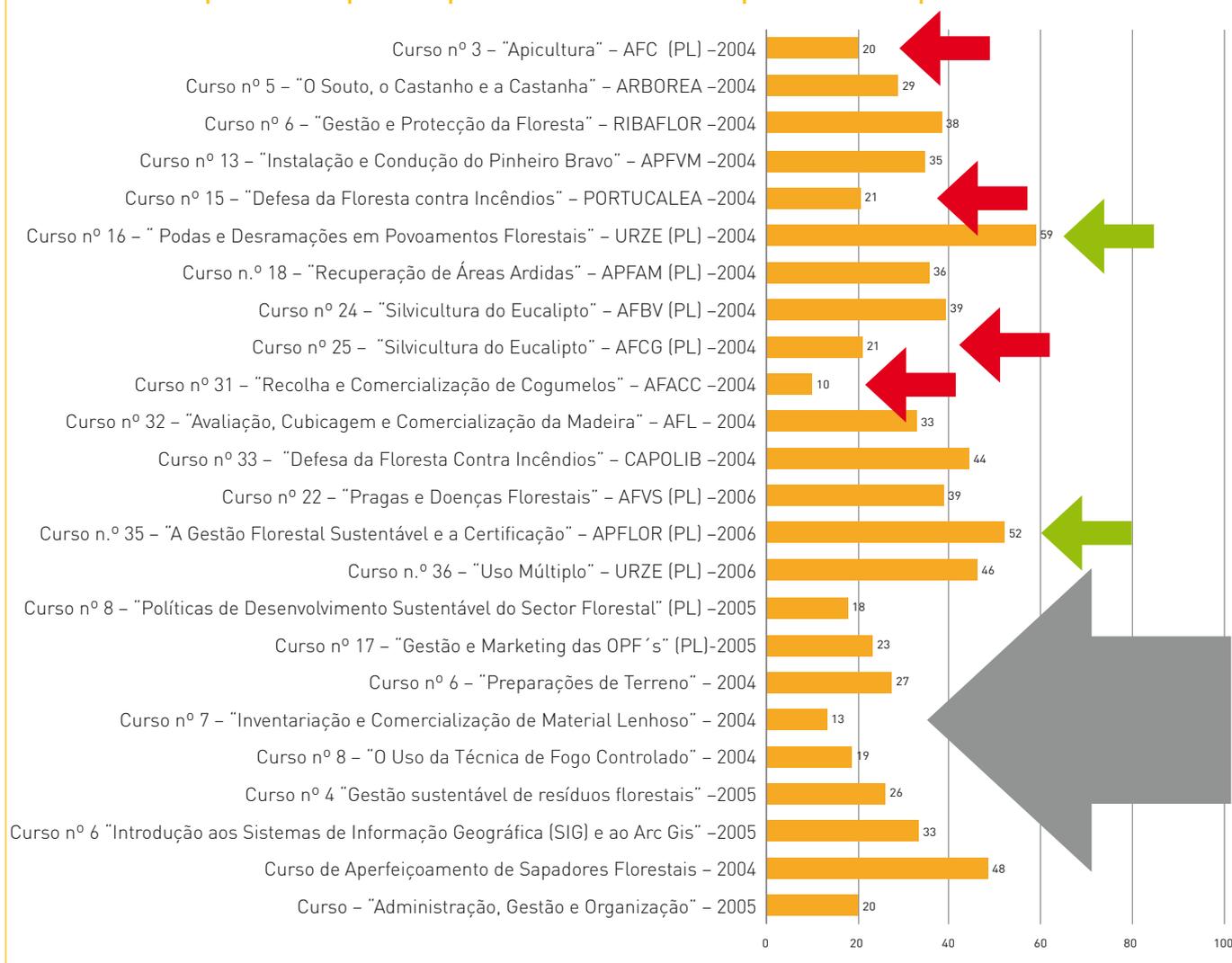


Figura 6 – Resultados de Nível 4, impactos (percepcionados e em potencia), relativos aos cursos do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006).

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Da análise global do “indicador de percepção e potencial de impacto por curso”, **Figura 6**, podemos destacar as seguintes observações:

1. Os resultados do indicador de Nível 4, por comparação com o indicador de Nível 3, têm valores mais baixos.

OBSERVAÇÕES:

A observação deste resultado não coloca em causa as considerações apresentadas sobre a eficácia do Plano de Formação. É sim convergente com a ilação de que os impactos não são exclusivamente determinados pela Acção de Formação, havendo outros factores que os influenciam de forma determinante (condições personalísticas e, principalmente, factores contextuais). Pode afirmar-se que a formação é potenciada quando esses factores são impulsionadores da mudança e facilitam a utilização das novas competências;

2. As diferenças de resultados de Nível 4, tendem a confirmar as observações feitas relativamente ao “indicador de eficácia da formação” – Nível 3:
 - i. Genericamente, os cursos destinados a proprietários florestais têm resultados positivos, tendo em consideração que terão sido influenciados por outros factores, para além da formação desenvolvida;
 - ii. Verificamos a existência de cursos, destinados a proprietários florestais, que tal como no indicador de Nível 3, também aqui têm resultados baixos (**Curso nº 15 – “Defesa da Floresta contra Incêndios” – PORTUCA-**

LEA e Curso nº 31 – “Recolha e Comercialização de Cogumelos” – AFACC);

- iii. Os cursos co-organizados pela URZE têm resultados muito positivos;
- iv. Os cursos destinados a DIRIGENTES e ADMINISTRATIVOS têm resultados baixos.

OBSERVAÇÕES:

A observação destes resultados é convergente com os resultados do “indicador de eficácia da formação”, reforçam o valor da análise anteriormente realizada.

3. O **Curso nº 3 – “Apicultura” – AFC** tem neste indicador (Nível 4) um resultado mais baixo que no “indicador de eficácia da formação”;

OBSERVAÇÕES:

Este curso destaca-se negativamente, principalmente, porque diverge do resultado no “indicador de eficácia da formação”. Resumidamente, os ex-formandos desta Acção de Formação desenvolvem a actividade a tempo parcial, tendo demonstrado audácia e vontade de investir no sentido da maior profissionalização da sua actividade. No entanto, sentiram dificuldades ao nível da certificação, comercialização e outros aspectos relacionados com factores de mercado, podendo estas razões explicar uma percepção de menor influência do curso nos impactos. No entanto, também se constatou uma forte motivação, de alguns destes ex-formandos, para criar uma “rede” que permitisse melhorar as condições contextuais e ultrapassar as dificuldades com que se deparavam, nomeadamente, através da

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

criação de um Núcleo de Apicultura na AFC, que, eventualmente, poderá estar em processo de criação³⁶. Este aspecto é revelador de um potencial de impacto futuro que não foi recolhido através das entrevistas realizadas e que não está patente na

Figura 7.

4. Os resultados dos cursos destinados a técnicos florestais têm resultados baixos no indicador de Nível 4;

OBSERVAÇÕES:

Relativamente aos resultados observados nos contextos de actuação dos técnicos florestais, verificamos que divergem dos resultados do “indicador de eficácia da formação”. Encontramos algumas hipóteses explicativas para este facto:

- A) O contexto de actuação desta população-alvo é mais vasto que, por exemplo, o dos proprietários florestais. Nos primeiros estavam em causa impactos nas propriedades do conjunto de associados das OPF's e, nos segundos, os impactos nas respectivas propriedades. No caso dos técnicos, o desempenho profissional e a “influência do curso” são, assim, dissipados por factores externos;
- B) O estudo considerou os impactos (Nível 4) pressupondo que o técnico-tipo, tal como estava previsto no Plano de Formação, exercia a sua actividade profissional nas OPF's. Registámos, em todos os cursos, a presença de técnicos que exerciam a sua actividade

profissional noutros contextos que não OPF's (autarquias e outros organismos públicos). Nestes casos, embora necessitem e utilizem as competências desenvolvidas, a relação da frequência do curso com mudanças no sector são ainda mais dissipadas (por exemplo, um formando que exerce a sua actividade como professor numa escola agrícola, poderá utilizar as novas competências nas suas aulas, no entanto, esse impacto não está directamente relacionado com a gestão da floresta);

- C) Outro dado que pode explicar este resultado é o facto de, cumulativamente com a justificação anterior, se ter registado rotatividade dos técnicos que exerciam a sua actividade profissional nas OPF's e que frequentaram Acções de Formação³⁷.

³⁶) Ver versão integral do estudo.

³⁷) Este dado foi evidenciado nas respostas da OPF ao “Questionário de recolha de dados nas OPF's”. Ver versão integral do estudo.

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Impactos (percepcionados e em potência) por objectivos – PROPRIETÁRIOS

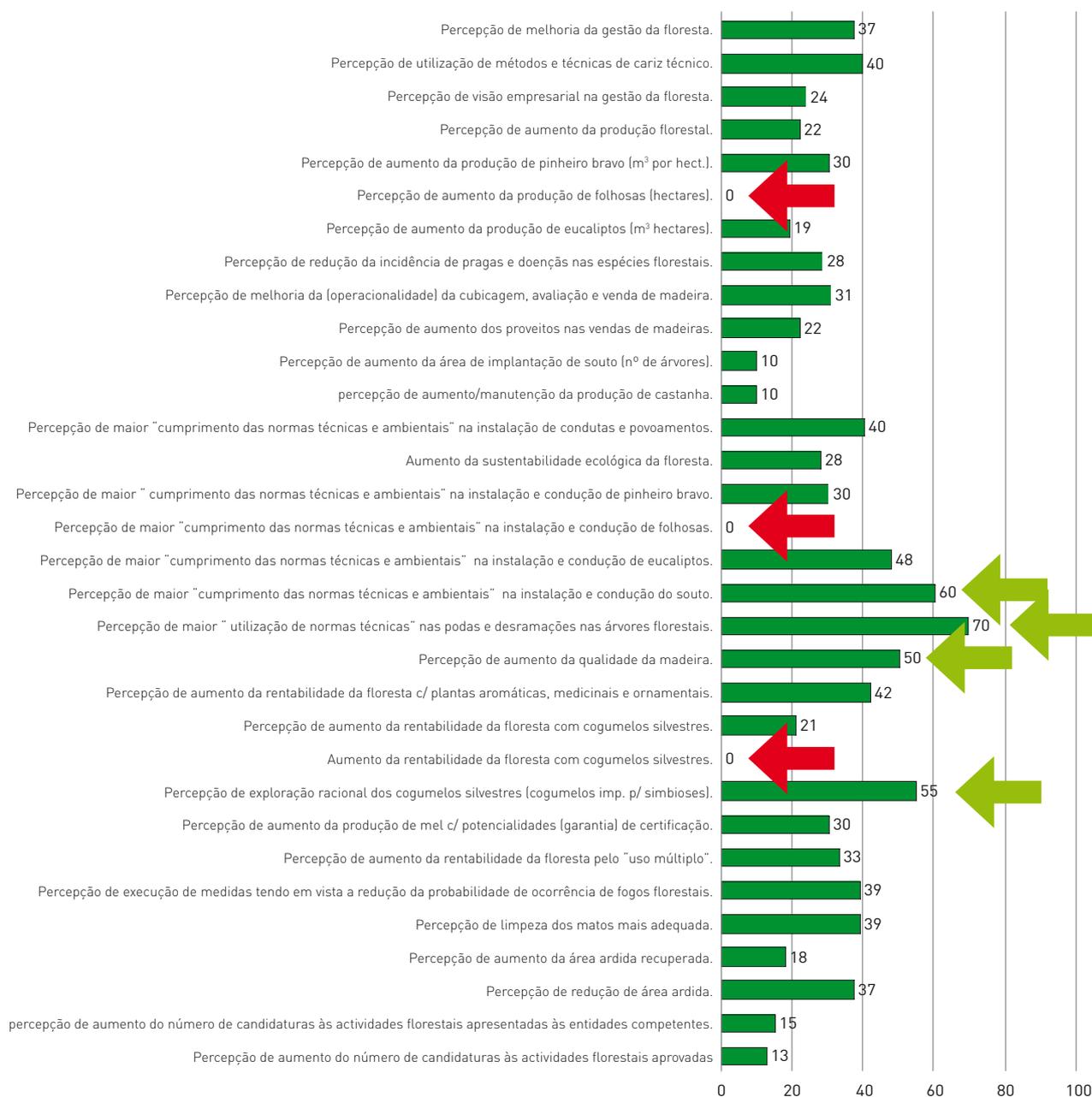


Figura 7 – Resultados de Nível 4, percepcionados e em potencial, relativos aos objectivos previstos no Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006) para a população de Proprietários Florestais.

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Na **Figura 7** observamos os “indicadores de percepção e potencial de impacto por objectivos – PROPRIETÁRIOS”³⁸. Podemos realçar os seguintes resultados:

1. Os resultados que se destacam pela positiva, relativamente aos restantes, são:
 - i. **Percepção de maior “cumprimento das normas técnicas e ambientais” na instalação e condução do souto;**
 - ii. **Percepção de maior “utilização de normas técnicas” nas podas e desramações nas árvores florestais;**
 - iii. **Percepção de aumento da qualidade da madeira;**
 - iv. **Percepção de exploração racional dos cogumelos silvestres.**

OBSERVAÇÕES:

Os resultados relacionados com a condução de soutos (“**«cumprimento das normas técnicas e ambientais» na instalação e condução do souto**” e “**exploração racional dos cogumelos silvestres**”) estão relacionados com a execução do **Curso nº 5 – “O Souto, o Castanho e a Castanha” – ARBOREA – 2004**³⁹. Este curso, nos dados anteriormente analisados (“indicador de eficácia da formação” e “indicador de percepção e potencial de impacto por curso”), revela resultados que se aproximam daqueles que foram enfatizados como sucessos.

Os resultados relativos à “**«utilização de normas**

técnicas» nas podas e desramações”, que estão relacionados com o “**aumento da qualidade da madeira**” porque as podas e desramações efectuadas ao longo dos anos são decisivas para a qualidade da madeira obtida, na análise específica curso a curso⁴⁰ foi frequentemente enfatizado como sendo um impacto que se verificou quase sempre que eram abordadas estas temáticas nas Acções de Formação. Verificamos ainda a influência do **Curso nº 16 – “Podas e Desramações em Povoamentos Florestais” – URZE (PL)–2004** para que este resultado tenha sido alcançado. No entanto, enfatizamos, esta temática foi abordada noutros cursos e com impactos nas propriedades dos ex-formandos.

2. Os resultados que se destacam pela negativa são:
 - i. **Percepção de aumento da produção de folhosas (hectares);**
 - ii. **Percepção de maior “cumprimento das normas técnicas e ambientais” na instalação e condução de folhosas;**
 - iii. **Aumento da rentabilidade da floresta com cogumelos silvestres;**

OBSERVAÇÕES:

Estes objectivos são destacados como sendo negativos pelo facto de terem alcançado o resultado 0 (zero) no “indicador de percepção e potencial por objectivos – PROPRIETÁRIOS”. Constatamos que o Plano de Formação da FORESTIS, não teve qual-

³⁸) Os objectivos representados na Figura 7 dizem respeito aos objectivos estabelecidos para a população de proprietários florestais (Ver “Quadro de Indicadores – ANEXO 1).

³⁹) Ver versão integral do estudo.

⁴⁰) Ver versão integral do estudo.

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

quer tipo de impacto a estes níveis. Se nos casos dos objectivos “**aumento da produção de folhosas (hectares)**” e “**maior cumprimento das normas técnicas e ambientais na instalação e condução de folhosas**” resulta de não terem sido realizados cursos com potencial de impactos a estes níveis, sendo a falha ao nível da não execução da formação, no caso da “**rentabilidade da floresta com cogumelos silvestres**”, várias Acções de Formação contribuíam para este objectivo. Relativamente a

este último aspecto, destacamos o facto de ter sido realizado o **Curso nº 31 – “Recolha e Comercialização de Cogumelos” – AFACC – 2004**, directamente relacionado com este objectivo e que anteriormente foi sinalizado por razões também negativas.

Note-se que não foram executadas 5 (cinco) Acções de Formação de “Instalação e Condução de Folhosas” e 2 (duas) de “Plantas Aromáticas e Mediciniais”, embora tenham sido aprovadas pela entidade financiadora.

Impactos (percepcionados e em potência) por objectivos – TÉCNICOS

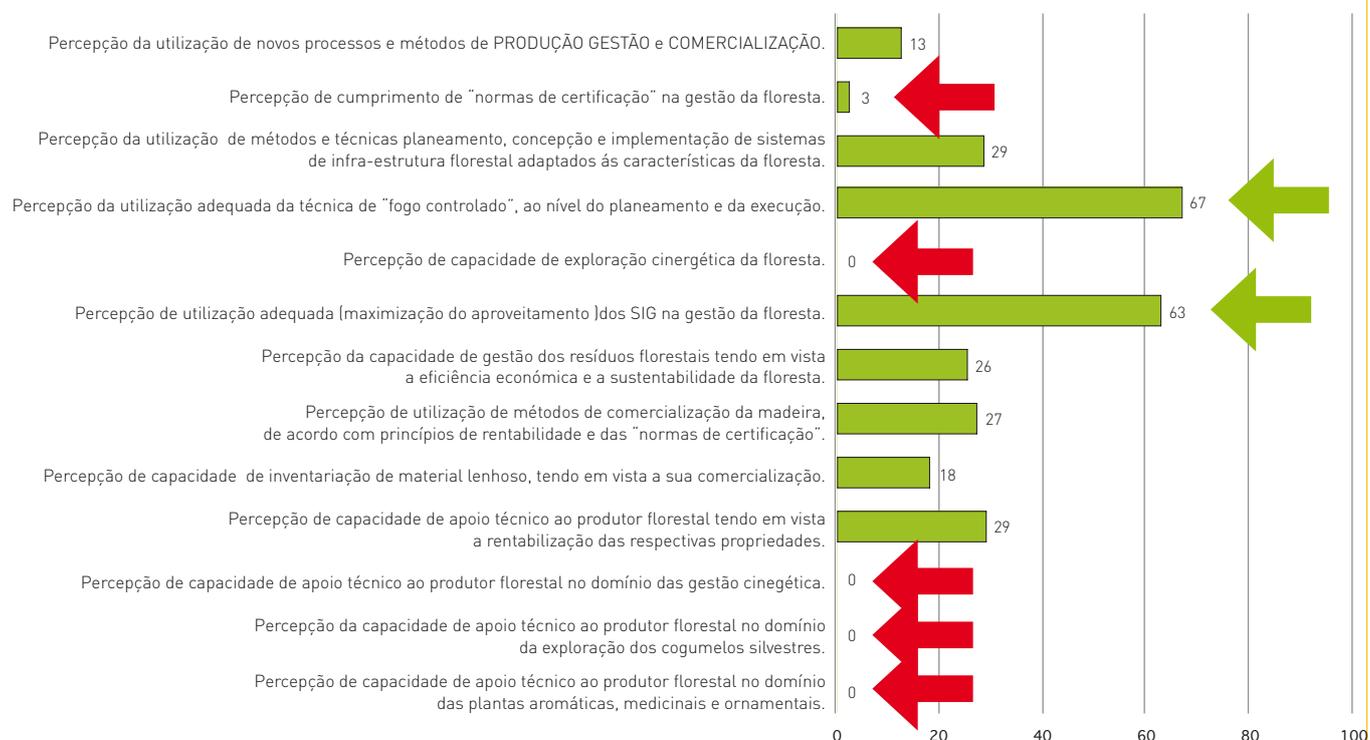


Figura 8 – Resultados de Nível 4, percepcionados e em potência, relativos aos objectivos previstos no Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006) para a população de técnicos florestais.

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Na **Figura 8** observamos os “indicadores de percepção e potencial de impacto por objectivos – TÉCNICOS”⁴¹.

Podemos realçar os seguintes resultados:

1. Os resultados que se destacam pela positiva, relativamente aos restantes, são:

- i. **Percepção da utilização adequada da técnica de “fogo controlado”, ao nível do planeamento e da execução;**
- ii. **Percepção de utilização adequada (maximização do aproveitamento) dos SIG na gestão da floresta.**

OBSERVAÇÕES:

Estes objectivos estão directamente relacionados com os cursos onde foram observados os melhores resultados ao nível do “indicador de eficácia da formação” os cursos dirigidos à população de técnicos florestais.

2. Os resultados que se destacam pela negativa, relativamente aos restantes, são:

- i. **Percepção de capacidade de exploração cinegética da floresta;**
- ii. **Percepção de capacidade de apoio técnico ao produtor florestal no domínio da gestão cinegética;**
- iii. **Percepção de capacidade de apoio técnico ao produtor florestal no domínio da exploração de cogumelos silvestres;**
- iv. **Percepção de capacidade de apoio técnico ao produtor florestal no domínio das plantas aromáticas, medicinais e ornamentais;**

v. **Percepção de cumprimento de “normas de certificação” na gestão da floresta.**

OBSERVAÇÕES:

Tal como se verificou com os objectivos para a população de proprietários florestais, no caso dos objectivos dos técnicos florestais registaram-se resultados de grau zero (0). Estes, estão relacionados com casos de não execução das Acções de Formação ou com limites da amostra do estudo realizado (neste último caso o resultado obtido não pode ser associado a falhas de execução do plano, tão-somente a inexistência de evidências do grau de impacto). Não deixamos de destacar a influência que terá tido a não execução de Acções de Formação subordinadas aos temas de “Plantas Aromáticas e Medicinais” e “Cogumelos Silvestres – Gestão Sustentável do Espaço Florestal”, previstas para esta população de técnicos florestais.

A excepção a esta análise é o caso do resultado negativo do objectivo relacionado com o **“cumprimento de «normas de certificação» na gestão da floresta”**. Neste caso, verifica-se que, embora tenham sido executadas Acções de Formação relacionadas com a certificação na gestão da floresta, as estruturas existentes ao nível do apoio à gestão florestal não respondem a eventuais interesses dos proprietários florestais. Note-se que este resultado tem por base a baixa expectativa de investimento em processos de certificação, percebido como superior a eventuais proveitos que daí pudessem retirar os proprietários⁴².

⁴¹ Os objectivos representados na Figura 8 dizem respeito aos objectivos estabelecidos para a população de técnicos florestais (Ver “Quadro de Indicadores – ANEXO 1).

⁴² Resumidamente, as características do sector florestal não são propícias a investimentos em processos de certificação, podendo no futuro obter-se retorno destas Acções de Formação. A criação das Zonas de Intervenção Florestal poderão criar condições para que o sector fique receptivo aos processos de certificação.

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Impactos (percecionados e em potência) por objectivos – DIRIGENTES/ADMINISTRATIVOS e SAPADORES

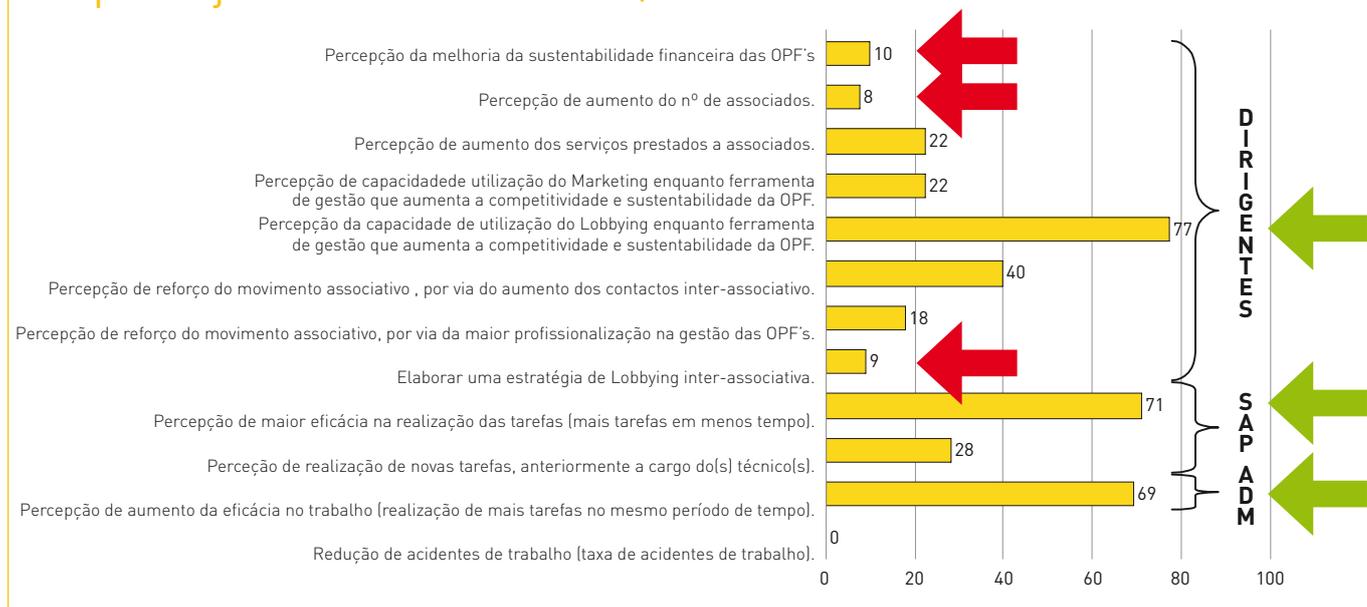


Figura 9 – Resultados de Nível 4, percecionados e em potencial, relativos aos objectivos previstos no Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006) para a população de dirigentes associativos, sapadores florestais e administrativos.

Na **Figura 9**, observamos os “indicadores de percepção e potencial de impacto por objectivos – DIRIGENTES, SAPADORES e ADMINISTRATIVOS”⁴³. Podemos realçar os seguintes resultados:

1. Verificamos que, tendo os cursos destinados a estas populações um nível de “Eficácia Baixa” no “indicador de eficácia da formação”, são alcançados resultados semelhantes, nalguns casos mais elevados, quando comparados com as outras populações (principalmente técni-

cos florestais) no que respeita ao “indicador de percepções e potencial de impactos”.

OBSERVAÇÕES:

Esta observação não altera as deduções anteriormente efectuadas e requer análises específicas⁴⁴, relacionadas com a especificidade dos objectivos em que os resultados positivos foram alcançados (vamos de seguida apresentar alguns desses dados).

⁴³ Os objectivos representados na Figura 9 dizem respeito aos objectivos estabelecidos para a população de técnicos florestais (Ver “Quadro de Indicadores – ANEXO 1).

⁴⁴ Ver versão integral do estudo.

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

2. O resultado mais elevado ao nível deste indicador é alcançado no objectivo: **“Percepção de capacidade de utilização do Lobbying enquanto ferramenta de gestão que aumenta a competitividade e sustentabilidade da OPF”**.

OBSERVAÇÕES:

Este objectivo está directamente relacionado com o **Curso nº 17 – “Gestão e Marketing das OPF’s” (PL)-2005**. Na análise realizada na versão integral do estudo foi destacada a percepção de grande influência do curso ao nível deste impacto. Nesse documento foi referido que a “utilização do Lobbying” (sem entrarmos aqui em discussões sobre as dúvidas que suscitou) enquanto ferramenta de gestão era implementada mesmo antes do início do curso, tendo sido muito debatida no decorrer da formação, o que gerou reforço da sua utilização depois da frequência do curso, sendo assim justificado o resultado aqui constatado.

3. Também se destacam pela positiva os seguintes resultados:

- i. **Percepção de maior eficiência na realização das tarefas (mais tarefas em menos tempo);**
- ii. **Percepção de aumento da eficiência no trabalho (realização de mais tarefas no mesmo período de tempo).**

OBSERVAÇÕES:

Estes dois objectivos, não fazendo parte do Plano de Formação da FORESTIS, foram estabelecidos na

“Matriz da relação entre cursos e objectivos previstos no Plano de Formação” (ANEXO 3). Visavam recolher dados sobre as percepções relativas a alterações no desempenho dos administrativos e sapadores. O resultado aqui apresentado é a percepção dos ex-formandos, verificando-se que as “2^{as} fontes” tenderam a responder em sentido contrário. Consideramos pouco sustentado o resultado relativamente a este indicador, principalmente, pelo grau de pessoalização que tem a formulação da questão colocada ao entrevistado, o que poderá ter enviesado as respostas⁴⁵.

4. Os resultados que se destacam pela negativa são:
- i. **Percepção de melhoria da sustentabilidade financeira das OPF’s;**
 - ii. **Percepção de aumento do nº de associados;**
 - iii. **Elaboração de uma estratégia de Lobbying inter-associativa.**

OBSERVAÇÕES:

Verificamos que os objectivos em que o Plano de Formação terá tido um grau de impacto mais reduzido, segundo o indicador aqui utilizado, são de carácter estratégico para *O Movimento Forestis*. Não sendo expectável que as Acções de Formação tivessem um impacto significativo nestas dimensões de funcionamento das OPF’s, deve ser alvo de reflexão por parte da FORESTIS, qual a melhor forma de os tentar alcançar. Consideramos que a formação poderá contribuir para estes objectivos, mas por si só não será suficiente.

⁴⁵ Não se pretende dizer que este resultado não corresponde à realidade. Apenas, afirmamos que o estudo realizado não fornece dados que permita ter confiança em qualquer ilação sobre este aspecto dos resultados do projecto formativo.

4

Resultados do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006)

Relativamente ao objectivo **“Redução de acidentes de trabalho (taxa de acidentes de trabalho)”**, apesar de na **Figura 9** constar o resultado “0” (zero), o seu significado deve ser esclarecido: foram recolhi-

dos dados de cariz qualitativo (percepção dos sapedores) que indiciam a “manutenção da situação”⁴⁶ no que diz respeito à frequência e/ou gravidade dos acidentes de trabalho.

⁴⁶⁾ Também esta resposta (“manutenção da situação”) foi evidenciada pela URZE (entidade co-organizadora da Acção de Formação para sapedores) ao “Questionário de recolha de dados nas OPF’s” – Ver versão integral do estudo.

5

Pontos Fortes e Pontos Fracos do projecto formativo



5

Pontos Fortes e Pontos Fracos
do projecto formativo

PONTOS FORTES:

PRIMEIRO – Componentes práticas das Acções de Formação

Directamente relacionado com a execução da formação, as componentes práticas da formação revelaram-se profícuas. Foram muitas as situações em que a expressão de opiniões e visões da floresta eram desenvolvidas e demonstravam elevada sensibilidade para com os factores decisivos do sector (o emparcelamento, a limpeza, a qualidade e a certificação). Foi, também, frequente os participantes, no decorrer dos “encontros de ex-formandos”, apresentarem nos seus discursos sobre o sector florestal exemplos de referência que tinham conhecido em visitas de estudo. Em muitos casos, as visitas a contextos internacionais (Galiza, País Basco, Navarra), em que os formandos puderam contactar com exemplos de gestão bem sucedidos, pareciam alimentar uma visão optimista quanto ao futuro do sector florestal português, em que a referência eram as observações que tinham feito nestas visitas. Registe-se que até poderia haver uma postura de desistência, de descrença em “transformar a floresta portuguesa” por via de um eventual “pessimismo português” ou juízos sobre “incapacidades culturais” desta população. A sensibilização e a predisposição para a mudança parecem estar presentes nos participantes envolvidos neste projecto formativo⁴⁷, com um forte contributo das Acções de Formação executadas, nomeadamente, desta dimensão de

visitas de estudo.

No entanto, a componente prática da formação executada no Plano não se resume às visitas de estudo. Ela é mesmo uma marca sempre presente nos cursos desenvolvidos pela FORESTIS. Foram recolhidos dados que demonstram que a Gestão da Formação tem um cuidado extremo com esta componente da formação, preocupando-se com ela, claramente, enquanto mecanismo facilitador do alcance de objectivos pedagógicos previstos. Foram referidas práticas muito valorizadas pelos ex-formandos: treinos de campo (por exemplo, de podas e desramações) ou de visitas a instalações fabris (para se conhecer *in loco* a forma como, à entrada do processo de transformação da madeira esta é diferenciada por “qualidade”, entre outros). O grau de ponderação que a FORESTIS e os formadores atribuem a este aspecto, procurando rentabilizar estas visitas e práticas de campo enquanto mecanismo de desenvolvimento de competências, é um dos pontos fortes do Plano de Formação da FORESTIS.

SEGUNDO – Selecção dos formandos

Também neste caso, directamente relacionado com a organização da formação, a selecção de formandos é outro ponto forte do Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006). Embora de forma não estruturada, foram levantados dados sobre as características dos participantes, nomeadamente, sobre a condição de proprietário florestal. Mesmo tendo sido detectadas falhas ao nível da selecção dos

⁴⁷ Poderíamos citar um sem número de estudos sobre a mudança social, em que o primeiro passo a dar é o criar uma visão de futuro apetecível e fazer com que as pessoas as assumam e defendam. Fica aqui uma referência para consulta, onde é defendido este ponto de vista: Schein (1982).

Pontos Fortes e Pontos Fracos do projecto formativo

formandos (por essa razão este aspecto é simultaneamente um “ponto forte” e um “ponto fraco” do projecto), genericamente, a FORESTIS e as OPF’s conseguiram atrair para a frequência de formação os proprietários florestais com o perfil ajustado ao desenho dos cursos (previsto no diagnóstico realizado). Constatámos a existência de casos de práticas exemplares na selecção de formandos (para o sector florestal e para outros sectores da economia portuguesa). Se este facto não tivesse ocorrido não teria sido possível encontrar neste estudo Acções de Formação com os graus de eficácia registados. Salientamos ainda que foram recolhidos indícios de um sentimento de indiferença na maioria dos proprietários florestais em Portugal (principalmente os que detêm propriedades de pequenas dimensões), o que valoriza a capacidade demonstrada pela FORESTIS na selecção de formandos. Ainda a este respeito, referimos a importância e carácter decisivo da co-organização das Acções de Formação entre a FORESTIS e as OPF’s. Apesar de haver diferentes desempenhos das OPF’s, estas colaboram e incorporam o esforço da FORESTIS no sentido de ter formandos ajustados ao perfil previsto. As OPF’s, conhecendo melhor as realidades locais e regionais, conseguem mais facilmente angariar formandos e orientá-los para formação ajustada às suas necessidades. Sendo esta co-organização apenas nos cursos dirigidos a proprietários, acaba por ter influência na organização dos cursos dirigidos às restantes populações (Técnicos, Dirigentes, Sapedores e Administrativos), uma vez que, a “filosofia” e valorização que FORESTIS evidencia para com a formação profissional, está integrada pelas OPF’s,

pelos seus dirigentes e técnicos, colaborando com a Coordenação Pedagógica na selecção de técnicos, dirigentes e administrativos participantes nas Acções de Formação.

TERCEIRO – Selecção de formadores

Também neste caso, relacionado com a organização da formação, consideramos um ponto forte do Plano de Formação a selecção de formadores. Trata-se de outro factor considerado como decisivo para o sucesso da formação executada pela FORESTIS. Mais uma vez, este aspecto está relacionado com a valorização estratégica da formação enquanto mecanismo de intervenção no sector florestal. A FORESTIS procura ter os técnicos mais competentes e os melhores especialistas na execução da formação que realiza, seja ela dirigida a proprietários, técnicos, dirigentes ou administrativos. Este facto não significa que não haja ajustes a fazer, aos quais consideramos que a Gestão da Formação da FORESTIS está atenta e que os valoriza adequadamente.

QUARTO – Diagnóstico de Necessidades de Formação

O Plano de Formação aqui analisado estava sustentado num Diagnóstico de Necessidades de Formação. Embora a análise do diagnóstico não seja aqui efectuada, revelou-se importante na adequação da formação às populações-alvo. Esta ilação sustenta-se em duas constatações: (1) o Plano de Formação estava estruturado em termos de objectivos e metas, por destinatários, previamente definidos e balizadores de toda a formação; e (2) pela forma como foram estabelecidos os objectivos pedagógi-

5

Pontos Fortes e Pontos Fracos
do projecto formativo

cos nas diferentes Acções de Formação, centrados em competências a desenvolver pelos formandos, percebidas como úteis nas suas actividades profissionais, logo, com um elevado grau de pertinência e adequação. Estes níveis de estruturação, ao nível do Diagnóstico de Necessidades de Formação, foram relevantes para a criação de condições para a qualidade de execução quer do Plano de Formação, quer, também, do presente estudo de avaliação.

PONTOS FRACOS:

PRIMEIRO – Problemas pontuais na selecção de formandos

As questões relacionadas com a selecção de formandos são simultaneamente um ponto forte e um ponto fraco do projecto formativo analisado. Caso a equipa de avaliação tivesse que optar, colocaria este factor como “ponto forte”. Mas, por outro lado, se a FORESTIS ambicionar aumentar a eficácia da formação executada é, provavelmente, ao ampliar a adequação da selecção dos formandos ao perfil previamente estabelecido que o vai conseguir fazer. Verificámos⁴⁸ a existência de um conjunto de Acções de Formação em que se verificaram situações de desajuste dos participantes ao desenho dos cursos. Essas situações, nalguns casos, não foram eficazmente controladas pela Gestão da Formação da FORESTIS. Quando a opção da FORESTIS foi, conscientemente, seleccionar formandos que não tinham um perfil adequado, isso aconteceu dentro de limites aceitáveis e para garantir o desenvolvimento

de formação aos elementos (de perfil adequado) já inscritos.

Não só no sector florestal, mas também noutros sectores, a dificuldade em atrair formandos para a formação parece ser transversal. Esta situação gera muitas vezes uma resposta de não qualidade e indiferença por parte das entidades formadoras, transformando a formação num “negócio” exclusivamente financeiro. No caso específico da formação executada pela FORESTIS, pela forma como concebe estrategicamente a formação, este facto não se verifica, procurando mesmo evitá-lo, optando por não executar a formação em muitas situações, o que resulta no reconhecimento da qualidade da formação desenvolvida por parte dos agentes do sector e mesmo por parte da entidade financiadora. Esta imagem positiva pode não ser suficiente, pelo menos na actualidade, para atrair mais formandos, uma vez que a Formação Profissional tem em muitos contextos uma imagem negativa, sendo feitas generalizações abusivas que acabam por afectar a prossecução dos objectivos de entidades que desenvolvem um trabalho profissional e com qualidade, como é o caso da FORESTIS. Este aspecto, conjuntamente com a realidade do sector, em que muitos proprietários florestais estão não só indisponíveis para a formação como “indiferentes para com as suas propriedades”, cria enormes dificuldades aos agentes apostados na qualidade. Não nos parece haver alternativas à FORESTIS, mas sim uma única via: continuar a apostar na qualidade e enfrentar os problemas do sector com determinação e ambição.

⁴⁸) Ver versão integral do estudo.

Pontos Fortes e Pontos Fracos do projecto formativo

SEGUNDO – Não Execução de formação aprovada

Um segundo ponto fraco é a taxa de não-execução de formação. Também este “ponto fraco” está relacionado com a dificuldade de angariar participantes com o perfil adequado. Enfatizamos que este “ponto fraco” resulta do facto da FORESTIS procurar não executar formação com participantes desajustados aos objectivos e conteúdos das Acções de Formação. Outra das dificuldades identificadas como condicionante da execução do plano foi a desadequação do sistema de financiamento, nomeadamente, questões relacionadas com atrasos dos adiantamentos de reembolsos⁴⁹.

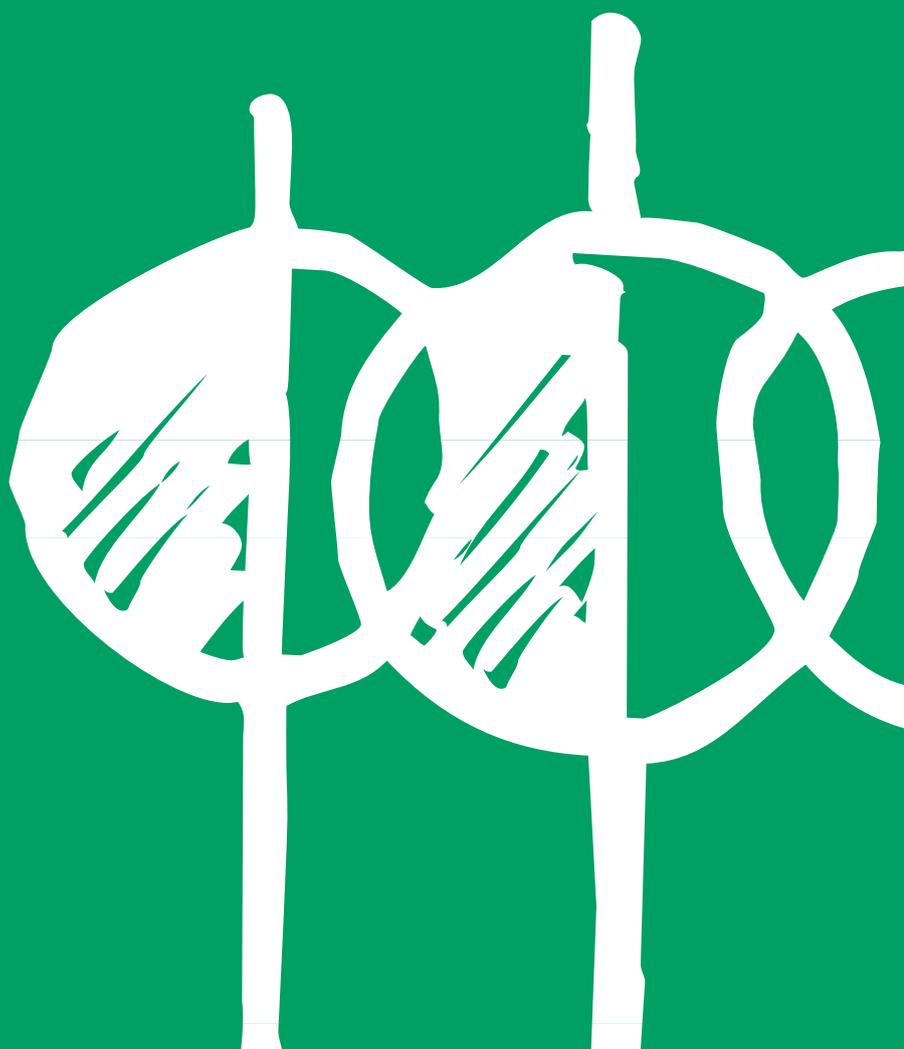
TERCEIRO – Baixa eficácia da formação para Dirigentes

A baixa eficácia da formação para dirigentes é considerada um “ponto fraco” do projecto, principalmente, porque esta população é decisiva para os desafios com que o sector se depara na actualidade, nomeadamente, no que diz respeito à profissionalização da gestão das OPF's. Fizemos anteriormente análises sobre as eventuais causas deste resultado, assim como apresentámos os aspectos positivos associados ao facto de se ter envolvido esta população, normalmente indisponível para participar em Acções de Formação.

⁴⁹⁾ O funcionamento do financiamento do Plano de Formação não foi alvo de análise no estudo. No entanto, especificamente as questões relacionadas com atrasos dos adiantamentos e dos reembolsos foram-nos retratadas com consistência, podendo ter condicionado a forma como foi executado todo o plano, nomeadamente a não-execução de formação inicialmente prevista e aprovada.

6

Aspectos a melhorar/sugestões



6

Aspectos a melhorar/sugestões

Os aspectos a melhorar/sugestões que passamos a apresentar podem estar directamente relacionados com o projecto formativo, mas podem também ser factores que visam ampliar a eficácia de projectos formativos futuros.

Devem assim ser entendidos como sugestões da equipa de avaliação, alguns deles de cariz técnico (no que diz respeito à gestão da formação) e, outros, perspectivas resultantes do intenso contacto com o sector florestal. Assim, as sugestões resultam em grande parte da dinâmica de envolvimento da equipa de avaliação no projecto e do contacto com centenas de actores com ele relacionados.

As sugestões que se seguem, umas mais que outras, devem ser aprofundadas e alvo de análise cuidada tendo em vista antecipar o seu real valor e operacionalidade:

1. **Campanha nacional de sensibilização dos proprietários florestais**⁵⁰, nomeadamente, tendo em vista a disseminação e o envolvimento dos portugueses no projecto das ZIF (Zonas de Intervenção Florestal), sensibilizando os pequenos proprietários, principalmente os residentes nos grandes centros urbanos, ou herdeiros de propriedades florestais (ou com capacidade de influência dos ascendentes residentes no interior de Portugal), visando gerar ambição de transformação do sector florestal português. Esta campanha deverá ter como objectivo combater o problema da floresta pela raiz.

As reflexões da equipa de avaliação levantam a questão sobre qual o problema “de raiz” do sector florestal: qual o maior “inimigo” da Floresta? Os incêndios ou a atitude de indiferença para com a gestão floresta? Devendo esta questão ser aprofundada, a equipa de avaliação considera que os incêndios serão uma consequência da indiferença para com a gestão da floresta. Estão em curso grandes mudanças na gestão do sector florestal, nomeadamente por via da criação das ZIF, que exigem a adesão dos proprietários de floresta em Portugal, podendo ser uma oportunidade para que se envolvam com baixos custos e com ganhos essencialmente ao nível psicológico (auto-estima e sentimentos de agradabilidade com o contributo para a mudança do panorama deste sector). Visava-se, assim, alcançar objectivos (redução da indiferença) que ao certo poderiam reforçar os efeitos da formação profissional executada.

Esta campanha poderia ter grande visibilidade pública, utilizando os média (televisão e imprensa escrita) e encaminhando a população para o sítio de Internet da FORESTIS (que poderá ser reformulado) onde os interessados poderiam encontrar informação suplementar. Uma última nota: este tipo de acções quando concebidas e executadas em rede, em parceria com as outras federações do sector, ampliam o seu valor perante as entidades financiadoras e perante os alvos.

⁵⁰) Esta campanha tem, eventualmente, enquadramento financeiro no QREN.

2. Desenvolver um sistema informático de gestão da formação⁵¹,

integrando o diagnóstico, o planeamento, a organização, a execução e a avaliação da formação. Este sistema poderia ter pontos de input de dados, tratamento de dados e output nas diferentes OPF's, com a gestão centralizada na FORESTIS. Também esta sugestão deverá ser aprofundada, mas, mais uma vez, poderão retirar-se mais valias de um trabalho em parceria com as outras federações do sector. Este tipo de ferramentas podem revelar-se altamente eficazes, mas para isso deve haver grande ambição e visão da sua utilidade para o sector:

- a. Este sistema de gestão da formação pode, ainda, ser utilizado para recolha e **tratamento de indicadores do sector florestal**;
- b. Pode **incluir uma plataforma de e-learning/b-learning⁵²**, principalmente para desenvolver formação para técnicos florestais, dirigentes e administrativos – com uma componente de fóruns on line para esclarecimento de dúvidas e realização de “reuniões técnicas”, sem os custos associados às reuniões presenciais;
- c. Esta plataforma de *e-learning/b-learning* permitiria desenvolver produtos específicos para a população em geral, por exemplo, mini-cursos gratuitos, para crianças, jovens e adultos, visando a sensibilização para a impor-

tância da floresta, onde se revelam os factores críticos do sector e o papel que cada um tem para poder contribuir para o seu desenvolvimento. **No caso das crianças e jovens pode ter uma forte componente pedagógica, de forma a poder ser utilizado por professores nas suas actividades curriculares.**

(NOTA: Este tipo de medidas teriam ainda um segundo objectivo: ampliar a notoriedade da FORESTIS.)

3. Desenvolver um estudo sobre os Perfis Actuais e os Perfis Desejados dos diferentes actores do sector florestal, tendo em consideração as transformações sociais e económicas que se perspectivam a médio/longo prazo.

Verificámos que, por exemplo, os proprietários florestais têm perfis muito diversificados, em função de dimensões/características transversais, locais e relacionadas com o tipo de propriedade (“grande proprietário”, “pequeno proprietário”, “proprietário da região da Serra da Estrela”, “proprietário do Baixo Vouga” ou “proprietário de espécies folhosas” e “proprietário de pinho”). Este tipo de estudo permitiria tomar medidas tendo em vista as necessidades futuras para os actores deste sector⁵³ (não só ao nível da formação profissional como, também, noutros âmbitos de intervenção no sector).

⁵¹) Este sistema informático de gestão da formação poderá ter enquadramento financeiro no QREN.

⁵²) Esta plataforma de e-learning tem, provavelmente, enquadramento financeiro no QREN.

⁵³) Esta sugestão também poderá ser enquadrada pelo QREN. Trata-se de um estudo semelhante a um Diagnóstico de Necessidades de Formação. Os output deste estudo não seriam Acções de Formação a desenvolver, mas sim referências para a tomada de decisões ao nível da formação, recrutamento, orientação profissional, entre outros.

6

Aspectos a
melhorar/sugestões**4. Diversificar mecanismos de financiamento das OPF's e da própria FORESTIS**

– podendo esta sugestão parecer algo óbvia porque é indubitavelmente uma das questões mais relevantes para a FORESTIS e para a sua direcção, considerámos pertinente apresentar alguns dados sobre as reflexões da equipa de avaliação respeitantes às características do sector. Assim, considerámos que são excelentes as oportunidades de valorização do sector florestal e julgamos poderem ser exploradas tendo em vista aumentar o financiamento. São elas: (1) sector ligado à “questão ambiental”, que tem visto ampliada a sua importância no panorama global (pelo fenómeno de aquecimento global, cujo combate poderá passar pela reflorestação do planeta) e ao nível local, pela cada vez maior visibilidade nos currículos escolares; (2) sector associado ao aspecto visual do país, isto é, à imagem do país, da sua dimensão natural e muitas vezes utilizada como “imagem de marca” na sua promoção turística; (3) sector com grande visibilidade nos média e conseqüentemente na população portuguesa, pelo fenómeno dos incêndios; (4) sector com ligações à produção de pasta do papel, transformação da madeira e energias alternativas, negócios em expansão e muito relevantes na economia portuguesa, com empresas de significativa projecção mundial.

5. Estas características do sector poderão ser oportunidades para O Movimento Forestis desenvolver sinergias geradoras de novas fontes de financiamento e de aumento de notoriedade.

Para além destas sugestões, fizemos ainda reflexões em função das diferentes populações-alvo do Plano de Formação:

Sobre a população de PROPRIETÁRIOS FLORESTAIS:

1. Acompanhar a criação do Núcleo de Apicultura na AFC, uma vez que foram recolhidos fortes indícios de dinâmicas informais nesse sentido e que devem ser aproveitadas e valorizadas;
2. Sensibilizar as OPF's para a importância do processo de selecção de formandos, demonstrando a influência que tal facto tem na eficácia da formação desenvolvida.

Sobre a população de TÉCNICOS FLORESTAIS:

1. Privilegiar esta população na abordagem do sector via Internet, caso seja implementada a sugestão anteriormente apresentada de desenvolvimento de um sistema informático de gestão da formação (com componente de *e-learning/b-learning*). Caso tal não se verifique, poderão ser fomentados mecanismos “à distância” ou “presenciais” de partilha de experiências, problemas e soluções – por exemplo: reuniões técnicas);
2. Incentivar a criação de uma Associação Profissional, tendo em vista ampliar a capacidade de diálogo com profissionais chave do sector (está em causa uma relação inter-associativa com uma dimensão bidireccional e de colaboração);
3. Em futuros diagnósticos de necessidades de formação diferenciar as condições profissionais dos potenciais candidatos à formação, concebendo acções adequadas às realidades específicas

(profissionais) dos diferentes técnicos a actuar no sector (OPF's, autarquias, outros organismos do sector público);

4. Desenvolver formação para desempregados⁵⁴. Constatámos, através de informações recolhidas de forma não estruturada, que os jovens licenciados nas áreas relacionadas com o sector florestal e ambiental se deparam com alguns problemas de integração no mercado de trabalho. Poderá ser elaborado um pequeno estudo para avaliar a possibilidade de apoio na integração destes profissionais no mercado de trabalho, sendo desencadeada formação caso se julgasse adequado. A pertinência desta sugestão está relacionada com o eventual desaproveitamento do potencial humano, tecnicamente qualificado, que não está actualmente ao serviço do sector florestal.

Sobre a população de DIRIGENTES ASSOCIATIVOS:

1. As medidas a tomar com esta população devem ser cuidadosamente ponderadas. Sugerimos procurarem-se alternativas aos modelos de formação utilizados, nomeadamente, ao nível da sua organização. Passamos a apresentar algumas possibilidades, alternativas e/ou complementares:
 - a. Realização de conferências, não centradas

em prelecções, mas sim em grupos de discussão temáticos (mesas de trabalho, mediadas por especialistas técnicos, com apresentação de conclusões no final)⁵⁵. Exemplos de temas a abordar: *sponsorização* do sector florestal, *marketing*, gestão financeira, políticas para o sector florestal, certificação e normalização, entre outros;

- b. Realização de um evento-tipo “Encontro Nacional de Dirigentes Associativos do Sector Florestal” (seguindo um modelo semelhante à sugestão da alínea anterior), deslocado, num contexto regional que funcione como exemplo de boa prática e gerador de ambição para o sector⁵⁶ (as visitas de estudo realizadas nas Acções de Formação deste Plano tiveram um impacto positivo ao nível da transformação de ideias e valores sobre o sector florestal);
- c. Utilizar o modelo de Formação-Acção⁵⁷ como forma de “organização da formação” dirigida à população de dirigentes. Este modelo permitiria uma maior contextualização da aplicação técnica de ferramentas de gestão, sendo imediatamente integradas no funcionamento das OPF's. Já existem modelos deste tipo, desenvolvidos para empresas (PME's)⁵⁸ e que visam a incorporação de saberes técnico-científicos (Gestão, Marketing, Gestão de Recursos Humanos, entre outros). Salientamos que deve ser seriamente pondera-

⁵⁴) Esta medida tem, provavelmente, enquadramento financeiro no QREN.

⁵⁵) Esta medida tem, provavelmente, enquadramento financeiro no QREN.

⁵⁶) Esta medida tem, provavelmente, enquadramento financeiro no QREN.

⁵⁷) Esta medida tem, provavelmente, enquadramento financeiro no QREN.

⁵⁸) São exemplos da utilização deste modelo o Formação-PME (Associação Empresarial de Portugal), o In-PME (Associação Industrial Portuguesa), o programa GERIR (IAPMEI), entre outros.

6

Aspectos a
melhorar/sugestões

da a utilização deste modelo, sendo factor crítico para o seu sucesso a selecção dos consultores-formadores, que deverão ser altamente especializados.

Sobre a população de SAPADORES FLORESTAIS:

1. Realizar cursos curtos e centrados numa única área temática. Poderão ser desenvolvidos pequenos cursos subordinados a temáticas específicas: “Trabalho em equipa”, “Primeiros socorros”, “Higiene e segurança no trabalho”, entre outros, permitindo assim ao formador valorizar o curso perante os seus destinatários, identificando o assunto abordado como importante para a actividade dos sapadores (porque justificou uma abordagem específica) e evitando dispersões relativamente ao valor das diferentes temáticas (evitar o risco de valorização de umas matérias em detrimento de outras).

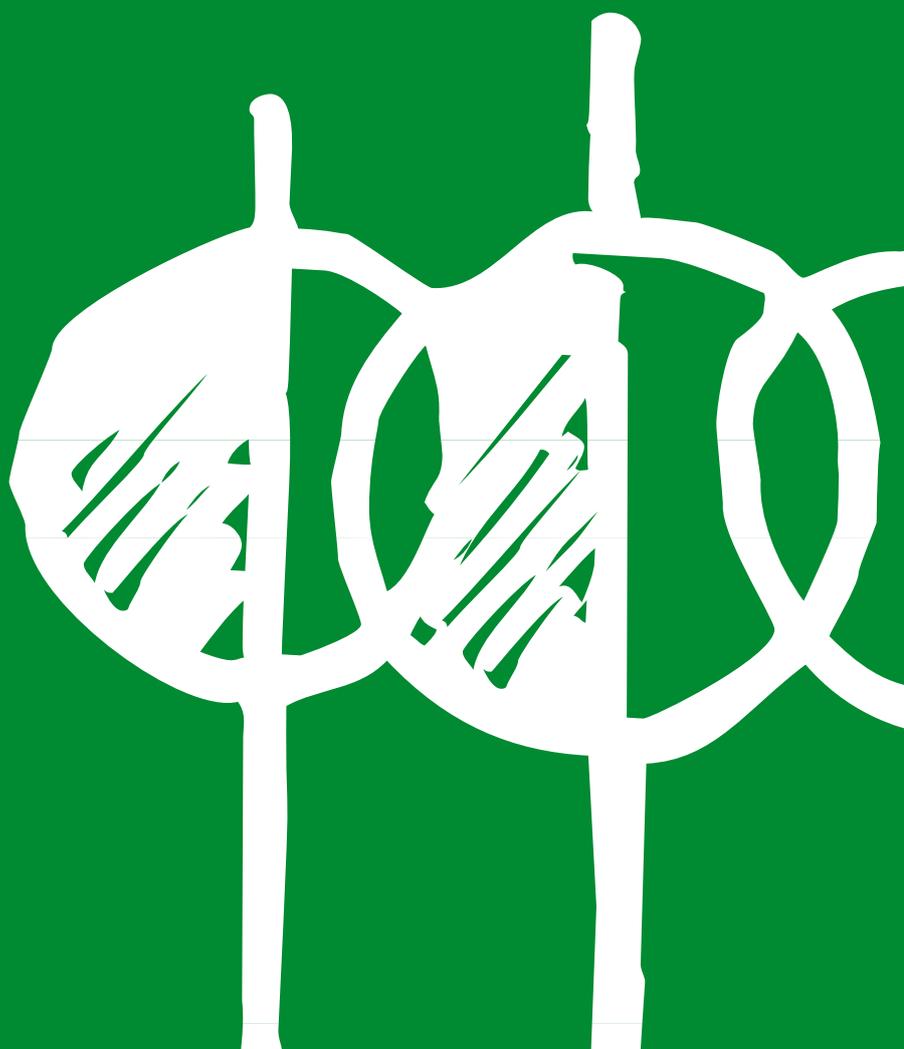
Sobre a população de ADMINISTRATIVOS:

1. Tal como sugerimos para os sapadores, fazemos o mesmo para os administrativos: realizar cursos curtos e centrados numa única área temática. Exemplos de pequenos cursos: “Contabilidade”, “Direito Laboral”, “Atendimento telefónico”, entre outros;
2. Uma vez que há actualmente a homologação de cursos de “técnicos administrativos” (da responsabilidade do Instituto de Emprego e Formação Profissional), pode a FORESTIS ponderar, em futuros Planos de Formação, a possibilidade de proporcionar esta mais valia aos profissionais que exercem esta actividade no sector florestal (Certificação Profissional).

Este conjunto de sugestões teve o contributo e participação de toda a equipa de avaliação, assim como de todos os auscultados no estudo aqui apresentado, através da possibilidade que lhes foi dada de apresentarem sugestões à FORESTIS.

7

Considerações Finais



7

Considerações Finais

Na introdução deste documento foram feitas referências aos objectivos e missão da FORESTIS e ao enquadramento do Plano de Formação (2004-2006). Consideramos que o estudo realizado demonstrou haver indícios consistentes de que o projecto formativo analisado tem muito valor para a missão e objectivos da entidade.

É, actualmente, consensual que o desenvolvimento de competências da população portuguesa é um factor urgente e determinante para a nossa economia. Nalguns sectores, mais que noutros, a formação profissional tem sido executada desde 1986, ano de adesão de Portugal à União Europeia, com grau de eficácia ou desconhecido, ou pouco divulgado pelos diferentes governos da República Portuguesa. Também, as estruturas de gestão dos programas operacionais, estiveram muitas vezes mais centradas na eficiência da execução dos projectos do que no impacto que estes tinham na economia portuguesa. Essa situação poderá ter sido negativa para a economia portuguesa, havendo agora sinais de nova tentativa de valorização da formação profissional, que falta confirmar nos próximos anos. Provavelmente

há muitas entidades que terão de (re)aprender a gerir e valorizar a formação profissional e a entender o seu valor para que cumpra este “renovado” desígnio. Não será esse o caso da FORESTIS, que, através dos resultados deste estudo, demonstra ter consciência do valor que a formação tem na intervenção e mudança social, neste caso no sector florestal. Os resultados aqui alcançados só foram possíveis porque a Gestão da Formação na FORESTIS visa realmente alcançar impactos no terreno e implicar os actores chave (proprietários, dirigentes e técnicos) numa visão de futuro optimista e realista, que possui para o sector florestal.

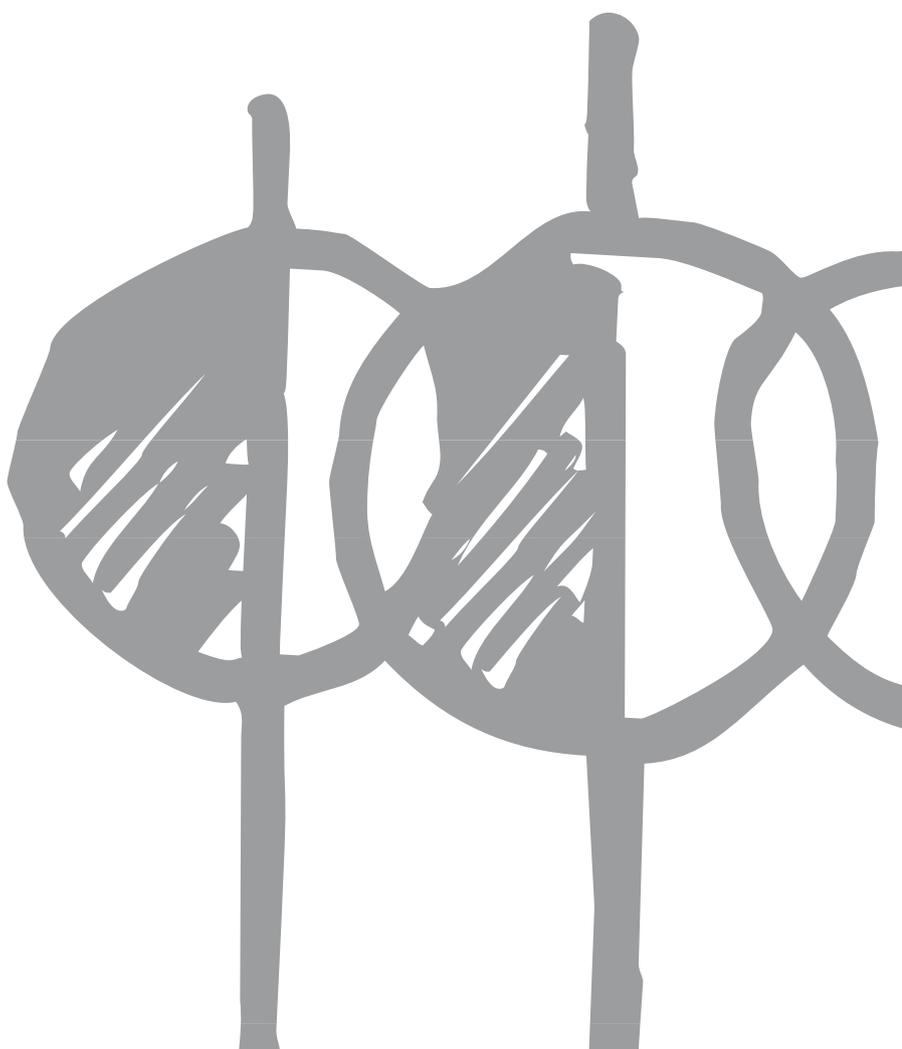
Fazemos ainda referência à total abertura da FORESTIS para que o estudo se tenha desenvolvido de forma imparcial, perspectivando-o como uma oportunidade de melhoria dos processos de gestão, de todo o ciclo formativo e da intervenção no sector. Para concluir, a equipa de avaliação acredita que o estudo realizado reflecte a realidade estudada e que poderá ser útil para melhorar o funcionamento da formação da FORESTIS. Foi com esse fim que a ele nos dedicámos.

Bibliografia

- Blalock, H. (1973). *Introduction à la recherche sociale*, Gembloux, Éditions Duculot.
- Campelo, Z. (Coord.), (2003). *Diagnóstico de necessidades de formação das organizações de produtores florestais do Movimento Forestis*, Porto, Ed. Forestis – Associação Florestal de Portugal.
- Cardoso, Z. (Coord.) (2003). Cardoso, Z.; Soares, A.; Loureiro, B.; Cunha, C.; Ramos, F. *Avaliação da formação – glossário anotado*, Lisboa, Ed. Inofor.
- Cruz, J. (1998). *Formação em Portugal: do levantamento de necessidades à avaliação*, Lisboa, Ed. Sílabo.
- Equal (2005). *Validação de produtos equal – metodologia de apoio à análise da qualidade e à validação dos produtos desenvolvidos no âmbito da equal*, Ed. Gabinete de Gestão EQUAL in http://www.equal.pt/documentos/validacao_produtos_equal.doc (10 de Outubro de 2005)
- INXL (2003). Moura, R., Moura, K., Capucha, L., Fernandes, M., Pacheco, S., Cardim, J., Coucello, A., *guia de apoio às parcerias de desenvolvimento, guia de auto-avaliação*, Saber-fazer (Vol. 3), Ed. Gabinete de Gestão EQUAL. in <http://www.equal.pt/Documentos/publicacao/Saber%20Fazer%20Vol3.pdf> (10 de Outubro de 2005)
- IQF (2007). *Guia de apoio ao utilizador do sistema de acreditação*, Versão 1.04, in http://www.inofor.pt/upload/inofor/content/Guia%20vers%C3%A3o%201_04.03.pdf (01 de Junho de 2007)
- Javeau, C. (1990). *L'enquête par questionnaire*, Bruxelles, Éditions de l'université et d'organization.
- Kirkpatrick, D. L. (1994). *Evaluating training programs: the four levels*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler.
- Kurse, K., (2006). *Evaluating e-learning: introduction to the kirkpatrick model*, in http://www.e-learningguru.com/articles/art2_8.htm (2 de de Março de 2006)
- Kirkpatrick's four levels of training evaluation* in <http://www.businessballs.com/kirkpatricklearningevaluationmodel.htm> (2 de Março de 2006).
- Le Boterf, G. (1990). *L'ingénierie et l'évaluation de la formation*, Paris, Editions d'Organisation.
- Meignant, A. (1999). *A gestão da formação*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.
- Morin, E. (1998). *Sociologia – A Sociologia do Microsocial ao Macroplanetário*, Lisboa. Ed. Europa-América.
- Phillips, J. J. (1983). *Handbook of training evaluation and measurement methods*. 2ª Ed., Dulf Publishing: Huston.
- Proqualitas (2003). *Guía de evaluación y seguimiento de la ejecución de intervenciones de empleo en contextos de desfavorecimiento, desigualdad o discriminación – sistema general de evaluación – Guía ESE*, Ed. Proqualitas.
- Santos Silva, A. & Madureira Pinto, J. (Orgs) (1986). *Metodologia das ciências sociais*, Porto, Ed. Afrontamento.
- Santos, B. S. (1993). *Um discurso sobre as ciências*, Porto, Ed. Afrontamento.
- Santos, B. S. (1995). *Introdução a uma ciência pós-moderna*, Porto, Ed. Afrontamento.
- Schein (1982). *Psicologia organizacional (3ª Ed)*. Príncipe-Hall do Brasil.
- Trochim, W. (2006). *The web center for social research methods*, in <http://www.socialresearchmethods.net/> (13 de Março de 2006)
- Winfrey, E. C. (1999). *Kirkpatrick's four levels of evaluation*, in B. Hoffman (Ed.), *Encyclopedia of Educational Technology*. in <http://coe.sdsu.edu/eet/Articles/k4levels/start.htm> (2 de Março de 2006)

ANEXO 1

(Quadro de Indicadores)





Objectivos do Plano de Formação – Técnicos – OPF

Objectivos do Plano de Formação – Dirigentes.

<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências em áreas técnicas para as quais se identificou uma maior lacuna de formação ao nível dos currículos académicos ("Infra-estruturas Florestais"; "Fogos Controlados" e "Gestão Cinegética").</p>	<p>(Competência) Saber planejar, conceber e implementar sistemas de infra-estrutura florestal adaptados às características da floresta.</p>	<p>Percepção da utilização de métodos e técnicas de planeamento, concepção e implementação de sistemas de infra-estrutura florestal adaptados às características da floresta.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências em áreas técnicas relacionadas com as novas tecnologias aplicadas à elaboração de projectos ("Utilização do SIG nos Investimentos Florestais") e aos novos processos ("Gestão de resíduos florestais").</p>	<p>(Competência) Saber planejar e executar a técnica do "fogo controlado".</p>	<p>Percepção da utilização adequada da técnica de "fogo controlado", ao nível do planeamento e da execução.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências em áreas técnicas que têm vindo a ganhar importância no sector florestal, em particular nas actividades de silvicultura preventiva: "Fogos Controlados"; "Instalação e Condução de Folhosas"; "Infra-estruturas florestais";</p>	<p>(Competência) Saber explorar a componente cinegética da floresta.</p>	<p>Percepção de capacidade de exploração cinegética da floresta.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências em áreas onde se registaram evoluções técnicas e normativas: "Gestão Florestal Sustentável e Certificação"; "Mercado e Comercialização de Madeiras"; "Inventariação e Comercialização de material lenhoso";</p>	<p>(Competência) Saber utilizar os SIG na gestão da floresta</p>	<p>Percepção de utilização adequada (maximização do aproveitamento) dos SIG na gestão da floresta.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Competência) Saber gerir os resíduos florestais tendo em vista a eficiência económica e a sustentabilidade da floresta.</p>	<p>Percepção de capacidade de gestão dos resíduos florestais tendo em vista a eficiência económica e a sustentabilidade da floresta.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências em áreas onde se registaram evoluções técnicas e normativas: "Gestão Florestal Sustentável e Certificação"; "Mercado e Comercialização de Madeiras"; "Inventariação e Comercialização de material lenhoso";</p>	<p>(Competência) Saber inventariar material lenhoso, tendo em vista a sua comercialização.</p>	<p>Percepção de capacidade de inventariação de material lenhoso, tendo em vista a sua comercialização.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Competência) Saber apoiar tecnicamente o produtor florestal tendo em vista a rentabilização das respectivas propriedades.</p>	<p>Percepção de capacidade de apoio técnico ao produtor florestal, tendo em vista a rentabilização das respectivas propriedades.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Competência) Saber apoiar tecnicamente o produtor florestal no domínio da gestão cinegética.</p>	<p>Percepção de capacidade de apoio técnico ao produtor florestal no domínio da gestão cinegética.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Competência) Saber apoiar tecnicamente o produtor florestal no domínio da exploração de cogumelos silvestres.</p>	<p>Percepção de capacidade de apoio técnico ao produtor florestal no domínio da exploração de cogumelos silvestres.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Competência) Saber apoiar tecnicamente o produtor florestal no domínio das plantas aromáticas, medicinais e ornamentais.</p>	<p>Percepção de capacidade de apoio técnico ao produtor florestal no domínio das plantas aromáticas, medicinais e ornamentais.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Objectivo) Aumentar a sustentabilidade financeira das OPF's.</p>	<p>Percepção de melhoria da sustentabilidade financeira das OPF's.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Objectivo) Aumentar a sustentabilidade financeira das OPF's.</p>	<p>Melhoria da sustentabilidade financeira das OPF's.</p>	<p>RECOLHA DE DADOS</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Objectivo) Aumentar a sustentabilidade financeira das OPF's.</p>	<p>Percepção de aumento do nº de associados.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Objectivo) Aumentar a sustentabilidade financeira das OPF's.</p>	<p>Percepção de aumento dos serviços prestados a associados.</p>	<p>RECOLHA DE DADOS</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Objectivo) Aumentar a sustentabilidade financeira das OPF's.</p>	<p>Aumento dos serviços prestados a associados.</p>	<p>RECOLHA DE DADOS</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Competência) Saber utilizar o Marketing enquanto ferramenta de gestão que aumenta a competitividade da OPF.</p>	<p>Percepção de capacidade de utilização do Marketing enquanto ferramenta de gestão que aumenta a competitividade e sustentabilidade da OPF.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Competência) Saber utilizar o Lobbying enquanto ferramenta de gestão que aumenta a competitividade e sustentabilidade da OPF.</p>	<p>Percepção de capacidade de utilização do Lobbying enquanto ferramenta de gestão que aumenta a competitividade e sustentabilidade da OPF.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Objectivo) Promoção de reflexões conjuntas, tendo em vista o reforço do movimento associativo.</p>	<p>Percepção de reforço do movimento associativo, por via do aumento dos contactos inter-associativo.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Objectivo) Promoção de reflexões conjuntas, tendo em vista o reforço do movimento associativo.</p>	<p>Percepção de reforço do movimento associativo, por via da maior profissionalização na gestão das OPF's.</p>	<p>QUESTÃO</p>
<p>Dotar os técnicos de conhecimentos e competências para a consultoria e apoio técnico ao produtor florestal no sentido de o ajudar a rentabilizar a sua actividade florestal no período de crescimento activo da sua floresta, em particular na obtenção de mais valias através do uso múltiplo: "Gestão Cinegética"; "Exploração de cogumelos silvestres"; "Plantas aromáticas, medicinais e ornamentais";</p>	<p>(Objectivo) Promoção de reflexões conjuntas, tendo em vista o reforço do movimento associativo.</p>	<p>Elaboração de uma estratégia de Lobbying inter-associativa.</p>	<p>RECOLHA DE DADOS</p>

NOTAS SOBRE **Quadro de Indicadores**

1. A “FONTE” utilizada no Quadro de Indicadores é o Diagnóstico de Necessidade de Formação da FÓRESTIS e a formulação das directrizes de objectivos/metapas para o Plano de Formação (2004-2006) nele constante;
2. O campo “Objectivos a alcançar/Competências genéricas a desenvolver” foi concebido a partir da “FONTE”, com o envolvimento de toda a equipa de projecto. Pretende traduzir os objectivos e competências gerais constantes na formulação das directrizes de objectivos/metapas para o Plano de Formação (2004-2006) – no mesmo constam objectivos e competências que foi decidido avaliar no presente estudo;
3. O campo “INDICADOR” diz respeito à forma como poderão ser levantados dados sobre o grau de alcance de objectivos/apropriação das competências genéricas;
4. O campo “Como medir?” mostra a forma como poderão ser recolhidos os dados relativos ao indicador.
5. O Quadro de Indicadores encontra-se na base da construção dos instrumentos de recolha de dados.

ANEXO 2
(Exemplo de Perfil de Competências
Visadas utilizado no estudo)



POPULAÇÃO: Proprietários florestais

OBJECTIVOS PEDAGÓGICOS		COMPETÊNCIAS VISADAS
GERAIS	<p>Esta acção de formação tem como objectivos o aperfeiçoamento, a aquisição de conhecimentos sobre o sector apícola; biologia, patologia e alimentação da abelha; os produtos apícolas e a sua comercialização; investimentos e legislação, bem como os maneios necessários para a obtenção de uma boa produção. Pretende-se que os proprietários que frequentem esta acção de formação, descrevam a dinâmica de uma colmeia e de uma forma autónoma sejam capazes de a gerir.</p>	<ol style="list-style-type: none">1. Saber desenvolver a actividade apícola tendo em vista a máxima produção.2. Saber identificar os produtos apícolas (cera, propolis, geleia real, veneno, pólen e mel).3. Saber efectuar a análise sensorial do mel (prova organoléptica).4. Saber descrever o funcionamento de uma colmeia móvel.5. Saber instalar um apiário.6. Saber fazer o desdobramento de colmeias.7. Saber identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao maneio.8. Saber descrever a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame.9. Saber identificar quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola.10. Saber identificar as principais doenças das abelhas.11. Saber identificar produtos para o tratamento de doenças das abelhas.12. Saber identificar a principal legislação apícola.13. Saber identificar aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas.14. Saber identificar a importância do associativismo para a apicultura.15. Saber identificar os investimentos nos apiários e os apoios existentes.
ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none">• Definir e reconhecer o sector apícola;• Indicar a evolução, estado actual e tendência do sector apícola;• Descrever o comportamento da biologia da abelha melífera;• Identificar a principal flora apícola e a alimentação da abelha;• Compreender o comportamento da abelha;• Enumerar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao maneio;• Instalar um apiário;• Enumerar os vários produtos e as patologias apícolas;• Fazer o maneio geral das abelhas;• Descrever a transumância em apicultura;• Indicar os maneios específicos;• Definir a legislação apícola;• Escolher e enumerar formas de comercialização de produtos apícolas;• Valorizar a comercialização e o marketing dos produtos apícolas;• Identificar os apoios ao investimento do apiário;• Conhecer formas de investimento.	

NOTAS SOBRE

Perfis de Competências Visadas

1. Os OBJECTIVOS PEDAGÓGICOS são uma transcrição do constante nos referenciais de formação das respectivas Acções de Formação;
2. As COMPETÊNCIAS VISADAS foram estabelecidas no decorrer do presente estudo, tendo por base a formulação dos objectivos, entendidos como competências a desenvolver. Neste processo participaram as equipas da Bee Consulting e da FORESTIS. Na sua fase final os formadores de diferentes cursos foram também convidados a emitir um feedback sobre as competências visadas;
3. As COMPETÊNCIAS VISADAS constituem um dos suportes da construção dos instrumentos de recolha de dados.

ANEXO 3
(Matriz da relação entre cursos e
objectivos previstos no Plano de Formação)

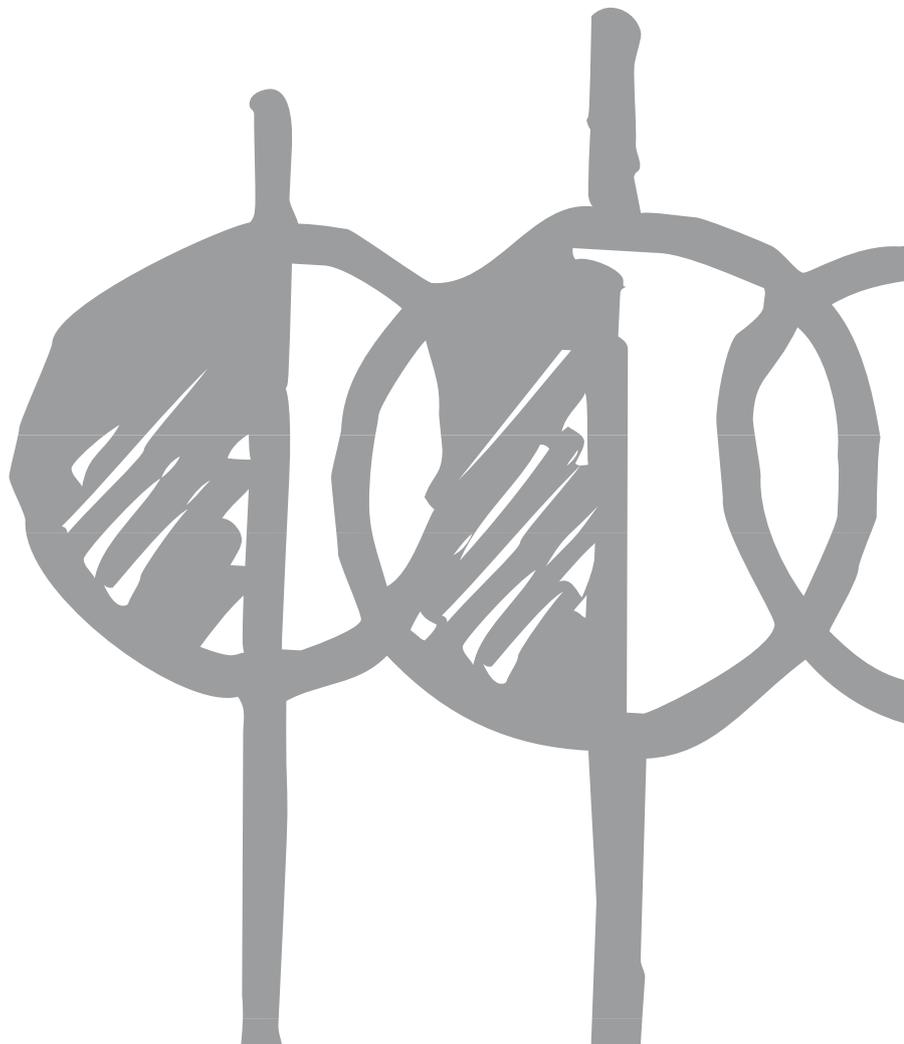


NOTAS SOBRE

Matriz da relação entre cursos e objectivos previstos no Plano de Formação

1. Este documento é uma matriz onde está representada a relação entre os cursos e a potencial influência nos objectivos previstos no Plano de Formação da FORESTIS (2004-2006);
2. Os objectivos são uma transcrição do Quadro de Indicadores (ver ANEXO 1);
3. Apesar de aqui serem referidos como objectivos, de facto, alguns deles são competências gerais, mas que eram consideradas como objectivos a desenvolver no Plano de Formação;
4. Esta relação cursos/objectivos foi estabelecida pelas equipas da Bee Consulting e FORESTIS, em estrita colaboração, na fase inicial do projecto, tendo sido utilizada para construção dos instrumentos de levantamento de dados;
5. Foram considerados três graus de relação entre os cursos e os objectivos do Plano de Formação:
 - I – Ligeira relação entre o curso e o objectivo;
 - II – Média relação entre o curso e o objectivo;
 - III – Grande relação entre o curso e o objectivo.

ANEXO 4
(Exemplo de “Grelhas de entrevista”
utilizada no estudo)



Grelha de Entrevista

- Proprietários -

- Curso: "Apicultura" - Cávado (PL) -

A Bee Consulting, em colaboração com a **FORESTIS – Associação Florestal de Portugal**, está a realizar um estudo que visa avaliar o sucesso do Plano de Formação executado entre 2004 e 2006. Para isso vai administrar questionários e efectuar entrevistas que visam recolher as percepções do impacto que a formação teve nos seus participantes e respectivos contextos laborais.

Enquanto formando poderá fornecer-nos informações relevantes para o estudo em causa.

Da sinceridade que utilizar vai depender a qualidade do estudo que vamos realizar. Procure ser claro(a) na forma como responde às questões.

Preencher o círculo (O) em função da resposta que considera adequada.

QUESTÃO 1 – Até que ponto considera que **detém** as capacidades e conhecimentos que a seguir descrevemos? **Assinale também a sua percepção relativamente ao contributo que a formação que frequentou terá tido para uma eventual melhoria.**

1.1. Saber desenvolver a actividade apícola tendo em vista a máxima produção.	Não sabe desenvolver a actividade apícola tendo em vista a máxima produção.	Desenvolve a actividade apícola tendo em vista a máxima produção. No entanto apresenta dificuldades ou não os valoriza.	Desenvolve a actividade apícola tendo em vista a máxima produção com grau de domínio satisfatório.	Desenvolve a actividade apícola tendo em vista a máxima produção com um grau de domínio bastante satisfatório.	Desenvolve a actividade apícola tendo em vista a máxima produção e utiliza esse saber como ferramenta essencial para a gestão das suas propriedades.	Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou		
	①	②	③	④	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:									
1.2. Saber identificar os produtos apícolas (cera, propolis, geleia real, veneno, pólen e mel).	Não sabe identificar os principais produtos apícolas.	Sabe identificar os principais produtos apícolas. No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Identifica os principais produtos apícolas com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Identifica os principais produtos apícolas com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Identifica os principais produtos apícolas e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou		
	①	②	③	④	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:									
1.3. Saber efectuar a análise sensorial do mel (prova organoléptica).	Não sabe efectuar a análise sensorial do mel (prova organoléptica). Nunca o fez.	Sabe efectuar a análise sensorial do mel (prova organoléptica). No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Efectua a análise sensorial do mel (prova organoléptica) com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Efectua a análise sensorial do mel (prova organoléptica) com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Efectua a análise sensorial do mel (prova organoléptica) e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou		
	①	②	③	④	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:									
1.4. Saber descrever o funcionamento de uma colmeia móvel.	Não sabe descrever o funcionamento de uma colmeia móvel.	Sabe descrever o funcionamento de uma colmeia móvel. No entanto apresenta dificuldades ou na sua identificação ou na utilização desse saber.	Descreve o funcionamento dinâmico de uma colmeia com grau de domínio satisfatório. Valoriza este saber.	Descreve o funcionamento de uma colmeia móvel com um grau de domínio bastante satisfatório e bastante consistência na utilização desse saber.	Descreve o funcionamento de uma colmeia móvel e utiliza esse saber como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou		
	①	②	③	④	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:									
1.5. Saber instalar um apiário.	Não sabe instalar um apiário. Nunca o fez.	Sabe instalar um apiário. No entanto apresenta dificuldades nessas tarefas.	Sabe instalar um apiário com grau de qualidade satisfatória.	Sabe instalar um apiário com um grau de qualidade bastante satisfatório.	Sabe instalar um apiário com elevada qualidade. Estas actividades estão perfeitamente integradas na gestão das suas propriedades.	Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou		
	①	②	③	④	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:									



1.6. Saber fazer o desdobramento de colmeias.	Não sabe fazer o desdobramento de colmeias. Nunca o fez.	Sabe fazer o desdobramento de colmeias. No entanto apresenta dificuldades nessas tarefas.	Sabe fazer o desdobramento de colmeias com grau de qualidade satisfatória.	Sabe fazer o desdobramento de colmeias com um grau de qualidade bastante satisfatório.	Sabe fazer o desdobramento de colmeias com elevada qualidade. Estas actividades estão perfeitamente integradas na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.7. Saber identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo.	Não sabe identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo. Nunca utiliza estes equipamentos.	Sabe identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo. No entanto apresenta dificuldades na sua utilização.	Sabe identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo com grau de domínio satisfatória.	Sabe identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo com um grau de domínio bastante satisfatório.	Sabe identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo com elevada domínio.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.8. Saber descrever a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame.	Não sabe descrever a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame.	Sabe descrever a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame. No entanto apresenta dificuldades ou na sua identificação ou na utilização desse saber.	Descreve a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame com grau de domínio satisfatório. Valoriza este saber.	Descreve a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame com um grau de domínio bastante satisfatório e bastante consistência na utilização desse saber.	Descreve a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame e utiliza esse saber como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.9. Saber identificar quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola.	Não sabe identificar quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola.	Sabe identificar quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola. No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Identifica quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Identifica quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Identifica quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.10. Saber identificar as principais doenças das abelhas.	Não sabe identificar as principais doenças das abelhas.	Sabe identificar as principais doenças das abelhas. No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Identifica as principais doenças das abelhas com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Identifica as principais doenças das abelhas com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Identifica as principais doenças das abelhas e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.11. Saber identificar produtos para o tratamento de doenças das abelhas.	Não sabe identificar produtos para o tratamento de doenças das abelhas.	Sabe identificar produtos para o tratamento de doenças das abelhas. No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Identifica produtos para o tratamento de doenças das abelhas com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Identifica produtos para o tratamento de doenças das abelhas com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Identifica produtos para o tratamento de doenças das abelhas e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.12. Saber identificar a principal legislação apícola.	Não sabe identificar a principal legislação apícola.	Sabe identificar a principal legislação apícola. No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Identifica a principal legislação apícola com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Identifica a principal legislação apícola com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Identifica a principal legislação apícola e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										

1.13. Saber identificar aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas.	Não é capaz de identificar aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas.	Identifica aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas. No entanto revela dificuldades ou não os valoriza.	Identifica aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas com um grau satisfatório, atribuindo-lhes valor.	Identifica aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas. Atribui-lhes muito valor.	Identifica aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas sem dificuldades e utiliza esse saber como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
	①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES:

1.14. Saber identificar a importância do associativismo para a apicultura.	Não é capaz de identificar a importância do associativismo para a apicultura.	Identifica a importância do associativismo para a apicultura. No entanto revela dificuldades ou não o valoriza.	Identifica a importância do associativismo para a apicultura com um grau satisfatório, atribuindo-lhe valor.	Identifica a importância do associativismo para a apicultura. Atribui-lhe muito valor.	Identifica a importância do associativismo para a apicultura sem dificuldades e utiliza esse saber como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
	①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES:

1.15. Saber identificar os investimentos nos apiários e os apoios existentes.	Não é capaz de identificar os investimentos nos apiários e os apoios existentes.	Identifica os investimentos nos apiários e os apoios existentes. No entanto revela dificuldades.	Identifica os investimentos nos apiários e os apoios existentes com um grau satisfatório.	Identifica os investimentos nos apiários e os apoios existentes com um grau bastante satisfatório.	Identifica os investimentos nos apiários e os apoios existentes sem dificuldades e utiliza esse saber como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
	①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES:

QUESTÃO 2 – Por comparação com o ano de 2003 ou anos anteriores (à data de realização do curso que frequentou) como perceciona a sustentabilidade ecológica da floresta (tenha em consideração as suas propriedades)? **Assinale também a sua percepção relativamente ao contributo que a formação que frequentou terá tido para uma eventual melhoria.**

Não há sustentabilidade ecológica da floresta.	Mantém-se o grau de sustentabilidade ecológica da floresta.	Há uma ligeira melhoria da sustentabilidade ecológica da floresta.	Há melhorias da sustentabilidade ecológica da floresta.	Há uma clara melhoria da sustentabilidade ecológica da floresta.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES:

QUESTÃO 3 – Por comparação com o ano de 2003 ou anos anteriores (à data de realização do curso que frequentou) como perceciona a evolução da produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação (tenha em consideração as suas propriedades)? **Assinale também a sua percepção relativamente ao contributo que a formação que frequentou terá tido para uma eventual melhoria.**

Regista-se uma redução da produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação.	Mantém-se o mesmo tipo de produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação.	Há uma ligeira melhoria da produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação.	Há melhorias da produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação.	Há uma clara melhoria de produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES: Registrar dados, caso eles existam...

QUESTÃO 4 – Por comparação com o ano de 2003 ou anos anteriores (à data de realização do curso que frequentou) como perceciona a evolução da rentabilidade da floresta pelo “uso múltiplo” (tenha em consideração as suas propriedades)? **Assinale também a sua percepção relativamente ao contributo que a formação que frequentou terá tido para uma eventual melhoria.**

Não utiliza o “uso múltiplo” na exploração da floresta.	Mantém-se o mesmo tipo de rentabilidade da floresta, mesmo com o “uso múltiplo”.	Há uma ligeira melhoria na rentabilidade da floresta, com o “uso múltiplo”, que começou a realizar c/ o curso (ou passou a rentabilizar melhor).	Há melhorias na rentabilidade da floresta, com o “uso múltiplo”, que começou a realizar c/ o curso (ou passou a rentabilizar melhor).	Há uma clara melhoria na rentabilidade da floresta com o “uso múltiplo”, que começou a realizar c/ o curso (ou passou a rentabilizar melhor).	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES: Registrar dados, caso eles existam...

QUESTÃO 5 – Questões sobre a relação do proprietário com a OPF.**QUESTÃO 5.1 – É associado da OPF?**

Sim	Não	Desde quando?	Qual o contributo da participação no curso para inscrição/manutenção da inscrição como sócio?	
			Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou
			① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

QUESTÃO 5.2 – Para além do curso(s) que frequentou, nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006, participou, enquanto produtor florestal em eventos técnicos (seminários/visitas de campo/etc.)? Quantas vezes?

2003	2004	2005	2006	Qual o contributo da participação no curso para inscrição/manutenção da inscrição como sócio?	
				Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou
				① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

QUESTÃO 5.3 – Para além do curso(s) que frequentou, nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006 recorreu aos serviços prestados pela OPF? Quantas vezes?

2003	2004	2005	2006	Qual o contributo da participação no curso para inscrição/manutenção da inscrição como sócio?	
				Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou
				① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

QUESTÃO 6 – Que sugestões daria à equipa da FORESTIS para próximos projectos formativos?

OBRIGADO POR TER RESPONDIDO À ENTREVISTA

ANEXO 5
(exemplo de Questionário – segunda
fonte – utilizado no estudo)



Questionário

- Técnico OPF -

- Curso: "Apicultura" - Cávado (PL) -

A Bee Consulting, em colaboração com a **FORESTIS – Associação Florestal de Portugal**, está a realizar um estudo que visa avaliar o sucesso do Plano de Formação executado entre 2004 e 2006. Para isso vai administrar questionários e efectuar entrevistas que visam recolher as percepções do impacto que a formação teve nos seus participantes e respectivos contextos laborais.

Enquanto técnico da região em que os participantes exercem as respectivas actividades laborais poderá fornecer-nos informações relevantes para o estudo em causa.

Da sinceridade que utilizar vai depender a qualidade do estudo que vamos realizar. Procure ser claro(a) na forma como responde às questões. Caso tenha dúvidas significativas na resposta a dar, não responda e passe a questão seguinte.

Preencher o círculo (O) em função da resposta que considera adequada.

QUESTÃO 1 – Até que ponto considera que o participante em análise **detém** as capacidades e conhecimentos que a seguir descrevemos? **Assinale também a sua percepção relativamente ao contributo que a formação terá tido para uma eventual melhoria.**

1.1. Saber desenvolver a actividade apícola tendo em vista a máxima produção.	Não sabe desenvolver a actividade apícola tendo em vista a máxima produção.	Desenvolve a actividade apícola tendo em vista a máxima produção. No entanto apresenta dificuldades ou não os valoriza.	Desenvolve a actividade apícola tendo em vista a máxima produção com grau de domínio satisfatório.	Desenvolve a actividade apícola tendo em vista a máxima produção com um grau de domínio bastante satisfatório.	Desenvolve a actividade apícola tendo em vista a máxima produção e utiliza esse saber como ferramenta essencial para a gestão das suas propriedades.	Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou			
	0	1	2	3	4	1	2	3	4	5
OBSERVAÇÕES:										
1.2. Saber identificar os produtos apícolas (cera, propolis, geleia real, veneno, pólen e mel).	Não sabe identificar os principais produtos apícolas.	Sabe identificar os principais produtos apícolas. No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Identifica os principais produtos apícolas com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Identifica os principais produtos apícolas com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Identifica os principais produtos apícolas e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou			
	0	1	2	3	4	1	2	3	4	5
OBSERVAÇÕES:										
1.3. Saber efectuar a análise sensorial do mel (prova organoléptica).	Não sabe efectuar a análise sensorial do mel (prova organoléptica). Nunca o fez.	Sabe efectuar a análise sensorial do mel (prova organoléptica). No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Efectua a análise sensorial do mel (prova organoléptica) com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Efectua a análise sensorial do mel (prova organoléptica) com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Efectua a análise sensorial do mel (prova organoléptica) e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou			
	0	1	2	3	4	1	2	3	4	5
OBSERVAÇÕES:										
1.4. Saber descrever o funcionamento de uma colmeia móvel.	Não sabe descrever o funcionamento de uma colmeia móvel.	Sabe descrever o funcionamento de uma colmeia móvel. No entanto apresenta dificuldades ou na sua identificação ou na utilização desse saber.	Sabe descrever o funcionamento de uma colmeia móvel. No entanto apresenta dificuldades ou na sua identificação ou na utilização desse saber.	Descreve o funcionamento de uma colmeia móvel com um grau de domínio bastante satisfatório e bastante consistência na utilização desse saber.	Descreve o funcionamento de uma colmeia móvel e utiliza esse saber como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou			
	0	1	2	3	4	1	2	3	4	5
OBSERVAÇÕES:										
1.5. Saber instalar um apiário.	Não sabe instalar um apiário. Nunca o fez.	Sabe instalar um apiário. No entanto apresenta dificuldades nessas tarefas.	Sabe instalar um apiário com grau de qualidade satisfatória.	Sabe instalar um apiário com um grau de qualidade bastante satisfatório.	Sabe instalar um apiário com elevada qualidade. Estas actividades estão perfeitamente integradas na gestão das suas propriedades.	Pouco contributo do curso que frequentou	Muito contributo do curso que frequentou			
	0	1	2	3	4	1	2	3	4	5
OBSERVAÇÕES:										



1.6. Saber fazer o desdobramento de colmeias.	Não sabe fazer o desdobramento de colmeias. Nunca o fez.	Sabe fazer o desdobramento de colmeias. No entanto apresenta dificuldades nessas tarefas.	Sabe fazer o desdobramento de colmeias com grau de qualidade satisfatória.	Sabe fazer o desdobramento de colmeias com um grau de qualidade bastante satisfatório.	Sabe fazer o desdobramento de colmeias com elevada qualidade. Estas actividades estão perfeitamente integradas na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.7. Saber identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo.	Não sabe identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo. Nunca utiliza estes equipamentos.	Sabe identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo. No entanto apresenta dificuldades na sua utilização.	Sabe identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo com grau de domínio satisfatória.	Sabe identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo com um grau de domínio bastante satisfatório.	Sabe identificar os diferentes materiais e equipamentos indispensáveis ao manejo com elevada domínio.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.8. Saber descrever a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame.	Não sabe descrever a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame.	Sabe descrever a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame. No entanto apresenta dificuldades ou na sua identificação ou na utilização desse saber.	Descreve a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame com grau de domínio satisfatório. Valoriza este saber.	Descreve a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame com um grau de domínio bastante satisfatório e bastante consistência na utilização desse saber.	Descreve a biologia, a morfologia, as raças da abelha melífera e a constituição do enxame e utiliza esse saber como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.9. Saber identificar quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola.	Não sabe identificar quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola.	Sabe identificar quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola. No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Identifica quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Identifica quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Identifica quais os tipos de alimentação e identificar a principal flora apícola e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.10. Saber identificar as principais doenças das abelhas.	Não sabe identificar as principais doenças das abelhas.	Sabe identificar as principais doenças das abelhas. No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Identifica as principais doenças das abelhas com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Identifica as principais doenças das abelhas com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Identifica as principais doenças das abelhas e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.11. Saber identificar produtos para o tratamento de doenças das abelhas.	Não sabe identificar produtos para o tratamento de doenças das abelhas.	Sabe identificar produtos para o tratamento de doenças das abelhas. No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Identifica produtos para o tratamento de doenças das abelhas com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Identifica produtos para o tratamento de doenças das abelhas com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Identifica produtos para o tratamento de doenças das abelhas e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										
1.12. Saber identificar a principal legislação apícola.	Não sabe identificar a principal legislação apícola.	Sabe identificar a principal legislação apícola. No entanto apresenta dificuldades ou não lhes atribui importância.	Identifica a principal legislação apícola com grau de domínio satisfatório. Atribui valor a este saber.	Identifica a principal legislação apícola com um grau de domínio bastante satisfatório. Atribui-lhe muito valor.	Identifica a principal legislação apícola e utiliza esses conhecimentos como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou			
	①	②	③	④	⑤	①	②	③	④	⑤
OBSERVAÇÕES:										

1.13. Saber identificar aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas.	Não é capaz de identificar aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas.	Identifica aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas. No entanto revela dificuldades ou não os valoriza.	Identifica aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas com um grau satisfatório, atribuindo-lhes valor.	Identifica aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas. Atribui-lhes muito valor.	Identifica aspectos fundamentais da comercialização dos produtos apícolas sem dificuldades e utiliza esse saber como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
	①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES:

1.14. Saber identificar a importância do associativismo para a apicultura.	Não é capaz de identificar a importância do associativismo para a apicultura.	Identifica a importância do associativismo para a apicultura. No entanto revela dificuldades ou não o valoriza.	Identifica a importância do associativismo para a apicultura com um grau satisfatório, atribuindo-lhe valor.	Identifica a importância do associativismo para a apicultura. Atribui-lhe muito valor.	Identifica a importância do associativismo para a apicultura sem dificuldades e utiliza esse saber como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
	①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES:

1.15. Saber identificar os investimentos nos apiários e os apoios existentes.	Não é capaz de identificar os investimentos nos apiários e os apoios existentes.	Identifica os investimentos nos apiários e os apoios existentes. No entanto revela dificuldades.	Identifica os investimentos nos apiários e os apoios existentes com um grau satisfatório.	Identifica os investimentos nos apiários e os apoios existentes com um grau bastante satisfatório.	Identifica os investimentos nos apiários e os apoios existentes sem dificuldades e utiliza esse saber como componente essencial na gestão das suas propriedades.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
	①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES:

QUESTÃO 2 – Por comparação com o ano de 2003 ou anos anteriores (à data de realização do curso que frequentou) como perceciona a sustentabilidade ecológica da floresta (tenha em consideração as propriedades do participante em análise)? **Assinale também a sua percepção relativamente ao contributo que a formação que o participante em análise frequentou terá tido para uma eventual melhoria.**

Não há sustentabilidade ecológica da floresta.	Mantém-se o grau de sustentabilidade ecológica da floresta.	Há uma ligeira melhoria da sustentabilidade ecológica da floresta.	Há melhorias da sustentabilidade ecológica da floresta.	Há uma clara melhoria da sustentabilidade ecológica da floresta.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES:

QUESTÃO 3 – Por comparação com o ano de 2003 ou anos anteriores (à data de realização do curso que frequentou) como perceciona a evolução da produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação (tenha em consideração a actividade do participante em análise)? **Assinale também a sua percepção relativamente ao contributo que a formação que o participante em análise frequentou terá tido para uma eventual melhoria.**

Regista-se uma redução da produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação.	Mantém-se o mesmo tipo de produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação.	Há uma ligeira melhoria da produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação.	Há melhorias da produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação.	Há uma clara melhoria de produção de mel com potencialidade (garantia) de certificação.	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES: Registrar dados, caso eles existam...

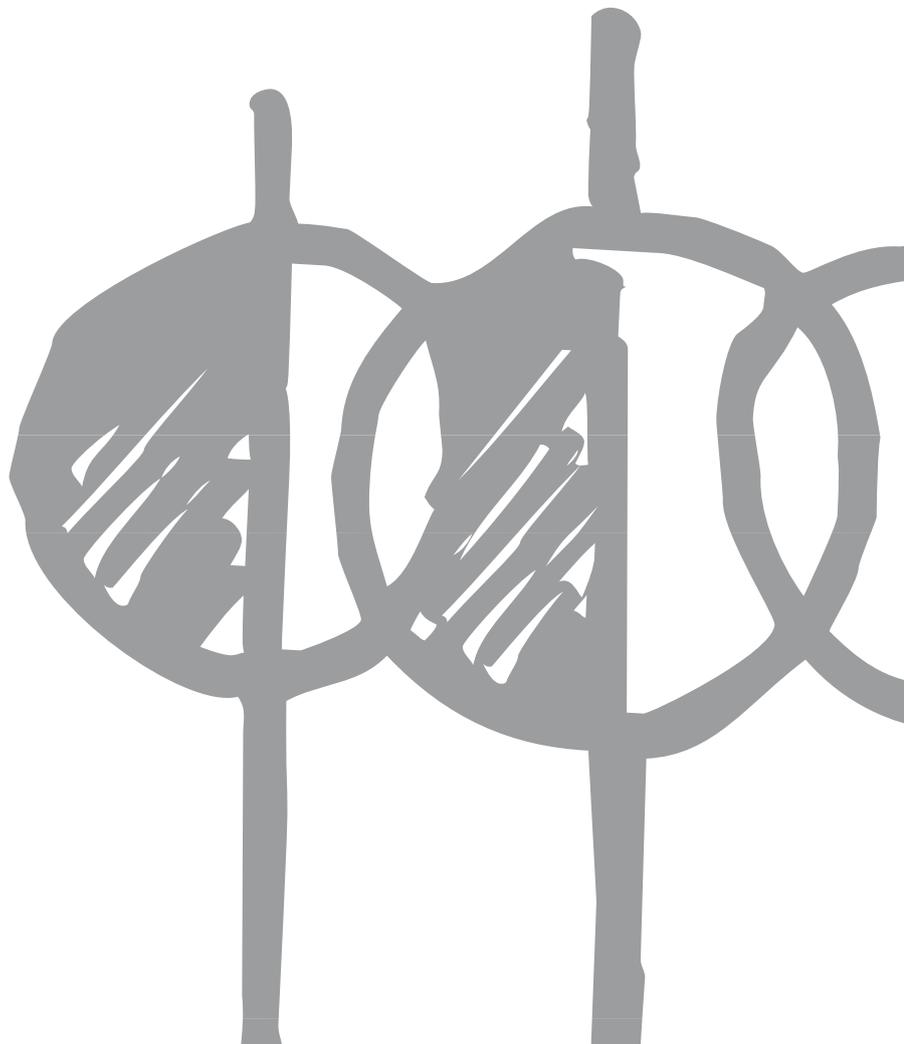
QUESTÃO 4 – Por comparação com o ano de 2005 ou anos anteriores (à data de realização do curso que frequentou) como perceciona a evolução da rentabilidade da floresta pelo “uso múltiplo” (tenha em consideração as propriedades do participante em análise)? **Assinale também a sua percepção relativamente ao contributo que a formação que o participante em análise frequentou terá tido para uma eventual melhoria.**

Não utiliza o “uso múltiplo” na exploração da floresta.	Mantém-se o mesmo tipo de rentabilidade da floresta, mesmo com o “uso múltiplo”.	Há uma ligeira melhoria na rentabilidade da floresta, com o “uso múltiplo”, que começou a realizar c/ o curso (ou passou a rentabilizar melhor).	Há melhorias na rentabilidade da floresta, com o “uso múltiplo”, que começou a realizar c/ o curso (ou passou a rentabilizar melhor).	Há uma clara melhoria na rentabilidade da floresta com o “uso múltiplo”, que começou a realizar c/ o curso (ou passou a rentabilizar melhor).	Pouco contribuiu do curso que frequentou	Muito contribuiu do curso que frequentou
①	②	③	④	⑤	① ② ③ ④ ⑤	① ② ③ ④ ⑤

OBSERVAÇÕES: Registrar dados, caso eles existam...

OBRIGADO POR TER RESPONDIDO AO QUESTIONÁRIO

ANEXO 6
(Questionário de recolha de dados
nas OPF's, utilizado no estudo)



Questionário

A Bee Consulting, em colaboração com a **FORESTIS – Associação Florestal de Portugal**, está a realizar um estudo que visa avaliar o sucesso do Plano de Formação executado entre 2004 e 2006. Para isso vai administrar questionários e efectuar entrevistas que visam recolher as percepções do impacto que a formação teve nos seus participantes e respectivos contextos laborais.

Enquanto técnico de uma Associação que colaborou com a FORESTIS na execução do referido Plano, poderá fornecer-nos informações relevantes para o estudo em causa.

Da sinceridade que utilizar vai depender a qualidade do estudo que vamos realizar. Procure ser claro(a) na forma como responde às questões. Caso tenha dúvidas significativas na resposta a dar, não responda e passe a questão seguinte.

Preencher o círculo (○) em função da resposta que considera adequada.

NOME: _____

ASSOCIAÇÃO: _____

QUESTÃO 1 – Qual a evolução do número de associados nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006? Assinale também a sua percepção relativamente ao contributo que a formação realizada na Associação terá tido para uma eventual melhoria.

2003	2004	2005	2006

QUESTÃO 2 – Qual a “rotatividade” do pessoal da OPF que frequentou Accções de Formação do Plano em Avaliação (recorrer a Lista de Técnicos da OPF que participaram na formação)?

Número de Técnicos que participaram em formação	Número de Técnicos que participaram em formação e <u>que deixaram de pertencer aos quadros da OPF</u>	Número de Técnicos que participaram em formação e <u>que deixaram de pertencer aos quadros da OPF, mas continuam a prestar serviços à OPF</u>

QUESTÃO 3 – Qual a evolução do número de sapadores formados nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006?

3.1 – Número total de sapadores da Associação: _____

3.2 – Número de sapadores com **FORMAÇÃO INICIAL REALIZADA** nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006:

2003	2004	2005	2006

3.3 – Número de sapadores com **FORMAÇÃO COMPLEMENTAR REALIZADA** nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006:

2003	2004	2005	2006



QUESTÃO 4 – Qual a evolução da área (hectares) em que foi utilizada a ferramenta “fogo controlado” para gestão de combustíveis, nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006?

2003	2004	2005	2006

QUESTÃO 5 – Qual a evolução da participação dos produtores florestais em eventos técnicos (seminários/visitas de campo/etc.) nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006?

2003	2004	2005	2006

– Caso a Associação não detenha dados sobre este assunto, qual a percepção que tem relativamente à evolução da participação dos produtores florestais em eventos técnicos (seminários/visitas de campo/etc.) nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006?

Piorou.	Manteve-se.	Melhorou ligeiramente.	Melhorou.	Melhorou significativamente.
①	①	②	③	④

QUESTÃO 6 – Qual a evolução do recurso (dos proprietários) aos serviços prestados pela OPF nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006?

2003	2004	2005	2006

– Caso a Associação não detenha dados sobre este assunto, qual a percepção que tem relativamente à evolução do recurso (dos proprietários) aos serviços prestados pela Associação nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006?

Piorou.	Manteve-se.	Melhorou ligeiramente.	Melhorou.	Melhorou significativamente.
①	①	②	③	④

QUESTÃO 7 – Qual a evolução dos resultados da Avaliação de Desempenho nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006?

2003	2004	2005	2006

– Caso a Associação não detenha dados sobre este assunto, qual a percepção que tem relativamente à evolução dos resultados da Avaliação de Desempenho nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006?

Piorou.	Manteve-se.	Melhorou ligeiramente.	Melhorou.	Melhorou significativamente.
①	①	②	③	④

QUESTÃO 8 – Qual a evolução do número de acidentes de trabalho (função sapador) nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006?

2003	2004	2005	2006

– Caso a Associação não detenha dados sobre este assunto, qual a percepção que tem relativamente à evolução do número de acidentes de trabalho (função sapador) nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006?

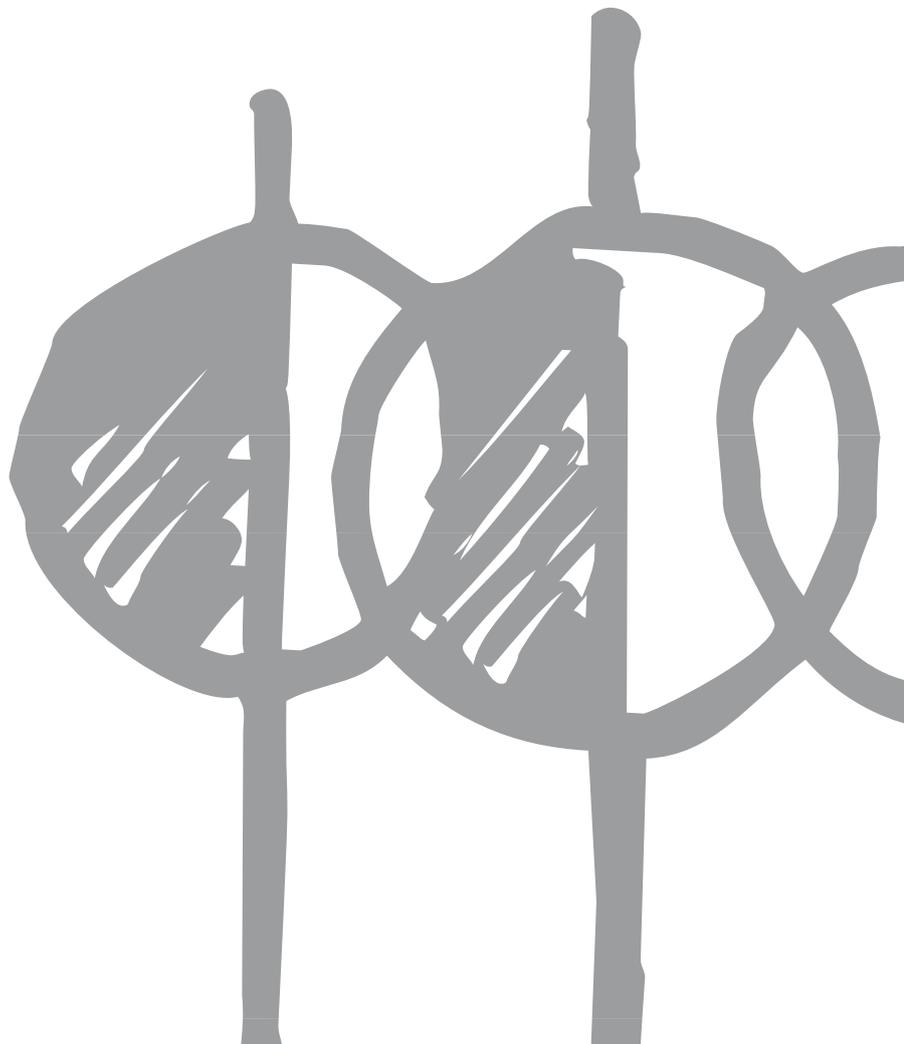
Piorou.	Manteve-se.	Melhorou ligeiramente.	Melhorou.	Melhorou significativamente.
①	①	②	③	④

QUESTÃO 9 – Que sugestões daria à equipa da FORESTIS para próximos projectos formativos?

OBRIGADO POR TER RESPONDIDO À ENTREVISTA

ANEXO 7

(Matriz da relação entre cursos e objectivos previstos no Plano de Formação – RESULTADOS)



NOTAS SOBRE

Matriz da relação entre cursos e objectivos previstos no Plano de Formação – RESULTADOS

1. Este documento é o preenchimento da “Matriz da relação entre cursos e objectivos previstos no Plano de Formação” (ANEXO 3), sendo aqui apresentados os resultados do indicador “percepção de influência e potencial de impacto” por curso/objectivo;
2. O cálculo do indicador tem por base o somatório das percentagens de respostas de grau 3 e Grau 4 da “influência do curso” no alcance de resultados – Ver Grelha de Entrevista proprietários;
Esta grelha é a base do cálculo do indicador “percepção de influência e potencial de impacto” por curso e por objectivo.



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu



Ministério
da Agricultura,
Desenvolvimento
Rural e Pescas



Programa Agro
Medida 7 – Formação Profissional
Subacção 7.3.1, Co-financiado pelo Estado
Português e pela União Europeia